

**O USO DE MÍDIAS DIGITAIS POR BEBÊS E SUAS MÃES:
OLHO NO OLHO X OLHO NA TELA**

Elisa Cardoso Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Porto Alegre, março de 2020

**O USO DE MÍDIAS DIGITAIS POR BEBÊS E SUAS MÃES:
OLHO NO OLHO X OLHO NA TELA**

Elisa Cardoso Azevedo

Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Doutora em
Psicologia sob orientação da Prof.^a Dr.^a Giana Bitencourt Frizzo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Porto Alegre, março de 2020

AGRADECIMENTOS

Esta tese tem um valor muito especial na minha vida. Foi muito prazeroso poder escolher trabalhar com um tema com o qual me identifico e gosto tanto de estudar. Foram 4 anos intensos de muita dedicação, com desafios, muito aprendizado e envolvimento, mas hoje tenho orgulho do trabalho que construí. Mas tenho plena consciência de que eu não teria conseguido desenvolver esta tese sem o apoio de pessoas tão especiais que foram fundamentais durante todo o doutorado.

Começo agradecendo a minha orientadora, Giana Frizzo, por sua presença firme e constante nos últimos 6 anos. Obrigada por acreditar no meu trabalho desde o início, quando me acolheu ainda como voluntária no teu grupo de pesquisa. Desde então o NUFABE cresceu e com ele eu também: cresci enquanto profissional e desenvolvi meu lado pesquisadora e docente, que até então eu desconhecia. Em especial, te agradeço por ter apoiado minha mudança de tema de estudo após o mestrado. Sem teu consentimento e apoio este trabalho não seria possível.

Obrigada ao NUFABE, o grupo de pesquisa mais querido. Eu certamente não poderia ter escolhido outro grupo de trabalho. Às colegas Monique, Mônica, Roberta e Patrícia, que apesar de estudarem outra temática, agradeço por se mostrarem presentes compartilhando as felicidades e as angústias que a vida acadêmica nos faz vivenciar. Em especial, agradeço a Roberta, amiga do NUFABE e do CEAPIA, que compartilhou comigo a experiência desafiadora de fazer a especialização em psicoterapia psicanalítica junto com a formação acadêmica. Tenho certeza de que tu compreendes como ninguém esta vivência de dedicação exaustiva aos estudos. Obrigada pelos momentos de trocas e desabafos.

Agradeço também ao Grupo de Tecnologias por toda dedicação e envolvimento com este projeto. Gabi Pedrotti e Manu, obrigada por serem minhas parceiras na criação do projeto. Começamos a estudar o tema sem nenhum conhecimento científico sobre ele, iniciamos um projeto do zero e hoje me orgulho de ver o quanto sabemos sobre o assunto. Fico muito feliz de ver o trabalho que iniciamos juntas se desenvolver e crescer com vocês e as novas colegas. Maíra, tu chegaste para complementar nosso grupo. Que bonito ver teu envolvimento e motivação com a temática. Obrigada pela tua parceria incansável no Estudo 2 e por traduzir a pesquisa quantitativa em uma linguagem acessível para mim. Tua ajuda foi essencial! Gabi Vescovi, tuas experiências anteriores e teu pensamento crítico agregam muito ao grupo. Ganhamos uma colega dedicada e afetiva. Obrigada por estar por perto. Helena, tua chegada no grupo me fortaleceu. Obrigada pela tua amizade sincera e presente que vai muito além do grupo de pesquisa. Tenho certeza que nosso vínculo só se fortaleceu ao

compartilharmos mais um espaço de trabalho juntas. Obrigada por me ajudar a trabalhar com o banco de dados e por ser uma parceira super dedicada no Estudo 1. Foi muito importante ter por perto. Maria Adélia, obrigada por tanto. Tua presença desde o início do projeto agregou com tuas reflexões e questionamentos sempre tão relevantes, além de toda tua bagagem cultural que só enriqueceu minha vivência na UFRGS. Obrigada pela tua dedicação e apoio nos Estudos 1 e 2 desta tese e pelas tuas palavras de confiança que me ajudaram a acreditar mais em mim. Agradeço também a todas as voluntárias que trabalharam neste projeto: Aline, Amanda, Mariana, Mariluci, Tamara, e em especial à bolsista Laura, pela identificação com o projeto, criatividade nos vídeos sobre as tecnologias e engajamento nas coletas de pesquisa. Por todas estas pessoas especiais, eu sentirei saudades do NUFABE, mas sinto que chegou a hora de colocar em prática, agora em outros espaços, tudo o que eu aprendi nos últimos anos.

Agradeço também a outros colegas da UFRGS que foram relevantes nesta trajetória: Bia Cattani, obrigada pela tua parceria desde o mestrado. Como foi bom trabalhar com alguém tão dedicada e responsável com quem me identifiquei. Agradeço pelas nossas trocas e desabafos sobre a vida de doutoranda, momentos tão necessários para sobreviver neste contexto tão competitivo. As nossas conversas e o teu apoio, para além da UFRGS, foram muito importantes para mim. Obrigada ao Thomás Gonçalves, colega e amigo, pela parceria em compartilhar as dificuldades nas aulas de estatística, pelas nossas confidências e pelos momentos em que nos divertimos rindo juntos das vivências acadêmicas. Obrigada ao Euclides Mendonça pelas aulas particulares de estatística, por me apresentar o IDADI e pelo suporte no Projeto das Tecnologias. Agradeço também à Juliana Sbicigo pelas diversas consultorias estatísticas, pela disponibilidade em testar diferentes análises e modelos estatísticos para esta tese e por auxiliar na correção da parte metodológica do Estudo 2.

Agradeço à banca pelas considerações pertinentes, adequadas, que foram colocadas com afeto e cuidado. Obrigada, Denise Bandeira, Tagma Donelli, Milena Silva e Renata Kieling, pelas contribuições já dadas e por aquelas que ainda estão por vir.

Obrigada às mães participantes desta pesquisa, por aceitarem compartilhar as suas vivências para que fosse possível a elaboração deste trabalho. Sou muito grata por ter tido a oportunidade de conhecer um pouco das suas realidades e assim, contribuir com a ciência por meio de seus relatos.

Ao CEAPIA, por valorizar minha experiência acadêmica e me permitir conciliar meu lado pesquisadora com a prática clínica. E mais recentemente, por acreditar no meu trabalho e pela confiança depositada em mim ao me convidar para o cargo de Diretora de Pesquisa do CEAPIA. Sou grata a esta segunda casa que é rodeada de afeto e que tanto me proporciona.

Em especial, agradeço aos amigos e colegas que conquistei neste lugar: Emanuele, Fernanda, Gabriela, Helena e Rodrigo. Vocês me acompanharam durante a minha ousada experiência de fazer especialização em psicoterapia psicanalítica junto com o doutorado. Obrigada pelo apoio, carinho, pelas trocas profissionais e todos os prazerosos momentos em que nos divertimos juntos. Quero vocês sempre por perto!

Obrigada aos meus pais pelo amor incondicional e incentivo aos meus estudos.

Muito obrigada ao meu marido, Ricardo, por apoiar minhas escolhas, pela compreensão nos momentos de angústia, pelo companheirismo, pela tua dedicação na nossa rotina, por compreender meus momentos de afastamento para que eu pudesse me dedicar à tese e, principalmente, por ter escolhido ficar ao meu lado na vida.

Agradeço à minha analista, Paula Sarmiento Leite, pela presença sensível, escuta acolhedora e postura afetiva. Obrigada por me acompanhar a tantos anos neste processo doloroso e necessário de crescimento emocional. Tua compreensão profunda me ajuda a crescer.

E por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de estudos disponibilizada durante todo o período do doutorado.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	8
RESUMO	9
ABSTRACT	10
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO GERAL	11
Apresentação	11
O Desenvolvimento Infantil e a Interação Mãe-Bebê	11
O Uso de Mídias Digitais por Bebês: Impacto no Desenvolvimento e nas Interações Iniciais	14
CAPÍTULO II: ESTUDO DESCRITIVO SOBRE COMO MÃES E BEBÊS BRASILEIROS FAZEM USO DAS MÍDIAS DIGITAIS	25
INTRODUÇÃO.....	25
MÉTODO	28
Participantes	28
Delineamento.....	29
Questões éticas	29
Instrumentos	29
Procedimentos	29
Análise dos dados	30
RESULTADOS	30
DISCUSSÃO	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
CAPÍTULO III: USO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELOS BEBÊS: ASSOCIAÇÕES COM O DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DO BEBÊ E A SAÚDE MENTAL MATERNA	50
INTRODUÇÃO.....	51
MÉTODO	53
Participantes	53
Delineamento.....	54
Questões éticas	54
Procedimentos	54
Instrumentos	54
Análise de Dados	56

RESULTADOS	57
DISCUSSÃO	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	66
CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO GERAL E CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	79
ANEXO A: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	88
ANEXO B: QUESTIONÁRIO DE DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS.....	91
ANEXO C: QUESTIONÁRIO SOBRE USO DE MÍDIAS	93
ANEXO D: TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	102
ANEXO E: SELF REPORT QUESTIONNAIRE (SRQ-20).....	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Modos de uso das mídias digitais.....	31
Tabela 2 - Momentos e motivos de uso das mídias digitais.....	32
Tabela 1 – Médias (DP) e Matriz de Intercorrelações entre as variáveis (n=185).....	57
Tabela 2 - Coeficientes de regressão linear múltipla de variáveis maternas associadas ao “Uso de mídias pelos bebês”	58
Tabela 3 - Médias (DP) e Matriz de Intercorrelações entre as Variáveis (n=269).....	59
Tabela 4 - Coeficientes de regressão linear múltipla de variáveis maternas associadas ao “Uso de mídias conjunto mãe-bebê”	60

RESUMO

As crianças estão começando a usar mídias digitais cada vez mais cedo e seu uso vem aumentando rapidamente. Em especial, os bebês estão se tornando especialistas na utilização das mídias digitais e se tornarão a primeira geração de nativos digitais ativos desde nascimento. No entanto, é importante considerar o efeito que essa exposição precoce pode ter no seu desenvolvimento. Por isso, a temática escolhida para esta tese aborda o uso das mídias digitais por bebês e suas mães e é composta por dois estudos. O primeiro artigo é intitulado “Estudo descritivo sobre como mães e bebês brasileiros fazem uso das mídias digitais” e teve por objetivo descrever quantitativamente o uso que mães e bebês brasileiros fazem das mídias digitais (Ex.: *smartphone*, *tablet* e TV). Foi um estudo transversal, exploratório, descritivo e quantitativo, em que participaram 435 mães brasileiras de bebês com idades entre zero e 36 meses. Os resultados mostraram que o uso de mídias digitais está associado a uma necessidade das mães e que os bebês demonstram uma demanda de interação com elas e não com as mídias. Destacou-se a importância de atentar para as interações precoces e presenciais dos bebês com seus pais, para que estas não sejam substituídas ou excessivamente mediadas por interações virtuais. O segundo estudo “Uso das mídias digitais: associações com o desenvolvimento socioemocional do bebê e a saúde mental materna”, visou investigar as associações entre o desenvolvimento socioemocional do bebê e a saúde mental materna, com o uso das mídias digitais pelos bebês. Também foi um estudo de delineamento transversal em que participaram 269 mães brasileiras de bebês com idades entre zero e 36 meses. Os dados foram coletados através de um *survey online* e os instrumentos utilizados foram o IDADI, o SRQ-20 e um questionário sobre uso de mídias digitais. Dentre os resultados foi encontrado que o uso de mídias digitais pelo bebê correlacionou-se negativamente com o desenvolvimento socioemocional, sendo que a permissão materna para que o filho utilize as mídias digitais foi a principal variável associada ao uso de mídias digitais pelo bebê. Além disso, a saúde mental materna pode ser considerada um importante fator no uso conjunto que a dupla mãe-bebê faz das mídias digitais. Acredita-se que esta pesquisa ampliou o entendimento do uso de mídias por bebês na medida em que associou este fenômeno à saúde mental materna e ao impacto que pode acarretar ao desenvolvimento socioemocional do bebê.

Palavras-chave: mídias digitais, bebês, saúde mental materna, desenvolvimento socioemocional.

ABSTRACT

Children are beginning to use digital media at an earlier age and their use is increasing rapidly. In particular, babies are becoming experts in the use of digital media and will become the first generation of active digital natives since birth. However, it is important to consider the effect that this early exposure can have on development. Therefore, the theme chosen for this thesis addresses the use of digital media by babies and their mothers and consists of two studies. The first article is entitled “Descriptive study on how Brazilian mothers and babies make use of digital media” and aimed to describe quantitatively the use that Brazilian mothers and babies aged 0-36 months use digital media (Ex .: *smartphone*, *tablet* and TV). It was a cross-sectional, exploratory, descriptive and quantitative study, in which 435 Brazilian mothers of babies aged between zero and 36 months participated. The results showed that the use of digital media is associated with a need for mothers and that babies demonstrate a demand for interaction with them and not with the media. The importance of paying attention to babies' early and face-to-face interactions with their parents was highlighted, so that they are not replaced or excessively mediated by virtual interactions. The second study “Use of digital media: associations with the baby's socioemotional development and maternal mental health” aimed to investigate the associations between the baby's socioemotional development and maternal mental health, with the use of digital media by babies. It was also a cross-sectional study in which 269 Brazilian mothers of babies aged between zero and 36 months participated. The data were collected through an online survey and the instruments used were the IDADI, the SRQ-20 and a questionnaire on the use of digital media. Among the results, it was found that the baby's use of digital media correlated negatively with socioemotional development, and maternal permission for the child to use digital media was the main variable associated with the baby's use of digital media. In addition, maternal mental health can be considered an important factor in the joint use that the mother-baby pair makes of digital media. It is believed that this research expanded the understanding of the use of media by babies as it associated this phenomenon with maternal mental health and the impact it can have on the baby's socio-emotional development.

Keywords: digital media, babies, maternal mental health, socioemotional development.

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO GERAL

Apresentação

Nos últimos anos as mídias digitais assumiram uma posição importante no cotidiano das crianças pequenas. Dispositivos como *tablets*, *smartphones* e televisão têm sido introduzidos pelas famílias cada vez mais cedo na vida dos bebês. Contudo, este uso vai contra as orientações vigentes que desencorajam o uso de telas por bebês de até 2 anos. Este fenômeno é tão complexo que tem chamado a atenção de pesquisadores em diversos lugares do mundo acerca da influência que o uso das mídias digitais pode acarretar no desenvolvimento dos bebês.

Esta temática tão intrigante chamou atenção desta psicóloga doutoranda. Antes mesmo de ingressar no doutorado, eu estava muito interessada neste recente fenômeno que é o uso de mídias por bebês. Então, ao finalizar o mestrado, me propus a desenvolver pesquisas sobre o assunto, pois identifiquei que havia uma lacuna na literatura brasileira, embora o tema já estivesse sendo investigado no contexto internacional.

Este estudo faz parte de um projeto maior intitulado “Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil” (Frizzo et al., 2017), do qual já derivaram duas dissertações: uma sobre o uso que as mães de bebês de até dois anos fazem das tecnologias e outra que contemplou mães que prescindem do uso de tecnologias com os seus bebês. Esta será a primeira tese derivada do projeto e outras teses dentro desta temática estão em andamento.

Esta tese de doutorado versa sobre o tema do uso das mídias digitais por bebês. O presente trabalho inicia com uma introdução geral com uma sucinta compreensão sobre desenvolvimento infantil e a interação mãe-bebê, além de um panorama mais amplo com os achados mais atuais sobre o uso de mídias por bebês. Posteriormente são apresentados dois artigos derivados desta tese. O primeiro é um estudo descritivo que fornece um panorama sobre como mães e bebês brasileiros fazem uso das mídias digitais. Já o segundo artigo aborda o uso das mídias digitais por bebês e traça as associações com o desenvolvimento socioemocional do bebê e com a saúde mental materna. Ao final, há uma seção de discussão em que o leitor encontrará uma articulação dos dois artigos apresentados e uma reflexão da autora sobre a temática.

O Desenvolvimento Infantil e a Interação Mãe-Bebê

As relações estabelecidas pelos bebês com os seus cuidadores, em especial a figura materna, constituíram objeto de estudo e reflexão de diversos teóricos que conferiram

importância aos primeiros anos de vida para o desenvolvimento humano (Bowlby, 1989; Brazelton, 1992; Mahler, 1979/1982; Spitz, 1965/1979; Stern, 1977; Winnicott, 1987/2006). Os bebês apresentam necessidades no início do seu desenvolvimento primitivo que são próprias da natureza humana. Em especial, os primeiros anos de vida têm extrema importância a longo prazo, visto que é o período em que os comportamentos referentes à saúde da criança começam a se estabelecer. Nesse período, as crianças ainda estão desenvolvendo suas habilidades cognitivas, linguísticas, sensório-motoras, de auto regulação e emocionais, requerendo uma exploração prática e interação social com cuidadores confiáveis para que se dê uma maturação bem-sucedida (Haugthon, Aiken, & Cheevers, 2015; Irwin, Siddiqi, & Hertzman, 2007; Radesky & Christakis, 2016). Estas necessidades precisam ser contempladas pelo ambiente em que o bebê se encontra para que ele se constitua tanto física quanto emocionalmente (Winnicott, 1990/1988).

Por ambiente, considera-se a importância do papel que a mãe¹ exerce no desenvolvimento do bebê e nas interações iniciais. Devido à profunda identificação que existe entre uma mãe e seu bebê neste período inicial, o ambiente em que o bebê se constitui é de extrema relevância para o seu desenvolvimento (Winnicott, 1956/2000). Nesse sentido, é de vital importância que a mãe, ou substituto materno, estabeleça com o seu bebê um relacionamento estável e contínuo, respeitando as necessidades dele, para que este se sinta amado e seguro (Winnicott, 1987/2006). Para que isso aconteça, é imprescindível também cuidar da mãe para que ela possa estar emocionalmente disponível para exercer uma função suficientemente boa para o bebê, para ajudá-lo a se desenvolver plenamente e, assim, estabelecer uma interação mãe-bebê saudável (Winnicott, 1956/2000).

Os primeiros anos de vida de um bebê devem ser valorizados porque são constituintes do desenvolvimento emocional posterior do sujeito. Inicialmente, há uma dependência absoluta do bebê em relação ao ambiente físico e emocional, em que não há vestígios de uma consciência dessa dependência. É o momento em que o cuidado materno se adapta ao desenvolvimento do bebê, indo ao encontro da dependência dele. No entanto, gradualmente, vai se desenvolvendo um progresso rumo à independência, em que a dependência passa a ser conhecida pelo bebê que, por consequência, adquire a capacidade de solicitar o ambiente quando necessita de atenção (Winnicott, 1965/2013). A mãe deve ser capaz de se adaptar a essas necessidades do seu filho que são variáveis, graduais e crescentes. Pouco a pouco, então, vão havendo quebras de adaptação por parte da mãe, que se constituem como uma

¹Cabe esclarecer que, ao longo de sua obra, quando Winnicott se refere à mãe, ele não está excluindo o pai, mas apenas destacando que, neste momento, o que interessa para o desenvolvimento do bebê é a função materna, que pode ser exercida pela mãe, pelo pai ou por cuidador substituto.

forma de ajustamento às necessidades evolutivas do seu filho, permitindo assim que a criança lide com a frustração e possa alcançar uma separação que conduza a uma identidade pessoal (Winnicott, 1987/2006).

De forma semelhante, é a partir da dependência satisfeita e das trocas de cuidado e de amor com os pais que o bebê consegue adaptar-se e responder as exigências que o ambiente começa a fazer (Winnicott, 1987/2006). Gradualmente, à medida que o bebê se desenvolve, espera-se que ele seja capaz de lidar com as falhas normais e esperadas do ambiente, aliviando a mãe de suas funções. Nesse processo, é fundamental que haja continuidade e estabilidade no cuidado exercido à criança para que ela possa dar seguimento ao seu processo de crescimento e de amadurecimento emocional (Winnicott, 1965/2013). De forma geral, se o ambiente for bem sucedido em se adaptar ao estado de dependência absoluta no qual o bebê inicialmente se encontra, este será capaz de confiar no ambiente, predominando um senso de previsibilidade em relação ao mundo. Se, por outro lado, o ambiente falha, há uma sensação de insegurança e de imprevisibilidade (Winnicott, 1987/2006).

Ao final do primeiro ano de vida, a maioria dos bebês de um ano já atingiu o status de indivíduo. Isso significa que o bebê se constituiu como unidade e a sua personalidade tornou-se integrada, possibilitando que ele tenha a capacidade de estabelecer relações objetivas que culminem num relacionamento afetivo entre duas pessoas inteiras, a mãe e o bebê. No entanto, nada está definitivamente estabelecido, já que todas as conquistas da criança podem ser perdidas se houver uma ruptura na provisão ambiental, isto é, se não houver uma continuidade nos cuidados dispendidos ao bebê (Winnicott, 1965/2013).

Dito isso, entende-se que a qualidade das interações iniciais entre o bebê e seu cuidador tem importantes implicações do ponto de vista emocional para o seu desenvolvimento, já que estas primeiras relações vão instaurar as bases da saúde mental no indivíduo (Winnicott, 1986/2005, 1987/2006; Raman et al., 2017). O comportamento e a qualidade das interações entre pais e filhos moldam de forma significativa o desenvolvimento infantil (Fay-Stammach, Hawes e Meredith, 2014, Radesky et al., 2015; Zimmer-Gembeck et al., 2017). As interações entre pais e filhos, marcadas pela alta sensibilidade e capacidade de resposta dos pais, contribuem para que a criança identifique seu cuidador como uma base segura e assim, auxilia no desenvolvimento de estilos seguros em suas trajetórias posteriores (Bowlby, 1989).

Por todas estas questões expostas, percebe-se que muita coisa acontece no primeiro ano de vida do bebê e que o desenvolvimento emocional tem um lugar primordial desde o princípio (Winnicott, 1965/2013). Por essa razão, é necessária uma melhor compreensão de como se dá o uso de mídias digitais por bebês, em um momento que é tão importante e

constitutivo. Assim, a seguir, será apresentada uma revisão sobre o uso de mídias digitais por bebês e como este uso pode impactar o desenvolvimento dos bebês e as interações iniciais.

O Uso de Mídias Digitais por Bebês: Impacto no Desenvolvimento e nas Interações Iniciais

A atual geração de crianças está imersa em um ambiente digital (Chassiakos, Radesky, Christakis, Moreno, & Cross, 2016, Haughton, Aiken, & Cheevers, 2015; Radesky & Christakis, 2016), pois dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets*, tornaram-se parte integrante da vida cotidiana (Kildare & Middlemiss, 2017). O uso das mídias digitais tem possibilitado muitos avanços, criando um mundo novo de conhecimentos e de possibilidades sem precedentes nas gerações anteriores (American Academy of Pediatrics AAP, 2011; Livingstone & Smith, 2014; Radesky & Christakis, 2016; Vanderwater et al., 2007). Por mídias digitais, entende-se o conjunto de dispositivos, formatos e métodos de comunicação que veiculam conteúdo digitalizado, incluindo textos, gráficos, áudios e vídeos, por meio de sinais digitais, como na internet, na TV, em redes de computadores e de telefonia. Exemplos de mídias digitais incluem *software* de computador, aplicativo móvel, redes sociais, videogames, páginas da *Web*, imagens (fotos e vídeos) digitais e *smartphones* (APA, 2019). Na literatura são encontrados os mais diversos nomes para designar mídias digitais, tais como tecnologias, tecnologias *touchscreens*, *smartphones*, celulares, *tablets*, mídias passivas, mídias ativas, dispositivos móveis, entre outros. Para fins deste trabalho, foi utilizado predominantemente o termo mídias digitais, de modo a designar todas estas variações, embora algumas destas também sejam citadas eventualmente conforme o uso dos autores de cada trabalho.

Na atualidade, a grande maioria das crianças pequenas de classe média-alta desconhece o mundo e as relações sem a influência das mídias digitais, pois seu acesso e uso fazem parte de suas vidas diariamente (Vanderwater et al., 2007) a ponto de, progressivamente, confundir os limites do mundo virtual com o mundo real (Eisenstein & Estefenon, 2011). Os bebês, em especial, estão se tornando especialistas na utilização das mídias digitais e são a primeira geração de nativos digitais ativos desde o nascimento. No entanto, é importante considerar o efeito que essa exposição precoce pode ter no seu desenvolvimento (Haughton et al., 2015).

Devido à complexidade do fenômeno, identifica-se que o tema vem sendo pesquisado no contexto internacional. Até pouco tempo, identificava-se um predomínio de estudos americanos sobre o uso das mídias digitais com bebês e crianças pequenas (Radesky & Christakis, 2016; Radesky et al., 2015; Radesky et al., 2016; Radesky, Peacock-Chambers,

Zuckerman, & Silverstein, 2016; Radesky, Schumacher, & Zuckerman, 2015; Radesky, Silverstein, Zuckerman, & Christakis, 2014), mas recentemente têm surgido pesquisas dentro desta temática em outros contextos, como na Europa (Gillen et al., 2018; Nevski & Siibak, 2016; O'Connor & Fotakopolou, 2016), na Austrália (Neumann, 2015; Holloway, Green, & Stevenson, 2015), na América Latina (Fuller, Lizárraga, & Gray, 2015) e na Ásia (Lin, Cherg, Chen, Chen, & Yang, 2015; Mustafaoğlu, Zirek, Yasacı, & Özdiñçle, 2018; Seo & Shinhealee, 2017), ainda que em menor número. De modo semelhante, foram encontrados poucos estudos brasileiros sobre o assunto (Mallmann, 2019; Nobre et al. 2019a; Nobre et al. 2019b; Pedrotti, 2019), o que aponta para a importância do presente estudo, já que pesquisas em nosso contexto que busquem compreender as possíveis influências do uso de mídias por bebês são imprescindíveis, mas ainda incipientes (Lauricella, Wartella, & Rideout, 2015; Radesky & Christakis, 2016; Vanderwater et al., 2007).

Há alguns anos, eram mais facilmente encontrados estudos referentes ao uso da televisão e dos DVDs (Zimmerman, Christakis, & Meltzoff, 2007; DeLoache & Chiong, 2009), realizados antes da proliferação dos *tablets* e *smartphones* (Radesky et al., 2015), visto que essa nova realidade é historicamente mais atual. Radesky e Christakis (2016) apontam que existem estudos empíricos feitos há mais de 30 anos relacionados à televisão e a vídeos. Dentre estes, um estudo (Dennison, Erb, & Jenkins, 2002) apontou que a média de tempo em frente à televisão aumenta com a idade. Bebês de um ano de idade passam uma média de 10 horas por semana assistindo TV/vídeos, enquanto bebês de dois anos passam aproximadamente 15 horas por semana assistindo TV/vídeos, sendo que destes, 43% ficam em torno de duas horas por dia em frente as telas em um dia comum da rotina. Outro trabalho americano (Anderson & Hanson, 2013) indicou que crianças com menos de três anos passam pelo menos cinco horas e meia em frente à TV, ainda que envolvidas em outras atividades, como brincadeiras e alimentação. Anderson e Hanson (2013) advertem que, em boa parte desse tempo, a programação da TV não é dirigida ao público infantil e que diversos estudos apontaram que esse tipo de programação pode estar associado a menos interações entre pais e filhos e menor desempenho no desenvolvimento cognitivo e na linguagem.

Em outro estudo realizado com a televisão, Radesky et al., (2014) examinaram as possíveis associações entre os problemas de auto-regulação da primeira infância (tais como: crianças que têm dificuldade para se acalmar, que sejam imprevisivelmente exigentes com seus cuidadores e que tenham problemas com o sono, a alimentação ou a regulação do humor e do comportamento) relatados pelos pais e a exposição à TV e a vídeo aos dois anos da criança em uma amostra de 7450 crianças. Os autores identificaram que os problemas de auto-regulação da primeira infância estão associados à exposição às mídias de forma bidirecional,

na medida em que bebês e crianças pequenas com esse tipo de dificuldades são colocadas na frente das mídias por seus cuidadores com mais frequência, o que também contribui para dificuldades regulatórias contínuas. O estudo alerta que a exposição excessiva à TV e a vídeos na primeira infância podem prever um uso excessivo na adolescência. Radesky e Christakis (2016) consideram prudente expandir os achados desses estudos com TVs e DVDs para as novas mídias digitais, considerando os possíveis efeitos negativos das mídias na saúde mental e desenvolvimento das crianças.

Com relação às mídias digitais da atualidade, como *tablets* e *smartphones*, as pesquisas mostram que, tratando-se especificamente de bebês, não há benefícios em usar mídias digitais tão precocemente (Schmidt et al., 2009; Strasburger, 2007; Radesky & Christakis, 2016). Inclusive, há evidências que indicam que o uso de mídias digitais tem sido associado a diversos impactos negativos no desenvolvimento, como no domínio cognitivo (Anderson & Hanson, 2013; Anderson & Subrahmanyam, 2017; Nathanson, Aladé, Sharp, Rasmussen, & Christy, 2014; Lin et al., 2015; Radesky & Christakis, 2016), na linguagem (Duch, Fisher, Ensari, & Harrington, 2013; Collet et al., 2018; Zimmerman et al., 2007) e no sono (Carter, McPhill, Hale, Bhattacharjee, & Paradkar, 2016). No entanto, pouco se sabe acerca de impactos no desenvolvimento socioemocional dos bebês, visto que os estudos neste âmbito ainda são minoria (Haughton et al., ; Napier, 2014; Raman et al., 2017).

Um estudo transversal (Raman et al., 2017) explorou a relação entre o desenvolvimento socioemocional e a exposição a mídias em bebês de 12 a 36 meses associada às rotinas diárias. Participaram 210 famílias que responderam ao *Ages and Stages questionnaire: Social-Emotional* (ASQ:SE), a um diário de mídias e a um questionário de características sociodemográficas. Os resultados mostraram que as crianças em risco de atraso no desenvolvimento socioemocional foram mais comumente expostas às telas (TV/DVD, *smartphone*, computador e *tablet*) durante todas as rotinas, em comparação com as crianças que não estavam em risco de atraso socioemocional. A hora de brincar foi a atividade em que as telas foram mais comumente utilizadas, seguida pelo café da manhã e pela hora de ir dormir. Os autores destacam que, embora a presença da tela não impeça que determinada rotina seja concluída, as mídias podem interromper a interação do cuidador e da criança durante esta rotina.

No estudo de Radesky et al. (2016) sobre o uso das tecnologias móveis para acalmar as crianças, foram examinadas as associações entre o desenvolvimento socioemocional das crianças e o uso de mídias digitais, a fim de determinar se as associações potenciais são modificadas pelo controle parental. Participaram do estudo 144 díades pais-filhos, em que as crianças tinham de 15 a 36 meses de idade. Foram coletados dados sociodemográficos e o

desenvolvimento socioemocional foi avaliado com o *Baby or Preschool Pediatric Symptom Checklist*. O uso da tecnologia móvel por crianças foi questionado usando seis perguntas adaptadas de pesquisas anteriores a fim de acessar a probabilidade de os pais permitirem o uso de *smartphones* ou *tablets* pelas crianças durante diferentes situações. Além disso, o controle percebido pelos pais sobre o desenvolvimento, sobre as relações sociais e sobre o comportamento de seus filhos foi avaliado por meio de algumas questões do *Parent Opinion Survey*. Foi realizada uma análise transversal dos dados que mostrou associações significativas entre o aumento das dificuldades socioemocionais em crianças pequenas e a tendência de pais de baixa renda usarem a tecnologia móvel para acalmar seus filhos, em especial os pais que expressaram ter menor controle sobre os seus filhos. A pesquisa apontou que as crianças com dificuldades socioemocionais são mais propensas a receber um aparelho de telefone como forma de ajudá-los a se acalmar e a manter a paz e a quietude na casa, em comparação com crianças sem dificuldades socioemocionais. No entanto, não houve diferenças em outras situações, como comer, estar em público, fazer tarefas domésticas ou na hora de dormir.

Visto que o desenvolvimento emocional inicial constitui o alicerce para a saúde mental posterior, é recomendável desligar a tela durante as rotinas diárias, pois isso pode ter implicações para a saúde mental atual e futura de crianças pequenas (Radesky et al., 2016; Raman et al., 2017). Inclusive, sabe-se que o brincar não estruturado é mais valioso para o desenvolvimento do cérebro do que qualquer exposição de mídia eletrônica, por isso destaca-se a importância do brincar simbólico e criativo, capacidade adquirida ainda nos primórdios da infância. Dessa forma, os pais devem incentivar e proporcionar momentos que a criança pense de forma criativa, resolva seus problemas e realize suas tarefas sem o uso de mídias digitais (Raman et al., 2017).

As pesquisas também têm estudado o impacto do uso das mídias digitais na interação entre pais e filhos (Kildare & Middlemiss, 2017; Radesky et al., 2014; Radesky et al., 2015; Radesky et al., 2016b). Uma revisão de literatura (Kildare & Middlemiss, 2017) sobre o impacto do uso dos dispositivos móveis dos pais na interação com os filhos apontou que pais que usam seus telefones durante as interações com suas crianças mostram-se menos sensíveis e responsivos, tanto verbalmente como não verbalmente, às solicitações de seus filhos por atenção, levando potencialmente a interações de menor qualidade. Esse dado traz uma reflexão de como o tempo gasto com as mídias digitais pode deslocar e diminuir conexões significativas entre pais e filhos.

Outro trabalho (Radesky et al., 2014) visou descrever padrões do uso de dispositivos móveis (*smartphones e tablets*) por cuidadores e crianças para gerar hipóteses sobre seus

efeitos na interação cuidador-filho. Foram observados, de forma anônima e não participante, 55 cuidadores comendo com uma ou mais crianças pequenas em restaurantes de *fastfood* em Boston, nos EUA. Na análise qualitativa o que predominou foi o alto grau de absorção dos cuidadores nos dispositivos móveis, ou seja, na maioria dos cuidadores (40) observados o envolvimento era predominantemente com o dispositivo móvel, em vez da criança. O olhar dos cuidadores estava voltado principalmente para o dispositivo, já que se mostraram ocupados em digitar ou deslizar o dedo na tela. Também se identificou que algumas crianças pareciam aceitar a falta de engajamento dos pais, enquanto outras exibiram comportamentos provocativos, testando os limites dos cuidadores. Estes ignoraram o comportamento da criança por um tempo e depois reagiram com um tom de voz repreensivo, dando instruções repetidas sem olhar para criança. Este resultado também traz à tona uma preocupação de que a distração dos cuidadores com as mídias digitais possa prejudicar a interação com as crianças, além de afetar a segurança e o bem-estar emocional infantil.

Outro estudo posterior (Radesky et al., 2015) examinou as associações do uso materno de dispositivos móveis com a frequência das interações entre mãe-filho durante uma tarefa estruturada de laboratório com 225 díades. Foram realizadas filmagens a partir de um protocolo padronizado, a fim de caracterizar como as mães e os filhos interagem quando eram apresentados alimentos familiares e alimentos desconhecidos. A alimentação foi utilizada, pois se trata de uma rotina comum em que as famílias se envolvem e em que é possível observar a interação entre os membros. Foram examinadas as associações de uso materno de dispositivos com o número total de verbalizações e de interações não verbais maternas, bem como incentivos maternos direcionados à criança. Identificou-se que o uso de dispositivos móveis pelas mães foi associado a menos interações com as crianças, particularmente menos interações não verbais, já que as mães ficavam mais atentas às mídias do que à criança. Observou-se ainda que essa associação foi mais evidente frente a experimentação de alimentos desconhecidos. Nesse sentido, além de pensar no impacto nas interações entre pais e filhos, este estudo também traz um alerta sobre um possível impacto no desenvolvimento infantil, especificamente na alimentação. Sobre isso, os autores destacam, baseados em estudos prévios, que as interações entre pais e filhos durante a alimentação possuem um efeito protetor sobre os resultados de saúde da criança, como obesidade, asma e comportamentos de risco para os adolescentes.

Reflete-se o quanto os momentos de alimentação na rotina permitem comunicações e trocas entre a família. No entanto, Radesky et al. (2015) reforçam com este estudo que o uso de mídias durante as refeições pode diminuir essas importantes interações. Visto que o uso de mídias digitais se tornou quase universal, esses resultados podem ter implicações importantes

sobre como os pais equilibram a atenção entre as mídias e as interações com seus filhos durante a vida diária, já que tem sido comum ver as crianças usando a tecnologia na hora das refeições, por exemplo, tanto em suas casas, quanto em restaurantes.

No entanto, a temática é bastante complexa e controversa. Embora a literatura considere problemático o uso das mídias digitais nas refeições, levantando os possíveis impactos na interação familiar, além da redução da saciedade ou do incentivo aos "maus modos" das crianças, Davis, Ferdous e Vetere (2017) defendem o uso das mídias digitais. Em seu estudo sobre o uso das mídias por crianças em restaurantes, durante a hora do jantar, os autores apontam que o uso de mídias oferece muitas oportunidades para o aprendizado e a interação, permitindo que as famílias passem o tempo juntos. No entanto, cabe ressaltar que este é o único artigo encontrado que traz uma ideia contrária aos demais estudos empíricos atuais. Inclusive, o Ministério da Saúde (2019) alertou sobre evitar o uso de telas com bebês na hora das refeições, visto que seu uso pode prejudicar a experiência da criança com a comida, levando a desinteresse pelos alimentos, perda de apetite ou ganho de peso.

Ainda sobre a interação, alguns estudos têm discutido a maneira como pais usam as mídias digitais com seus filhos. Clark (2011) fala em estilo de mediação e descreve alguns tipos de mediação que os pais fazem com o uso de mídias digitais por seus filhos. Um deles é a mediação ativa, quando existe algum tipo de conversação e discussão sobre o uso da mídia; outro tipo é a mediação restritiva, em que são estabelecidas algumas regras para restringir o tempo ou o conteúdo; há, ainda, o uso compartilhado, que ocorre quando pais e filhos compartilham as experiências das mídias (Shin, 2015; Valkenburg, Krmar, Peeters, & Marseille, 1999). Livingstone e Helsper (2008) abordam outros estilos de mediação, como monitorar as atividades *on-line* da criança ou fazer uso de recursos para restringir o uso dos dispositivos de mídia.

Algumas pesquisas identificaram que o estilo de mediação das famílias varia conforme o contexto cultural. Por exemplo, os pais americanos geralmente usam mediação ativa (Austin, 1993); os pais holandeses preferem a co-visualização (Valkenburg et al., 1999); os pais coreanos aplicam mediação restritiva (Lee, 2012); e na Bélgica, França e Suécia, os pais usam os recursos técnicos para restringir o uso dos dispositivos de mídia (Livingstone, Haddon, Görzig, & Ólafsson, 2011).

Apesar dos diversos estilos de mediação apontados na literatura, para fins deste trabalho, parte-se do entendimento de que a experiência de utilizar mídias digitais na presença de alguém é diferente de usar em interação com alguém. Destaca-se que o uso de mídias digitais por bebês somente na presença de um adulto não requer envolvimento, nem trocas ou interação, mas somente algum tipo de supervisão à distância ou até mesmo nenhuma

supervisão. Há famílias que se apóiam no recurso tecnológico para se libertar de seus filhos, a fim de dar conta das suas próprias tarefas. Isso pode acarretar um uso completamente solitário das mídias digitais pelos bebês, o que não é recomendado. No entanto, um uso compartilhado e ativo, mediado por trocas de olhares e afetos, com presença e interação constantes dos pais no uso que o bebê ou criança pequena está fazendo da mídia, pode ser considerado um uso mais saudável. Acredita-se que se não houver a participação e a interação de um cuidador disposto a mediar àquela experiência tecnológica, as mídias digitais por si só não irão cumprir uma função adequada de troca e de educação para os bebês.

Apesar do impacto das mídias digitais nas interações entre pais e filhos já serem foco de pesquisa, identifica-se que poucos estudos se ocuparam em compreender como as características maternas podem estar relacionadas ao uso que as crianças fazem das mídias digitais. Os estudos existentes (Bank et al., 2012; Conners, Tripathi, Clubb, & Bradley, 2007) associam apenas os sintomas depressivos maternos ao uso de mídias por crianças pequenas, sem analisar de forma mais ampla a saúde mental das mães.

Um estudo americano (Bank et al., 2012), por exemplo, investigou a associação entre depressão pós-parto e a quantidade e o conteúdo do uso de mídia infantil. Esta pesquisa, realizada com 84 mães de bebês entre seis e nove meses de idade, comparou o tempo de uso da televisão por mães deprimidas e seus bebês em relação a mães sem o diagnóstico. Os resultados apontam que a depressão materna estava associada a uma maior exposição ao conteúdo dirigido aos bebês. Os autores evidenciaram que famílias com mães deprimidas viram duas vezes mais televisão do que as famílias com mães sem o diagnóstico, e que as mães deprimidas pareciam ter um prazer comparativamente maior em relação à televisão. As mães deprimidas também relataram ter menos probabilidade de se sentar e conversar com seus filhos durante o uso da televisão ou consultar fontes externas de informações sobre mídia. Outro estudo (Conners et al., 2007) investigou a relação entre o hábito de assistir televisão das crianças e os sintomas depressivos maternos em 175 mães e crianças pré-escolares, de baixa renda. Os resultados apontam que os sintomas depressivos maternos estão associados à visualização mais intensa de televisão pelas crianças, bem como à visualização de conteúdos não indicados para a sua faixa etária.

Sabe-se que mães que experimentam problemas de saúde mental representam um grupo de alto risco para atraso no desenvolvimento das crianças (Kingston & Tough, 2014). Inclusive, um estudo canadense (McDonald, Kehler, & Tough, 2016) com 1596 mães e bebês apontou que limitar o uso de televisão, *tablet*, computador e *smartphone* pode diminuir o risco de atraso no desenvolvimento em crianças pequenas expostas a problemas de saúde mental materna. Isto é, identificou-se que em famílias em que as mães tinham problemas relativos à

saúde mental, um fator de proteção do desenvolvimento infantil foi limitar o tempo de tela em menos de uma hora por dia. Por estes resultados, faz-se necessário refletir sobre a associação entre a saúde mental materna ao desenvolvimento do bebê.

Em meio a tantos estudos sobre esse fenômeno das mídias digitais, esta temática vem sendo discutida pelas Sociedades de Pediatria de diferentes países que têm orientado que o tempo de uso das mídias seja limitado e proporcional às idades das crianças. A Academia Americana de Pediatria (AAP, 2016) desencoraja a exposição passiva em frente às telas por crianças de até 2 anos, afirmando que as mídias têm potencial para causar efeitos negativos. As Sociedades de Pediatria do Brasil (2016), do Canadá (2017) e da Itália (2018) têm o mesmo posicionamento: orientam que para bebês menores de 2 anos o oferecimento de mídias digitais deve ser evitado e, para crianças com idades entre 2 e 5 anos, sugerem que o tempo de uso seja limitado a uma hora por dia. Ainda que o uso de mídias seja desencorajado, destaca-se que as orientações mais atuais da AAP (2016) flexibilizam o uso de bebês entre 18 e 24 meses com relação a chamadas de vídeo. Ferramentas como *Facetime* e *Skype* podem auxiliar na aproximação de familiares ou de pessoas importantes que residam longe das crianças. Além disso, também há uma flexibilização quanto ao uso de aplicativos de qualidade, ainda que não especifiquem critérios para isso e que seja difícil identificar quais aplicativos seriam mais adequados para os bebês (Meyer et al., 2019). A Sociedade Italiana de Pediatria (2018) também enfatiza a importância de que as crianças pequenas sejam expostas a programas de qualidade, adequados à faixa etária, além de sugerir que os pais testem os aplicativos antes de apresentá-los aos filhos, pois, embora os aplicativos sejam anunciados como educativos, nem todos apresentam evidências disso (Meyer et al., 2019).

Mais recentemente, a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2019) também reforçou a orientação de que bebês e crianças pequenas mantenham-se afastados das mídias digitais, destacando a importância de inserir hábitos saudáveis desde os primeiros anos de vida, como brincar, realizar atividades físicas e ter horas de sono de qualidade. Os momentos da rotina, como hora da alimentação, de dormir, de tomar banho e de mudar as fraldas, devem ser preservados e realizados sem a interferência de telas, já que são oportunidades fundamentais de troca e de interação entre os pais e os bebês. Ainda, reforça-se que o uso de mídias digitais por bebês seja feito em interação com seus cuidadores, evitando que os bebês utilizem sozinhos estas mídias.

No entanto, cabe salientar que muitas dessas orientações não se baseiam em dados científicos e, por isso, mostra-se necessário que pesquisas possam embasar as orientações dadas para as famílias. E embora não seja possível estabelecer relação direta de causa e efeito entre uso de mídias digitais e distúrbios físicos e psicológicos, os principais órgãos citados já

associam o uso das mídias à obesidade (Ministério da Saúde, 2019), a sintomas depressivos e a dificuldades escolares (RCPCH, 2019; WHO, 2019). Uma forma de lidar com isso seria diminuir o tempo que as crianças pequenas ficam sentadas assistindo à televisão, seja no sofá de casa ou nos carrinhos de bebê, pois isso pode ajudar a prevenir a obesidade infantil (Ministério da Saúde, 2019).

As orientações mais recentes da Royal College of Paediatrics and Child Health (2019) mostram-se menos normativas e trazem mais questionamentos para as famílias refletirem acerca do seu uso de mídias digitais baseadas em quatro questões norteadoras: o uso de telas na sua casa é controlado? O uso das telas interfere no que sua família quer fazer? O uso das telas interfere no sono? Você controla o consumo de guloseimas durante o uso de telas? Tais sugestões são mais amplas do que as orientações das Sociedades de Pediatria descritas anteriormente, mas seguem falhando em oferecer parâmetros realistas para as famílias acerca do uso de mídias digitais.

Além disso, apesar das orientações descritas, os estudos têm mostrado que estas recomendações não estão sendo seguidas (Cristia & Seidl, 2015; Duch et al., 2013; Radesky et al., 2014), o que denuncia as contradições frente ao fenômeno do uso das mídias digitais. Diversos estudos têm mostrado que os bebês estão bastante expostos às mídias digitais, como TV, *smartphones* e *tablets*, em suas rotinas (Gillen, 2018; Neumann, 2015; Raman et al., 2017). O Common Sense Media (2017), por exemplo, identificou que 46% dos bebês americanos de 0 a 2 anos usam algum tipo de mídia, sendo que 9% fazem uso destas mídias todos os dias, passando em média 42 minutos por dia em frente às telas (Common Sense Media, 2017). O mesmo estudo americano mostrou que 34% dos bebês de até dois anos assistem TV diariamente (Common Sense Media, 2017). Estudos de diversos países apresentam resultados semelhantes. Na Austrália, bebês de 3 anos assistem TV por quase duas horas por dia (Sweetser, Johnson, Ozdowska & Wyeth, 2012). Na Coreia do Sul, 34,9% dos bebês de até 2 anos fazem uso de *smartphones* (Lee, Do, & Oh, 2013). Nos Estados Unidos, um terço dos bebês menores de 3 anos possuem uma televisão no quarto (Zimmerman et al., 2007). Um estudo no Reino Unido identificou que 25% dos bebês menores de três anos que moram em uma casa que possui *tablets* têm amplo acesso a esses dispositivos (Marsh et al. 2015) e Bernstein e Levine (2011) apontaram que a mesma porcentagem de bebês desta idade ficam on-line diariamente.

Outro estudo (Kabali et al. 2015) realizado com 350 pais de crianças de 6 meses a 4 anos de idade investigou, dentre outros aspectos, as circunstâncias em que os pais deixavam seus filhos usarem um dispositivo de mídia móvel. Os resultados deste estudo transversal mostraram que a maioria dos pais permitia que seus filhos brincassem com dispositivos

móveis (muitas vezes ou às vezes) para fazer suas próprias tarefas (70%) e para manter a criança calma em locais públicos (65%). Identificaram ainda que 24,4% dos bebês de 1 ano de idade já tinham acesso a dispositivos móveis e, aos 2 anos, a maioria dos bebês usava diariamente dispositivos móveis e gastava um tempo considerável em frente às telas (televisão e dispositivo móvel).

Mas, o que se deve destacar aqui é que os bebês dependem dos seus pais para acessar as mídias digitais, já que, diferente de crianças maiores, ainda não possuem autonomia para decidir sozinhos suas atividades (Kildare & Middlemiss, 2017). Um exemplo disso é o estudo de Lauricella et al., (2015) que apontou que o uso que as crianças fazem da televisão reflete o uso de seus pais. Sendo assim, as atitudes e crenças parentais frente ao uso de dispositivos móveis e digitais parecem exercer forte influência sobre o tempo frente às telas e o conteúdo aos quais os bebês são expostos (Duch et al., 2013; Lauricella et al., 2015).

Sobre isso, alguns estudos (Dalzell, Msall, & High, 2000; Radesky et al., 2016; Vandewater et al., 2007) encontraram uma associação positiva entre as crenças parentais e o valor educacional das mídias e telas, dado que parece explicar, em parte, o acesso facilitado das telas pelos bebês. Radesky et al. (2016), por exemplo, apontaram que os cuidadores sentiram a necessidade de apresentar seu filho à tecnologia móvel em uma idade precoce para que a criança pudesse acompanhar as tendências de educação e não ficasse em desvantagem. Os cuidadores também expressaram a crença de que seu filho poderia aprender melhor com aplicativos educacionais do que com brinquedos práticos e de que isso pode se refletir em melhores habilidades para o desenvolvimento infantil. Mas, no mesmo estudo, também foram expressas preocupações dos cuidadores sobre o uso das tecnologias que incluíam menor criatividade, pensamento crítico, persistência, habilidades sociais e resolução de problemas no mundo real, assim como sobre a tendência da criança de preferir o consumo passivo ou o jogo digital em detrimento de outras atividades.

Além disso, estudos têm mostrado que os pais usam dispositivos móveis para distrair seus filhos quando eles precisam cuidar de alguma coisa, como fazer o jantar sem interrupções, ou para acalmar a criança (Kabali et al., 2015; Radesky et al., 2014; Radesky et al., 2016; Radesky et al., 2016a; Radesky et al., 2016b). Um estudo (Radesky et al., 2016b) sobre a perspectiva dos pais quanto ao seu uso de tecnologias móveis aponta que o uso dos dispositivos móveis em casa com seus filhos é crescente. Os pais relataram que, embora a conectividade permita que eles estejam em casa com os filhos por um maior número de horas, eles também se sentem pressionados para ficar constantemente disponíveis para o trabalho, e assim serem percebidos como "bons funcionários". Essa situação gera desgaste cognitivo e emocional pela necessidade de lidar com duas tarefas ao mesmo tempo. Ainda no

mesmo estudo, os cuidadores também descreveram que a tecnologia digital é utilizada para manter a paz em sua casa. Dessa forma, eles utilizam para acalmar seus filhos e para criar momentos de silêncio, de modo a evitar conflitos familiares. No entanto, apesar da compreensão crescente de como os pais usam seus dispositivos móveis, o motivo do uso do dispositivo ainda é variável, seja para trabalho, uso pessoal ou familiar, ainda não está claro (Radesky et al., 2016b). Tampouco se sabe quanto tempo os pais gastam no telefone na presença de seus filhos (Kildare & Middlemiss, 2017).

Por fim, frente a tantos estudos, tem se questionado como as mídias digitais podem afetar os bebês tanto mental quanto fisicamente (American Academy of Pediatrics, 2011; Radesky et al., 2015). Identificou-se que as pesquisas que investigaram o impacto que as mídias digitais podem acarretar no desenvolvimento das crianças pequenas apontam para mais efeitos negativos do que positivos (Brown, 2011; Christakis, 2009). Contudo, os efeitos do uso das mídias digitais no desenvolvimento infantil ainda não são completamente compreendidos (Munzer, Miller, Weeks, Kaciroti, & Radesky, 2019), já que se trata de um fenômeno recente sobre o qual os estudos ainda estão em andamento. Por isso, os especialistas têm recomendado cada vez mais que se tenha cautela no uso de mídias digitais com bebês (American Academy of Pediatrics, 2011; Haughton et al., 2015).

Nota-se, por tudo que foi apresentado até o momento, a relevância de se estudar as mídias digitais devido à complexidade do fenômeno na atualidade. Em especial, mostra-se necessário conhecer um panorama de como é o uso de mídias por bebês brasileiros, visto a escassez de estudos em nosso contexto. Além disso, uma melhor compreensão de quais os impactos do uso das mídias no desenvolvimento emocional dos bebês e de qual a relação com a saúde mental materna também pode ampliar o entendimento desta temática. Nesse sentido, a tese contará com dois estudos: o primeiro traz um panorama sobre como mães e bebês brasileiros fazem uso das mídias digitais; e o segundo aborda o uso das mídias digitais, as associações com o desenvolvimento socioemocional do bebê e a saúde mental materna.

CAPÍTULO II: ESTUDO DESCRITIVO SOBRE COMO MÃES E BEBÊS BRASILEIROS FAZEM USO DAS MÍDIAS DIGITAIS

Elisa Cardoso Azevedo

Helena da Silveira Riter

Maria Adélia Minghelli Pieta

Giana Bitencourt Frizzo

(2020)

Resumo: As crianças estão começando a usar mídias digitais em idades cada vez mais precoces e seu uso vem aumentando rapidamente. Este estudo teve por objetivo descrever quantitativamente o uso que mães e bebês brasileiros fazem das mídias digitais (Ex.: *smartphone*, *tablet* e TV). Trata-se de um estudo transversal, exploratório, descritivo e quantitativo, do qual participaram 435 mães brasileiras de bebês com idades entre zero e 36 meses. Os resultados mostraram que o uso de mídias digitais esteve associado a uma necessidade das mães e que os bebês demonstraram uma demanda de interação com elas e não com as mídias. Destaca-se a importância de atentar para as interações precoces e presenciais dos bebês com seus pais, para que estas não sejam substituídas ou excessivamente mediadas por interações virtuais.

Palavras-chave: mídias digitais, mães, bebês.

Abstract: Children are starting to use digital media at younger ages and their use is increasing rapidly. This study aimed to quantitatively describe the use that Brazilian mothers and babies make of digital media (eg *smartphone*, *tablet* and TV). This is a cross-sectional, exploratory, descriptive and quantitative study involving 435 Brazilian mothers of babies aged between zero to 36 months. The results show that the use of digital media is associated with a need of the mothers and that babies demonstrate a demand for interaction with them and not with the media. The importance of paying attention to the early face-to-face interactions of babies with their parents is highlighted, so that they are not replaced or overly mediated by virtual interactions.

Keywords: digital media, mothers, babies.

INTRODUÇÃO

As mídias digitais assumiram um papel importante para boa parte das crianças desta geração. O uso e o acesso às mídias tornaram-se parte da vida cotidiana infantil e identifica-se

que bebês e crianças pequenas da atualidade estão imersas em um ambiente tecnológico (American Psychological Association, 2019; Chassiakos et al., 2016; Haughton et al., 2015; Kildare & Middlemiss, 2017; Nevski & Siibak, 2016; Radesky & Christakis, 2016). Por mídias digitais, entende-se o conjunto de dispositivos, formatos e métodos de comunicação que veiculam conteúdo digitalizado, incluindo textos, gráficos, áudios e vídeos, por meio de sinais digitais, como na internet, na TV e em redes de computadores e de telefonia. Exemplos de mídias digitais incluem *software* de computador, aplicativo móvel, redes sociais, videogames, páginas da *Web*, imagens (fotos e vídeos) digitais e *smartphones* (APA, 2019). Na literatura são encontrados os mais diversos nomes para designar mídias digitais, tais como tecnologias, tecnologias *touchscreens*, *smartphones*, celulares, *tablets*, mídias passivas, mídias ativas, dispositivos móveis, entre outros. Para fins deste trabalho, foi utilizado predominantemente o termo mídias digitais de modo a designar todas estas variações, embora algumas destas também sejam citadas eventualmente conforme o uso dos autores de cada estudo.

As famílias têm utilizado amplamente as mídias digitais em suas rotinas e seu uso vem modificando a forma como as pessoas se relacionam. Em outro momento, a televisão também proporcionou mudanças na interação (Bentley, Turner & Jago, 2016; Kildare & Middlemiss, 2017; Radesky et al., 2015; Soifer, 1992), mas atualmente as novas formas de mídias digitais revolucionaram as relações interpessoais (Chassiakos et al., 2016; Lauricella et al., 2015). Isso se deve principalmente ao fato de as mídias possibilitarem uma conexão em tempo integral, além de um uso facilitado e acesso instantâneo à internet, permitindo que as pessoas estejam virtualmente conectadas de forma constante (McDaniel & Radesky, 2017). Mais especificamente, os dispositivos móveis, como *smartphone* e *tablet*, são usados de maneira fácil e intuitiva por crianças muito pequenas e fornecem um elemento interativo instantâneo que agrada a crianças e pais (Radesky et al., 2015). Além disso, tornaram-se uma opção de mídia muito oferecida para bebês, em função do tamanho da tela, da mobilidade, da capacidade de transmitir conteúdo e dos custos reduzidos (Kabali et al. 2015).

Todavia, o uso de mídias digitais por bebês está necessariamente atrelado a oferta dos pais desse tipo de recurso. Diferente de crianças maiores, os bebês dependem dos seus pais para iniciar o seu acesso às mídias digitais, já que os bebês ainda não possuem autonomia para decidir sozinhos suas atividades (Kildare & Middlemiss, 2017; Nevski & Siibak, 2016). Contudo, cabe destacar que estudos têm alertado para o impacto do uso das mídias digitais na interação entre pais e filhos. Esta prática tem sido associada a uma diminuição de interações familiares, tais como pais menos sensíveis e responsivos, com menos interações não verbais e com a atenção mais voltada para as mídias digitais do que para os filhos (Anderson &

Hanson, 2013; McDaniel & Radesky, 2017; Munzer et al., 2019; Radesky et al., 2014; Radesky et al., 2015; Kildare & Middlemiss, 2017). Tais resultados apontam na direção de uma baixa qualidade da interação entre eles (Munzer et al., 2019).

Os dispositivos tecnológicos têm estado muito presentes no ambiente familiar e isso ocorre em um momento crucial para o desenvolvimento infantil, no qual muitos hábitos estão sendo construídos, assim como as bases para as experiências futuras (Mallmann, 2019). Nesse sentido, destaca-se a importância das primeiras relações do bebê com seus cuidadores, já que a qualidade dessas trocas iniciais tem importantes implicações para o desenvolvimento emocional do bebê. São as interações iniciais que vão instaurar as bases da saúde mental no indivíduo (Winnicott, 1986/2005, 1987/2006; Raman et al., 2017). As relações iniciais do bebê com sua família possuem um importante papel no desenvolvimento da criança e na sua inserção no mundo social, e o cuidado familiar pode tanto contribuir quanto impedir que o bebê desenvolva a sua tendência inata ao crescimento (Winnicott, 1964/2006). Visto que atualmente boa parte dos bebês se desenvolve em um ambiente com algum grau de tecnologia, cabe pensar nos impactos que as mídias digitais podem acarretar para o desenvolvimento infantil.

As academias de pediatria em diferentes países passaram a fazer indicações de como usar mídias digitais, pois, até o momento, essa tecnologia é bastante recente e pouco se sabe sobre seu impacto no desenvolvimento infantil. As orientações desencorajam o uso de mídias por crianças pequenas e orientam que bebês de até 2 anos não devem fazer uso de nenhum tipo de mídia digital (American Academy of Pediatrics, 2011; American Academy of Pediatrics, 2016; Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016; Canadian Paediatric Society, 2017; Bozzola et al., 2018). No entanto, bebês cada vez mais novos estão tendo acesso aos mais diversos dispositivos eletrônicos (Haughton et al., 2015; Holloway et al., 2015) e identifica-se que estas orientações não estão sendo seguidas pelas famílias nem no exterior (Cristia & Seidl, 2015; Duch et al., 2013; Kabali et al. 2015; Radesky, et al., 2014) e nem no Brasil (Mallmann, 2019; Pedrotti, 2019).

Um exemplo disso pode ser visto através do levantamento periódico realizado nos EUA, o Common Sense Media, que investigou o uso de mídias por crianças de 0 a 8 anos. A amostra incluiu mais de 1400 pais de todas as regiões do país, de famílias de baixa e alta renda e de diversas origens e etnias. Os dados dos relatórios de 2011, de 2013 e de 2017 fornecem uma visão de como o uso das mídias por crianças evoluiu ao longo do tempo, à medida que novas mídias e novas formas de conteúdo foram introduzidas. Os dados apontam que em 2011 menos de 1% das crianças tinham seu próprio *tablet*, mas em 2013 esse número subiu para 7% e, em 2017, o número de crianças que tinha seu próprio *tablet* chegou em 42%.

Na publicação de 2017, há um destaque para o uso de mídias (TV, DVD, computador, vídeo game e dispositivos móveis) por bebês menores de 2 anos. Foi observado um declínio no uso de TV e DVD, mas, em compensação, um aumento nas mídias móveis. Os dados mais atuais apontaram que 46% dos bebês usam algum tipo de mídias, sendo que 9% fazem uso destas mídias todos os dias, passando em média 42 minutos por dia em frente às telas (Common Sense Media, 2017). Ainda no contexto internacional, outros estudos têm avaliado o uso de mídias digitais por crianças pequenas utilizando o Common Sense Media de forma adaptada (Kabali et al., 2015; Nevski & Siibak, 2016) ou outros questionários com os pais (Miner, 2015; Neumann, 2015).

Contudo, dados como estes são escassos no Brasil (Mallmann, 2019; Nobre et al. 2019a; Nobre et al. 2019b; Pedrotti, 2019) e a existência deles pode auxiliar a compreender o uso e os possíveis impactos das mídias digitais no desenvolvimento dos bebês. De forma geral, estudos que buscam compreender as influências das mídias digitais nas famílias com bebês ainda são incipientes (Lauricella et al., 2015; Radesky & Christakis, 2016) e estão em andamento, uma vez que este fenômeno é historicamente recente. No entanto, há estudos que indicam que o crescente e constante uso de mídias digitais por crianças pequenas está associado a atrasos no desenvolvimento emocional (Napier, 2014; Raman et al., 2017) e cognitivo (Anderson & Hanson, 2013; Nathanson et al., 2014; Lin et al., 2015; Radesky & Christakis, 2016), na linguagem (Duch et al., 2013) e na interação familiar (Kabali et al., 2015; Kildare & Middlemiss, 2017; Radesky et al., 2015; Radesky et al., 2014; Radesky et al., 2016). Até o presente momento, não foram evidenciados benefícios desse uso nessa faixa etária pela literatura. Por isso mostra-se imprescindível compreender quando e como os bebês fazem uso das mídias digitais, quais são as mídias mais utilizadas, em quais contextos as mães as oferecem, por quais motivos, entre outras questões ainda não exploradas no contexto brasileiro. Portanto, frente a esse crescente fenômeno e a esta lacuna na literatura científica, este trabalho tem por objetivo descrever quantitativamente o uso que mães e bebês brasileiros de zero a 36 meses fazem das mídias digitais.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo descritivo 435 mães brasileiras de bebês com idades entre zero e 36 meses. Quanto aos critérios de exclusão, foram consideradas as seguintes condições: mães com bebês síndromicos, com malformação congênita, problemas cardíacos, problemas neurológicos ou atraso no desenvolvimento diagnosticado pelo médico ou outro profissional.

Esses critérios foram acessados por meio de questões de triagem antes de iniciar o questionário *online*.

Delineamento

Este é um estudo transversal, exploratório, descritivo e quantitativo que faz parte de um projeto maior intitulado “Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil” (Frizzo et al., 2017).

Questões éticas

Esse projeto foi submetido para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS e aprovado sob o CAEE nº 69947117.6.0000.5334 (Anexo A).

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos: Utilizado para fins de levantamento sobre dados sociodemográficos dos participantes e de suas famílias como idade, escolaridade, condições de moradia, renda, entre outros (NUFABE, 2017) (Anexo B).

Questionário sobre uso de mídias: Foi utilizada uma versão adaptada ao português do questionário intitulado “*Zero to Eight: Children's Media Use in America 2013*” (Common Sense Media, 2013). A utilização e a adaptação do questionário foram autorizadas pela equipe do Common Sense Media. O instrumento aborda, além de dados demográficos, questões detalhadas sobre quais mídias digitais as famílias possuem em suas casas, quais delas são utilizadas pelas crianças e por seus pais, qual o tempo de uso desses dispositivos e que tipo de uso é feito. Foram adicionadas questões como: “Em quais momentos você sente mais necessidade de oferecer dispositivos móveis (*smartphone*, *tablet* ou DVD portátil) para seu filho(a)?”, “Em quais destas rotinas você costuma oferecer dispositivos móveis (por exemplo: *smartphone*, *tablet*, DVD portátil) para seu filho(a)?”, entre outras questões (Anexo C).

Procedimentos

A pesquisa foi divulgada nas redes sociais por meio de um convite que dizia “Queremos conhecer o uso que mãe e bebês de até 36 meses fazem de *tablets* e celulares”. O convite já direcionava as mães interessadas para um *link* do *survey online*. Ao acessá-lo, as participantes eram convidadas a participar da pesquisa através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D). Os dados foram coletados via *survey online* no período de outubro de 2018 a abril de 2019.

Análise dos dados

Foi utilizada estatística descritiva a fim de obter um perfil sociodemográfico das mães e dos bebês participantes e um panorama do uso das mídias digitais (Robson, 2002). Foram realizadas análises descritivas e de frequência utilizando o programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 18.

RESULTADOS

Participaram do estudo 435 mães brasileiras (idade média = 33,37; Dp= 4,79) de todos os estados do país, havendo um predomínio de mães da região sul do Brasil (84,1%). Quanto à etnia, a maioria das mães é branca (88%). A renda familiar mensal foi calculada tendo como referência o salário mínimo, o qual na época da coleta de dados era 954 reais. Nesta amostra, a renda familiar se distribuiu da seguinte forma: até um salário mínimo (1,4%, n=6), de 1 até 3 salários mínimos (13,3%, n=58), de 3 até 6 salários mínimos (21,4%, n=93), de 6 até 9 salários mínimos (19,1%, n= 83), de 9 até 15 salários mínimos (23,5%, n=102), mais de 15 salários mínimos (21,4, n=93). A maioria das mães (57,5%) respondeu que três pessoas dependem desta renda.

Do total da amostra, 68,1% são mães que trabalham: destas, 13,06% trabalham até 10 horas por semana; 16,32% até 20 horas; 16,02% até 30 horas; 32,05% até 40 horas semanais; e 22,55% das mães trabalham mais de 40 horas semanais. Outros 10% estavam em licença-maternidade quando responderam à pesquisa. Esta amostra foi composta de mães com alta escolaridade, já que 44,4% possuem pós-graduação e 32,4% possuem ensino superior completo.

Sobre o estado civil das mães, a maioria das participantes está em um relacionamento com o pai do bebê (96%) e destas, 81% são casadas. Com relação aos bebês, a maioria nasceu a termo (85,5%). Do total da amostra, 52% são meninos, 62% são filhos únicos e 28,7% possuem apenas um irmão. Quanto às atividades escolares dos bebês, 50,5% frequentam a creche, sendo que destes, 47,7% estão em turno integral.

A grande maioria destas famílias possui internet de alta velocidade (94,5%) e 3G/4G (88%). Os dispositivos mais frequentes presentes nas casas são: *smartphones* (98,9%), *notebook* (87,4%) e TV a cabo (81,4%). A seguir aparecem as tecnologias *streaming* (74,9%) e *smartTV* (74,3%). Quanto ao uso de aplicativos, 33,6% das mães baixam aplicativos para seus filhos no seu próprio *smartphone*, sendo que, destas, 61,6% baixam *Youtube* e *Netflix*. Quando questionadas a respeito dos *downloads* de aplicativos pedagógicos, 32,9% das mães responderam que baixaram aplicativos projetados para ensinar algo para seu filho.

Quanto à televisão, identificou-se que essa é bastante utilizada nos lares, já que 43% das mães referiu que frequentemente a TV está ligada em sua casa, mesmo que ninguém esteja assistindo. A maioria das famílias (61,6%) alterna o uso da TV, havendo momentos só com conteúdo para o bebê e outros momentos só com conteúdo para os adultos. Da amostra total, 54,5% dos bebês fazem uso de dispositivos móveis (*smartphone* e *tablet*) ou computador, sendo que 11,7% dos bebês possuem seu próprio *tablet*, 6,7% dos bebês tem um *smartphone* e 8,5% possuem uma TV em seu próprio quarto. Com relação ao modo de uso das mídias digitais por bebês, os resultados encontram-se descritos na Tabela 1.

Tabela 1

Modos de uso das mídias digitais

Modo de uso	n	%
Bebê utiliza sozinho		
Sempre	5	1.1
Frequentemente	49	11.3
Às vezes	71	16.3
Raramente	66	15.2
Nunca	144	33.1
Não se aplica	100	23
Bebê utiliza na presença de um adulto		
Sempre	100	23
Frequentemente	61	14
Às vezes	64	14.7
Raramente	66	15.2
Nunca	64	14.7
Não se aplica	80	18.4
Bebê utiliza em interação com um adulto		
Sempre	48	11
Frequentemente	101	23.2
Às vezes	115	26.4
Raramente	89	20.5

Nunca	30	6,9
Não se aplica	52	12

A respeito dos momentos de uso das mídias digitais por bebês e os motivos pelos quais as mães oferecem mídias digitais para seus filhos, os resultados estão detalhados na Tabela 2.

Tabela 2

Momentos e motivos de uso das mídias digitais (n = 435)

	<i>n^a</i>	%
Momentos em que a mãe permite o uso		
Viagens de longa duração	225	51,7
Viagens de curta duração	124	28,5
Refeições em restaurantes	120	27,6
Eu não ofereço dispositivos móveis	110	25,1
Em filas e esperas	105	24,1
Na hora de lazer	82	18,9
Refeições em casa	53	12,2
Visita a amigos e familiares	47	10,8
Em consultas médicas	36	8,3
Festas	27	6,2
Ao fazer compras	24	5,5
Momentos de maior necessidade da mãe		
Atividades domésticas	223	51,3
Trabalho em casa	113	26
Banho/Banheiro	90	20,7
Descanso	78	17,9
Trabalho de casa	55	12,6
Estudo	39	9,0
Brincar com filho	30	6,9
Visitas em casa	18	4,1

Momentos da rotina do bebê		
Não costumo oferecer	294	67,6
Comer	78	17,9
Dormir	47	10,8
Trocar fralda	34	7,8
Banheiro	13	3,0
Dar remédios	12	2,8
Trocar de roupas	9	2,1
Dar banho	4	,9
Amamentar	2	,5
Motivos da mãe para oferecer		
Distrair	222	51
Não costumo oferecer	116	26,7
Acalmar	107	24,6
Entreter fora de casa	107	24,6
Aprender	97	22,3
Descansar	60	13,8
Não perturbar quem está ao redor	46	10,6
Brincar	33	7,6

^aAs participantes tinham a possibilidade de marcar mais de uma opção.

Com relação à reação dos bebês aos momentos em que as mães não permitem que eles utilizem dispositivos móveis, como *smartphone* ou *tablet*, 54,5% das mães afirmou que o bebê não reage bem, mas logo se envolve com outra atividade ou com seus brinquedos. Quanto aos momentos em que é a mãe que está utilizando dispositivos móveis, como *smartphone* ou *tablet*, 48,5% das participantes referiu que a reação do bebê é pedir para utilizar junto com ela e 35,9% respondeu que o bebê fica chamando a atenção dela.

DISCUSSÃO

Este trabalho teve por objetivo descrever quantitativamente o uso que mães e bebês brasileiros de zero a 36 meses fazem das mídias digitais. A literatura mostra que as crianças pequenas estão expostas desde o nascimento a uma variedade de dispositivos digitais (por exemplo, computadores, telefones celulares, TV) e que o uso destas mídias digitais tem aumentado rapidamente (Common Sense Media, 2017; Kabali et al., 2015; Neumann, 2015), o que corrobora com os dados encontrados em nosso estudo.

Nas famílias com bebês participantes deste estudo, identificou-se um amplo acesso da internet, visto que quase a totalidade possui internet de alta velocidade e 3G/4G. Isso difere do estudo de Kabali et al (2015) que identificou um uso de 59% da internet, ainda que tenha sido feito quatro anos atrás, momento em que a internet não estava tão acessível como no momento da escrita do presente estudo. A respeito dos dispositivos mais frequentes encontrados nesta amostra, identificamos que os *smartphones* são quase universais, visto que 98,9% das famílias o possuem. Sobre isso, o Common Sense Media constatou que o número de famílias americanas que possuíam pelo menos um *smartphone* na sua residência cresceu de 41% em 2011 para 63% em 2013. Em 2017, a mesma pesquisa apontou que o número de *smartphones* saltou para 95%, dado que se aproxima dos resultados deste estudo (Common Sense Media, 2017). Há uma diferenciação quanto a outros tipos de mídias mais utilizados, pois nesta amostra brasileira o *notebook* apareceu como outro dispositivo freqüentemente presente nas famílias com bebês (87,4%) o que difere da amostra americana, em que o *tablet* parece ocupar um lugar de maior destaque. Segundo o Common Sense Media (2017), a aquisição de *tablets* saltou de 8% para 40% de 2011 para 2013, atingindo 78% em 2017. Com relação às mídias digitais que os próprios bebês possuem, identificou-se na presente amostra que 11,7% dos bebês possuem o seu próprio *tablet* e que 6,7% dos bebês possuem um *smartphone*. Já um estudo europeu que investigou o dia-a-dia de bebês de zero a três anos encontrou que todas as crianças que participaram da pesquisa tinham alguma forma de mídia digital em suas vidas e que a maioria dos dispositivos usados por elas pertenciam a seus pais (Gillen, 2018).

Nesta amostra, quase metade das mães (43%) referiram que freqüentemente a TV está ligada em sua casa, mesmo que ninguém esteja assistindo. Infere-se que aqui se trata da televisão de uso comum da família como, por exemplo, a televisão da sala de casa, visto que poucas mães (8,5%) afirmaram que os bebês possuíam uma TV em seu próprio quarto. Este dado é semelhante ao encontrado na literatura, como no Common Sense Media (2017) em que muitas famílias (42%) afirmaram deixar a TV ligada ao fundo a maior parte do tempo. Alguns

estudos têm apontado que a TV ligada ao fundo pode ser bastante prejudicial, na medida em que gera uma distração na família e pode atrapalhar as interações entre pais e filhos, incluindo uma diminuição acentuada de respostas maternas (Kirkorian, Pempek, Murphy, Schmidt, & Anderson, 2009; Napier, 2014; Schmidt et al., 2009), e tornando-se, portanto, um possível fator de risco para o desenvolvimento das crianças pequenas (Schmidt et al., 2009).

A televisão é a tecnologia de preferência das famílias com bebês menores de 2 anos (Bentley et al., ; Neumann, 2015), sendo o aparelho mais utilizado (Common Sense Media, 2017). A televisão foi unânime no estudo de Neumann (2015), visto que todas as famílias participantes possuíam este dispositivo e que 90% das crianças o utilizavam, com uma média de 80 minutos por dia, segundo relato dos pais. Embora a maioria das famílias deste estudo (61,6%) tenha relatado um uso alternado da TV, com momentos só com conteúdo para o bebê e outros só com conteúdo para os adultos, Anderson e Hanson (2013) advertem, com base em seu estudo, que boa parte do tempo em que a criança passa em frente à televisão a programação da TV não é dirigida ao público infantil. Este estudo americano indicou que crianças com menos de três anos passam pelo menos cinco horas e meia diariamente em frente à TV, ainda que envolvidas em outras atividades, como brincadeiras e alimentação.

Atualmente, a televisão já não pode mais ser considerada como uma mídia passiva, devido à grande interatividade que as *Smart TV's* possuem. Por meio deste dispositivo, tem-se amplo acesso à internet e inclusive o próprio *smartphone* pode ser conectado à TV e às plataformas de visualização, dentre as quais *YouTube* e *Netflix* se destacam. Este estudo identificou que mais da metade das mães entrevistadas (61,6%) baixaram aplicativos como *YouTube* e *Netflix* para seus filhos, seja para uso em *Smart TV* ou em *smartphones*. No estudo de Kabali et al., (2015) o *YouTube* apareceu como o aplicativo mais popular entre bebês de 1 a 2 anos. Identifica-se que a interface simples deste aplicativo oferece facilidade de acesso, permitindo que crianças pequenas saibam utilizar suas diversas funcionalidades. No entanto, Elias e Sulkin (2017) advertem que a falta de habilidades técnicas, críticas e sociais das crianças as tornam particularmente vulneráveis a conteúdos comerciais e/ou inapropriados para a idade, em especial se a visualização de conteúdos *online* não for supervisionada por um adulto. Portanto, recomenda-se que o uso possa ser mediado por um adulto responsável que esteja ciente dos conteúdos visualizados pela criança.

Neste estudo, identificou-se que mais da metade dos bebês de zero até 3 anos fazem uso de dispositivos móveis (*smartphone* e *tablet*) ou computador (54,5%). É relevante lembrar que fazer uso é diferente de possuir, como já descrito acima. No entanto, este dado parece ser ainda maior no estudo de Kabali et al. (2015) em que 96,6% dos bebês de 6 meses até 4 anos já haviam feito uso de algum tipo de dispositivo móvel. Uma pesquisa na Estônia (Nevski &

Siibak, 2016) também identificou os *smartphones* e *tablets* como os dispositivos mais utilizados diariamente por bebês de zero a 3 anos. No estudo australiano de Neumann (2015), especificamente o *tablet* apareceu como um dispositivo bastante utilizado pelos bebês e crianças pequenas. A pesquisa investigou 69 famílias com crianças entre dois e quatro anos e buscou conhecer, via questionário *online*, quais eram os dispositivos mais usados pelas crianças e seus pais. Foi identificado que os pais consideraram o *tablet* como o dispositivo de maior facilidade para o uso das crianças, sendo utilizados por estas em média 20 minutos ao dia pela maior parte das crianças (60%).

Embora a frequência de uso seja bem maior nos estudos internacionais citados, cabe destacar que o uso das mídias digitais dos bebês nesta amostra ainda assim é alto se forem consideradas as orientações vigentes das Sociedades de Pediatria, em que o uso por bebês de até 2 anos não é recomendado (American Academy of Pediatrics, 2011; American Academy of Pediatrics, 2016; Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016; Canadian Paediatric Society, 2017; Bozzola et al., 2018). Ainda, mais recentemente, a Sociedade Brasileira de Pediatra (2019) propôs um projeto de lei a fim de tentar proporcionar um maior controle sobre o uso de mídias digitais por crianças pequenas. A intenção é informar sobre os males que o uso excessivo de telefones celulares, televisão e *tablets* pode causar no desenvolvimento infantil.

Apesar disso, identifica-se que o uso de mídias digitais vem sendo amplamente utilizado pelas famílias com bebês (Domoff et al., 2019). No presente estudo, metade das mães (51%) referiram que usam mídias digitais para distrair o bebê enquanto estão realizando alguma tarefa em casa. No estudo de Kabali et al. (2015), 70% dos pais referiram que fazem uso de dispositivos móveis para distrair os filhos enquanto fazem suas próprias tarefas. Outros estudos têm mostrado que as mídias digitais são utilizadas pelas famílias para acalmar ou distrair as crianças (Radesky et al., 2014; Kabali et al., 2015; Radesky et al., 2016). Das mães que participaram deste estudo, 24,4% referiram que utilizam dispositivos móveis para acalmar o seu filho. No estudo de Kabali et al. (2015), essa porcentagem foi mais expressiva, já que 60% das famílias referiu utilizar dispositivos móveis para acalmar o seu filho em lugares públicos.

O trabalho de Radesky et al., (2016) sobre o uso das tecnologias móveis para acalmar as crianças mostrou associações significativas entre o aumento das dificuldades socioemocionais em crianças pequenas e a tendência de pais de baixa renda usarem a tecnologia móvel para acalmar seus filhos, em especial os pais que expressaram ter menor controle sobre os seus filhos. A pesquisa apontou que as crianças com dificuldades socioemocionais são mais propensas a receber um aparelho de telefone como forma de ajudá-las a se acalmar e a manter a paz e a quietude na casa, em comparação com crianças sem

dificuldades socioemocionais. Os problemas de auto-regulação da primeira infância, isto é, crianças que têm dificuldade para se acalmar, podem estar associados à exposição às mídias, de acordo com Radesky et al., (2014). Os autores identificaram que bebês e crianças pequenas com esse tipo de dificuldade são colocadas na frente das telas por seus cuidadores com mais frequência. Contudo, não é possível saber se estas crianças já tinham problemas de auto-regulação e, em função disso, os pais utilizaram as mídias como forma de acalmá-las, ou se estas crianças desenvolveram dificuldades de auto-regulação pelo uso excessivo de mídias,. Acredita-se que este aspecto deve ser melhor investigado em estudos posteriores, preferencialmente de delineamento longitudinal.

Mas em que momentos as mães sentem necessidade de oferecer mídias digitais para os filhos a fim de realizar as suas próprias tarefas? No presente estudo, as mães referiram sentir necessidade de uso quando elas estão realizando uma atividade doméstica (51,3%), quando estão resolvendo questões de trabalho em casa (26%) e para elas tomarem banho ou irem ao banheiro (20,7%). Em sequência, quando questionadas quanto à reação do bebê ao não permitirem que ele utilize dispositivos móveis, mais da metade (54,5%) afirmou que o bebê não reage bem, mas logo se envolve com outra atividade ou com seus brinquedos. A partir dos dados, pode-se pensar que a iniciativa de oferecer algum tipo de mídia digital parte das mães e não de uma necessidade dos bebês em usar tais recursos. Parece que os bebês acabam ficando bem sem as mídias digitais, afinal não é um recurso imprescindível nessa faixa etária. Este achado também pode ser evidenciado nos estudos de Kabali et al. (2015), Wartella, Rideout, Lauricella e Connell (2013) e Mallmann (2019). Este último buscou compreender o uso que as mães de bebês de até dois anos fazem das novas tecnologias. A autora identificou que o uso das tecnologias era uma necessidade própria das mães, uma vez que foi um recurso utilizado para que pudessem realizar alguma tarefa, auxiliando no manejo com o bebê. Frente a este resultado, cabe refletir mais uma vez sobre as orientações de pediatria vigentes, pois ainda que o uso por bebês não seja recomendado, percebe-se que as mães têm apresentado esta necessidade. Nesse sentido, em vez de simplesmente proibir o uso, seria adequado compreender tais momentos em que as mães sentem necessidade de oferecer mídias digitais para seus bebês e auxiliá-las com alternativas para que a oferta de mídias digitais não seja o primeiro recurso a ser utilizado nas dificuldades cotidianas com um bebê.

As mídias digitais também tem sido utilizadas em importantes momentos da rotina de bebês e crianças pequenas, como na hora de dormir e de comer (Gillen, 2018). Sobre o uso de tecnologias na hora de dormir, os resultados do nosso estudo contrastam com a literatura internacional. Nesta amostra somente 10,8% afirmaram que oferecem dispositivos móveis para seus filhos na hora de dormir, enquanto na literatura internacional este número parece ser

maior. O Common Sense Media (2017) apontou que muitas crianças usam as mídias pouco antes de dormir (49%) e o estudo de Kabali et al. (2015) indicou que 28% dos pais usavam dispositivos móveis ao colocar seus filhos para dormir. O impacto do uso de mídias no sono das crianças tem chamado a atenção dos pesquisadores, como mostra o estudo de revisão sistemática e metanálise de Carter et al., (2016). Os autores analisaram 20 estudos a fim de investigar se existe uma associação entre o acesso e o uso de dispositivos móveis e o sono. Os resultados mostraram que o uso de dispositivos móveis estava associado à quantidade inadequada de sono, à má qualidade do sono e à sonolência diurna excessiva. Vale apontar que, até o momento, este estudo foi a única revisão sistemática e metanálise encontrada com este objetivo e que a população pesquisada foi composta de crianças e adolescentes. Portanto, mostra-se necessário que outros estudos possam investigar este desfecho em bebês, visto que os dados desta amostra e da literatura apontam que os bebês estão utilizando as mídias digitais na hora de dormir.

Quanto ao uso de dispositivos móveis na hora de comer, somente 17,9% das mães afirmou oferecer dispositivos móveis para seus filhos neste momento da rotina, embora seja bastante comum ver crianças usando alguma tecnologia durante as refeições, tanto em casa, quanto em restaurantes (Davis et al., 2017). No entanto, quando esta questão foi abordada de maneira diferente, perguntando em quais ocasiões as mães permitiam o uso de dispositivos móveis pelos seus bebês, 27,6% referiram que permitem que seu bebê use dispositivos móveis ao fazer refeições em restaurantes. A pesquisa de Raman et al. (2017) com 210 famílias investigou a exposição das mídias digitais em bebês de 12 a 36 meses associada às rotinas diárias. Os autores identificaram que mais de um terço dos bebês da amostra realizava todas as três refeições diárias com uma tela eletrônica ativa. Outros estudos (Hiniker, Schoenebeck & Kientz, 2016; Moser, Schoenebeck, & Reinecke, 2016) têm destacado que o uso da tecnologia móvel por crianças durante as refeições tem impactado negativamente a interação familiar, reduzindo a saciedade ou incentivando os “maus modos”.

Por outro lado, Davis et al., (2017), em seu estudo sobre o uso da tecnologia móvel por famílias com crianças em restaurantes durante a hora do jantar, defendem o uso das tecnologias móveis nesse contexto, sustentando a ideia de que o seu uso oferece muitas oportunidades para o aprendizado, como o jogo e a interação, permitindo que os familiares passem o tempo juntos. Contudo, destaca-se que o Ministério da Saúde (2019) alertou sobre evitar o uso de telas com bebês na hora das refeições, visto que seu uso pode prejudicar a experiência da criança com a comida, levando a desinteresse pelos alimentos, perda de apetite ou ganho de peso. Outros importantes órgãos (WHO, 2019; Royal College of Paediatrics and Child Health, 2019) também se posicionaram recentemente sobre a importância de preservar

momentos da rotina livres de tela, tais como a hora da alimentação, de dormir e de trocar as fraldas. Entende-se que essas rotinas são oportunidades fundamentais de interação entre os pais e os bebês e que as mídias digitais não deveriam estar mediando estes momentos.

Os dados deste estudo também permitem refletir quanto ao uso de mídias digitais e a interação pais-bebê. Identificou-se que 48,5% das mães referiu que, quando elas mesmas estão utilizando dispositivos móveis, a reação do bebê é pedir para utilizar junto e que 35,9% referiu que o bebê fica chamando a sua atenção nestes momentos. Portanto, a partir deste dado, pode-se compreender que parece haver uma demanda por parte dos bebês de ter uma interação com suas mães. Tendo em vista que a mãe está com sua atenção voltada para a mídia digital, identifica-se que a necessidade do bebê é de ter troca e contato com sua mãe, e não com os dispositivos móveis. Sabe-se que, no começo da vida, o que os bebês necessitam é de trocas de olhares, de afeto, de interação presencial; precisam estar em contato físico e emocional com seus cuidadores e não com dispositivos eletrônicos (Jerusalinsky, 2015). O risco é que os bebês passem muito tempo sozinhos em frente às telas sem interagir (Fidler, Zack & Barr, 2010). Portanto, há que se ter cuidado para que as interações precoces e presenciais dos bebês com seus pais não sejam substituídas ou excessivamente mediadas por interações virtuais.

Inclusive, o estudo de Hiniker, Lee, Kientz e Radesky (2018) identificou que pais e filhos eram menos propensos a se envolver uns com os outros ou a responder às solicitações de atenção durante brincadeiras com *tablets*. Este estudo de laboratório observacional examinou a interação de 15 pares de pais e filhos de 4 a 6 anos com *tablets*, em comparação com brinquedos tradicionais. Foi observado que os pais eram mais frequentemente excluídos da brincadeira quando as crianças estavam envolvidas com *tablets*, visto que estas ficavam absortas com o dispositivo eletrônico. Em comparação, os autores identificaram que com brinquedos tradicionais as duplas pais e filhos se mostraram mais engajadas mutuamente, com mais trocas e interações verbais.

Ainda, de maneira complementar, no estudo de Radesky et al., (2016), os pais referiram que se sentem mais presentes e conectados com seus filhos quando os dispositivos móveis são colocados de lado. Identificaram ainda que as crianças ficam mais relaxadas e tranquilas quando eles estão em interação com elas sem o uso de telefone, o que permite maior atenção, envolvimento e trocas de afeto. Nesse sentido, reforça-se que as interações face-a-face entre pais e bebês sejam priorizadas, visto que o que os bebês precisam é de cuidadores afetivos, presentes e disponíveis para que possam se desenvolver física e emocionalmente.

Ainda pensando na interação, quando questionadas quanto ao modo de utilização das mídias digitais pelos bebês, destaca-se que a maioria das mães desta amostra referiu que os bebês usam sozinhos alguma mídia digital e que somente às vezes isso ocorre em interação com um adulto. Sobre isso, percebe-se que algumas mães conseguem vivenciar a tecnologia mostrando-se co-envolvidas com seus filhos durante o uso, disponíveis para trocar e interagir acerca do conteúdo exposto na mídia digital (26,4%). E embora outras mães também tenham respondido que os bebês sempre utilizam as mídias digitais na presença de um adulto (23%), cabe ressaltar que a experiência de utilizar na presença de alguém é diferente de usar em interação com alguém.

O uso de mídias digitais por bebês somente na presença de um adulto não requer envolvimento, nem trocas ou interação, restringindo-se a uma supervisão à distância. Ainda, outros pais se apóiam na tecnologia para se libertar de seus filhos a fim de dar conta das suas próprias tarefas o que produz um uso solitário das mídias digitais pelos bebês (apenas 33,1% dos bebês nunca utilizam sozinhos). Nesse sentido, a tecnologia pode ter o potencial de substituir as brincadeiras e interações entre eles (Hiniker et al., 2018).

Contudo, acredita-se que um bebê ainda não tem condições de significar sozinho toda a gama de informações e conexões virtuais que as mídias digitais oferecem. Jerusalinsky (2015) explica que quando o uso de mídias digitais é feito sozinho pelos bebês, eles ficam apenas na presença excessiva do objeto, mas subjetivamente à deriva, ficam “perdidos no espaço virtual, ou fixados em um fragmento perceptivo em torno de um naco frio e brilhante de puro real inominável” (Jerusalinsky, 2015, p. 5).

Pode-se pensar que os bebês se encontram em um momento de profunda dependência, imaturidade física e psíquica do seu desenvolvimento, e que usar sozinho as mídias digitais vai contra as necessidades emocionais de um bebê para se constituir. Eles necessitam, no começo do seu desenvolvimento, na linguagem winnicottiana, de um *holding* confiável e acolhedor e de um *handling* seguro e afetivo, com uma gradual apresentação de objetos que tem que se dar de forma respeitosa, conforme a capacidade do bebê de se relacionar com os objetos (Winnicott, 1987/2006). Se não há troca de olhares, não há espelhamento e, consequentemente, não há interação e conexão emocional. Para Winnicott (1957/2014) “...esse mundo real tem muito a oferecer desde que a sua aceitação não signifique uma perda de realidade do mundo pessoal imaginativo interior” (Winnicott, 1957/2014, p. 78).

Por fim, os dados mostraram que 33,6% das mães baixam aplicativos para seus filhos no seu próprio *smartphone* e que 32,9% baixam aplicativos ditos pedagógicos, projetados para ensinar algo para seu bebê. Sobre isso, estudos indicam que os pais costumam baixar aplicativos para seus filhos, pois apresentam crenças acerca do valor educacional das mídias

digitais. Por exemplo, consideram o uso independente das mídias, como o *YouTube*, como um comportamento desejável, que atesta as habilidades tecnológicas de seus filhos pequenos (Livingstone, Marsh, Plowman, Ottovordemgentschenfelde, & Fletcher-Watson, 2014; Nevski & Siibak, 2016). Radesky et al. (2016) apontaram em seu estudo que os cuidadores sentiram a necessidade de apresentar seu filho à tecnologia móvel em uma idade precoce para que a criança pudesse acompanhar as tendências de educação e não ficasse em desvantagem.

Essa crença dos pais é reforçada por estratégias de *marketing* que enfatizam o poder educacional das mídias digitais, que seria capaz de proporcionar aprendizado às crianças (Nevski & Siibak, 2016). Entretanto, até o momento não foram encontradas evidências positivas do uso de mídias digitais por bebês. Do contrário, estudos revelam que as mídias não são benéficas (Schmidt et al., 2009; Strasburger, 2007; Radesky & Christakis, 2016) nem educativas para os bebês, e que até os 30 meses eles só vão aprender com as mídias digitais se houver a interação com algum cuidador (Radesky & Christakis, 2016). Inclusive, muitos dos aplicativos baixados pelos pais para uso dos bebês têm um potencial educativo questionável, além de serem impróprios para a faixa etária (Nevski & Siibak, 2016). Nesse sentido, destaca-se que as mídias digitais, ao menos até onde se sabe, não irão cumprir uma função de troca e de educação para os bebês, se não houver a participação e a interação de um cuidador disposto a mediar a experiência tecnológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou descrever quantitativamente o uso que mães e bebês brasileiros de zero a 36 meses fazem das mídias digitais. Os dados apresentam um panorama do uso das mídias digitais por mães e bebês numa amostra brasileira, indicando que estão maciçamente presentes nos lares, sendo utilizadas no dia-a-dia dos bebês. Os resultados sugerem que o uso das mídias digitais está associado à necessidade das mães de entreter os seus bebês para que possam realizar as suas próprias tarefas. Sabe-se que as demandas de cuidados que os bebês exigem e os desafios diários na organização da vida familiar não são situações novas, nem surgem como resultado do aparecimento das mídias digitais. Mas pode-se pensar que as mães desta amostra representam a realidade das mães da atualidade, que têm se sentido sobrecarregadas e solitárias no desafio de conciliar as exigências da maternidade com atividades pessoais, profissionais e vida afetiva.

É neste contexto que as mídias digitais aparecem como um recurso para que, por exemplo, na ausência de uma rede de apoio, as mães possam dar conta de outras demandas enquanto seu filho fica entretido com algum dispositivo tecnológico. Ainda que se

compreenda que pode ser um desafio abdicar de recursos tecnológicos atualmente, deve-se ter um cuidado para que as interações familiares presenciais não sejam interrompidas ou mediadas excessivamente pelas mídias digitais. Nesse sentido, acredita-se que este trabalho proporciona uma reflexão sobre o papel que as mídias digitais vêm ocupando nas famílias, visto que este recurso, dentre outros fatores, tem sido utilizado como uma forma de liberar momentaneamente as famílias de uma interação engajada com seus filhos. Ainda, acredita-se que as mães que utilizam as mídias digitais possivelmente não estão cientes da falta de benefícios e dos impactos negativos que essa ferramenta pode acarretar no desenvolvimento dos seus filhos. Nesse sentido, este estudo pode ter a finalidade de alertar e orientar as famílias com bebês.

Identificou-se, a partir das respostas das mães brasileiras, frequências menores em diversos aspectos, em comparação com os estudos internacionais. Pode-se pensar que, devido ao alto nível socioeconômico e educacional das mães participantes deste estudo, possa ter incidido alta desejabilidade social sobre as respostas, visto que são mães que podem já ter tido acesso às orientações de que o uso de mídias digitais por bebês não é recomendado. Isto é, acredita-se que possa ter havido um receio delas frente aos possíveis julgamentos de como realmente ocorre o uso de mídias digitais por seus filhos nas suas rotinas. Essas diferenças também podem ter ocorrido devido ao contexto cultural, já que a cultura americana, onde predominam os estudos sobre mídias digitais, difere do contexto brasileiro. Ainda, tendo em vista que muitos bebês fazem um uso solitário das mídias digitais, infere-se que as mães possam ter tido dificuldade ao relatar o uso que seus filhos fazem, na medida em que o uso de dispositivos móveis tende a ser autônomo, intuitivo e auto-orientado pelas crianças pequenas.

Quanto às limitações, não foi possível obter dados precisos acerca do tempo de uso que mães e bebês fazem individualmente das mídias digitais porque as análises não se mostraram precisamente bem avaliadas. Identificou-se que a maneira como essa variável foi investigada no questionário não foi eficiente, já que posteriormente houve dificuldade na análise dos dados. Além disso, acredita-se que o tempo de uso das mídias digitais é um dado difícil de ser mensurado e contabilizado pelas mães, por ser subjetivo e variável nas rotinas familiares. Outra limitação é que o tipo de mídia digital mais utilizada por bebês não foi abordada no *survey*, assim como os conteúdos a que eles estão expostos. Contudo, a partir da identificação de tais limitações, estas questões já foram reformuladas para que estudos posteriores possam contemplar estes dados que são tão relevantes.

Sugere-se que novos estudos possam investigar famílias com níveis socioeconômicos mais baixos, a fim de verificar se existem diferenças na oferta e no uso de mídias digitais por bebês em comparação com os dados obtidos nesta amostra. E ainda, reforça-se a necessidade

de mais pesquisas sobre as mídias digitais com bebês no contexto brasileiro, a fim de somar conhecimentos e auxiliar na investigação da influência dessas tecnologias no desenvolvimento das crianças.

Por fim, destaca-se como potencialidades deste estudo, primeiramente, a escolha do tema pela pesquisadora, que abordou um fenômeno atual e culturalmente interessante, que faz parte do cotidiano das famílias contemporâneas, mas que ainda é pouco explorado cientificamente no contexto brasileiro. Nesse sentido, a investigação do estudo se mostra relevante na medida em que amplia a compreensão do uso de mídias digitais por bebês e aborda repercussões tão significativas em termos de desenvolvimento infantil, rotina e interação familiar e, de forma mais ampla, acredita-se que agrega em termos de saúde pública. Ainda, ressalta-se os achados inovadores, visto que não foram encontrados outros estudos que investigaram como é o uso de mídias digitais com esta população, com este método e ainda com resultados que enfoquem o impacto para a interação mãe-bebê.

REFERÊNCIAS

- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2011). Media use by children younger than 2 years. *Pediatrics*, *128*(5), 1040-1045. doi: 10.1542/peds.2011-1753
- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2016). Media and young minds. *Pediatrics*, *138*(5), 1-8. doi: 10.1542/peds.2016-2591
- American Psychological Association. (2019). Thesaurus of Psychological Index Terms. Recuperado de: <https://psycnetapaorg.ez25.periodicos.capes.gov.br/thesaurus/item?term=digital%20media>
- Anderson, D. R., & Hanson, K. (2013). What researchers have learned about toddlers and television. *Zero to three*, *33*(4) 4-10. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/287195548_What_Researchers_have_learned_about_toddlers_and_television
- Bentley, G. F., Turner, K. M., & Jago, R. (2016). Mothers' views of their preschool child's screen-viewing behaviour: A qualitative study. *BMC Public Health*, *16*(718), 1-11. doi:10.1186/s12889-016-3440-z
- Bozzola, E., Spina, G., Ruggiero, M., Memo, L., Agostiniani, R., Bozzola, M., Corsello, G., & Villani, A. (2018). Media devices in pre-school children: The recommendations of the

- Italian pediatric society. *Italian Journal of Pediatrics*, 44(69), 1-5. doi: 10.1186/s13052-018-0508-7
- Canadian Paediatric Society, Digital Health Task Force. (2017). Screen time and young children: Promoting health and development in a digital world. *Paediatrics & Child Health*, 22(8), 461-468. doi: 10.1093/pch/pxx123
- Carter, B.; McPhill, P.R.; Hale, L., Bhattacharjee, D., Paradkar, M. (2016). Association Between Portable Screen-Based Media Device Access or Use and Sleep Outcomes A Systematic Review and Meta-analysis. *JAMA Pediatrics*, 170(12):1202-1208. doi:10.1001/jamapediatrics.2016.2341
- Chassiakos, Y. R., Radesky, J., Christakis, D., Moreno, M. A., & Cross, C. (2016). Children and adolescents and digital media. *American Academy of Pediatrics*, 138(5). doi: 10.1542/peds.2016-2593
- Common Sense Media. (2017). The Common Sense Census: Media use by kids age zero to eight. A special population: children under two. Retrieved from: <https://www.commonsense.org/zero-to-eight-census>
- Common Sense Media (2013). Zero to Eight: Children's media use in America 2013. Recuperado de: <https://www.commonsensemedia.org/research/zero-to-eight-childrens-media-use-in-america-2013>
- Cristia, A., & Seidl, A. (2015). Parental reports on touch screen use in early childhood. *PLoS ONE*, 10(6) doi: 10.1371/journal.pone.0128338
- Davis, H., Ferdous, H. S., & Vetere, F. (2017). "Table Manners." In *Proceedings of the 2017 CHI Conference Extended Abstracts on Human Factors in Computing Systems - CHI EA '17*. <https://doi.org/10.1145/3027063.3053353>
- Domoff, S.E., Radesky, J. S., Harrison, K., Riley, H., Lumeng, J.C & Miller, A.L (2019). A Naturalistic Study of Child and Family Screen Media and Mobile Device Use. *Journal of Child and Family Studies*, 28, 401–410 doi 10.1007/s10826-018-1275-1
- Duch, H., Fisher, E. M., Ensari, I., Font, M., Harrington, A., Caroline Taromino, J. Y., & Rodriguez, C. (2013). Association of screen time use and language development in Hispanic toddlers: a cross-sectional and longitudinal study. *Clinical Pediatrics*, 52(9), 857–865.
- Elias, N., & Sulkin, I. (2017). YouTube viewers in diapers: An exploration of factors associated with amount of toddlers' online viewing. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 11(3), article 2. <https://dx.doi.org/10.5817/CP2017-3-2>
- Fidler, A. Zack, E. & Barr, R. (2010) Television viewing patterns in 6-to-18 month olds: the

- role of caregiver-infant interactional quality. *Infancy*, 15, 2, 176-196.
- Frizzo, G. B., Bandeira, D. R., Levandowski, D. C., Azevedo, E. C., Mendonça Filho, E. J., Mallmann, M. Y., Pedrotti, B. G., Pieta, M. A. M., & Silva, M. A. (2017). Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil. Projeto de Pesquisa não publicado
- Gillen, J. (2018). A day in the digital lives of children aged 0-3. Summary report by DigiLitEY ISCH COST Action IS1410 Working Group 1 “Digital literacy in homes and communities.
- Haughton, C., Aiken, M., & Cheevers, C. (2015). Cyber babies: The impact of emerging technology on the developing infant. *Psychology Research*, 5(9), 504-518. doi:10.17265/2159-5542/2015.09.002
- Hiniker, A., Schoenebeck, S.Y., & Kientz, J. A (2016). Not at the Dinner Table: Parents' and Children's Perspectives on Family Technology Rules. In Proc. CSCW'16, 1374-1387. doi:10.1145/2818048.2819940
- Hiniker, A., Lee, B., Kientz, J., & Radesky, J. (2018). Let's play! Digital and Analog Play Patterns between Preschoolers and Parents. In CHI Montréal, QC, Canada. doi: 10.1145/3173574.3174233
- Holloway, D. J., Green, L., & Stevenson, K. (2015). Digitods: Toddlers, Touch Screens and Australian Family Life. *M/C Journal*, 18 (5). Retrieved from: <http://journal.mediaculture.org.au/index.php/mcjournal/rt/printerFriendly/1024/0>
- Jerusalinsky, J. (2015). A criança em constituição na era das relações virtuais. *Estadão*, parte 1, 2 e 3. Retirado de: <https://emails.estadao.com.br/blogs/crianca-em-desenvolvimento/as-criancas-entre-os-lacos-familiares-e-as-janelas-virtuais-parte-2/>
- Kabali, H. K., Irigoyen, M. M., Nunez-Davis, R., Budacki, J. G., Mohanty, S. H., Leister, K. P., & Bonner, R. L. (2015). Exposure and use of mobile media devices by young children. *Pediatrics*, 136(6), 1044-1050. doi: 10.1542/peds.2015-21
- Kildare, C. A., & Middlemiss, W. (2017). Impact of parents mobile device use on parent-child interaction: A literature review. *Computers in Human Behavior*, 75, 579–593. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.06.003>
- Kirkorian, H. L., Pempek, T. A., Murphy, L. A., Schmidt, M. E., & Anderson, D.R. (2009). The impact of background television on parent-child interaction. *Child Development*, 80 (5), 1350-1359.

- Lauricella, A. R., Wartella, E., & Rideout, V. J. (2015). Young children's screen time: The complex role of parent and child factors. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 36, 11–17. doi: 10.1016/j.appdev.2014.12.001
- Livingstone, S., Marsh, J., Plowman, L., Ottovordemgentschenfelde, S., & Fletcher-Watson, B. (2014). Young children (0-8) and digital technology: A qualitative exploratory study - national report - UK. Luxembourg: Joint Research Centre, European Commission. Retrieved from <http://eprints.lse.ac.uk/60799>
- Lin, L.Y., Cherg, R. J., Chen, Y.J., Chen, Y.J., & Yang, H.M. (2015). Effects of television exposure on developmental skills among young children. *Infant Behavior and Development*, 38, 20-26.
- Mallmann, M. Y. (2019). As novas tecnologias e seu uso pelos bebês: o que as mães pensam sobre essa nova realidade? Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- McDaniel, B. T. & Radesky, J. (2017). Technoference: Parent Distraction With Technology and Associations With Child Behavior Problems. *Child Development*, 89(1), 100-109. doi: 10.1111/cdev.12822
- Miner, R. (2015). Television is now the second screen for kids with tablets [Survey report]. Retrieved from <http://www.minerandcostudio.com/tv-is-now-the-second-screen>
- Ministério da Saúde (2019). Guia alimentar para crianças menores de 2 anos. Retirado de: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia_da_crianca_2019.pdf
- Moser, C., Schoenebeck, S.Y., & Reinecke, K. (2016). Technology at the Table: Attitudes About Mobile Phone Use at Mealtimes. In Proc. CHI'13.
- Munzer, T.G., Miller, A.L., Weeks, H.M., Kaciroti, N., & Radesky, J. (2019). Parent-Toddler Social Reciprocity During Reading From Electronic Tablets vs Print Books. *JAMA Pediatrics*. doi:10.1001/jamapediatrics.2019.3480
- Napier, C. (2014). How use of screen media affects the emotional development of infants. *Art & Science*, 24(2).
- Nathanson, A. I., Aladé, F. , Sharp, M. L. , Rasmussen, E. E., & Christy, K. (2014). The Relation Between Television Exposure and Executive Function Among Preschoolers. *Developmental Psychology*, 50 (5), 1497–1506. doi: 10.1037/a0035714
- Neumann, M. M. (2015). Young children and screen time: creating a mindful approach to digital technology. *Australian Educational Computing*, 30(2), 1-15. Retrieved from: <https://experts.griffith.edu.au/publication/n5162600d026988252ac710706778a7bc>

- Nevski, E. & Siibak, A. (2016). The role of parents and parental mediation on 0–3-year olds’ digital play with smart devices: Estonian parents’ attitudes and practices. *Early Years An International Research Journal*, doi: 10.1080/09575146.2016.1161601
- Nobre, J.N.P., Santos, J.N., Santos, L.R., Guedes, S.C., Pereira, L., Costa, J.M., Morais, R.L.S. (2019a). Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. *Cien Saude Colet* [periódico na internet]. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-determinantes-no-tempo-de-tela-de-criancas-na-primeira-infancia/17321?id=17321&id=17321>
- Nobre, J.N.P., Prat, B.V., Santos, J.N., Santos, L.R., Pereira, L., Guedes, S.C., Ribeiro, R.F., & Morais, R.L.S. (2019b). Quality of interactive media use in early childhood and child development: a multicriteria analysis. *Jornal de Pediatria*, doi: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2018.11.015>
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE (2017). *Questionário de dados sócio-demográficos*. Instrumento não publicado.
- Pedrotti, B. G. (2019). Como prescindir das novas tecnologias no cuidado e na interação com os bebês? Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Radesky, J. S., & Christakis, D. A. (2016). Increased screen time: Implications for early childhood development and behavior. *Pediatric Clinics*, 63, 827–839. doi: 10.1016/j.pcl.2016.06.006
- Radesky, J. S., Miller, A. L., Rosenblum, K. L., Appugliese, D., Kaciroti, N., & Lumeng, J. C. (2015). Maternal mobile device use during a structured parent-child interaction task. *Academic Pediatrics*, 15(2), 238-244. doi: <http://doi.org/10.1016/j.acap.2014.10.001>
- Radesky, J. S., Peacock-Chambers, E., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016). Use of Mobile Technology to Calm Upset Children. *Jama Pediatrics*, 170 (4), 397-399. doi: 10.1001/jamapediatrics.2015.4260
- Radesky, J. S., Schumacher, J., & Zuckerman, B. (2015). Mobile and interactive media use by young children: The good, the bad, and the unknown. *Pediatrics*, 135 (1), 1-3. doi: 10.1542/peds.2014-2251
- Radesky, J. S., Silverstein, M., Zuckerman, B., & Christakis, D. A. (2014). Infant self-regulation and early childhood media exposure. *Pediatrics*, 133 (5), 1172-1178 doi: 10.1542/peds.2013-2367
- Radesky, J. S., Kistin, C., Eisenberg, S., Gross, J. Block, G., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016). Parent Perspectives on Their Mobile Technology Use: The excitement and

- exhaustion of parenting while connected. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 37 (09), 694-701. doi: 10.1097/DBP.0000000000000357
- Raman, S., Guerrero-Duby, S., McCullough, J. L., Brown, M., Ostrowski-Delahanty, S., Langkamp, D., & Duby, J. C. (2017). Screen Exposure During Daily Routines and a Young Child's Risk for Having Social-Emotional Delay. *Clinical Pediatrics*, 56(13), 1244–1253. doi: <https://doi.org/10.1177/0009922816684600>
- Robson, C. (2002). *Real world research: a resource for social scientists and practitioner-researchers* (2nd ed.). Malden: Blackwell
- Royal College of Paediatrics and Child Health RCPCH (2019). The health impacts of screen time: a guide for clinicians and parents. Retrieved from: <https://www.rcpch.ac.uk/resources/health-impacts-screen-time-guide-clinicians-parents>
- Schmidt, M., Rich, M., Rifas-Shiman, S.L., Oken, E., & Taveras, E. M. (2009). Television viewing in infancy and child cognition at 3 years of age in a US cohort. *Pediatrics*. 123, 3, 370-375.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2016). Saúde de crianças e adolescentes na era digital. *Manual de Orientação, Departamento de Adolescência*. Recuperado de <http://www.sbp.com.br/src/uploads/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-dolesc.pdf>
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). Uso excessivo de telas na infância domina debates na abertura do Congresso Brasileiro de Pediatria. Recuperado de <http://www.sprs.com.br/sprs2013/noticias/detalhe.php?id=23&detalhe=1000>
- Soifer, R. (1992). *A criança e a TV: uma visão psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Strasburger, V. (2007). First do no harm: why have parents and pediatricians missed the boat on children and media? *Journal of Pediatrics*, 151 (4), 334-336.
- Wartella, E. A., Rideout, V., Lauricella, A., & Connell, S. (2013). Parenting in the age of digital technology: A national survey. Report of the Center on Media and Human Development. Presented at the School of Communication, Northwestern University, Evanston, IL. Retrieved from <http://cmhd.northwestern.edu/parenting-in-the-age-of-digital—technology/>
- Winnicott, D. W. (2005). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1986)
- Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1987)
- Winnicott, D. W. (2006). O ambiente saudável na infância. In: D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães* (pp. 51-59). São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1964).

- Winnicott, D. W. (2014). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC. (Original published in 1957)
- World Health Organization WHO (2019). Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age. World Health Organization. Retrieved from <http://www.who.int/iris/handle/10665/311664>.

**CAPÍTULO III: USO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELOS BEBÊS:
ASSOCIAÇÕES COM O DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DO BEBÊ E
A SAÚDE MENTAL MATERNA**

Elisa Cardoso Azevedo

Maíra Lopes Almeida

Maria Adélia Minghelli Pieta

Giana Bitencourt Frizzo

(2020)

Resumo: Este trabalho teve por objetivo investigar as associações entre o uso das mídias digitais pelos bebês, o desenvolvimento socioemocional do bebê e a saúde mental materna. Trata-se de um estudo transversal em que participaram 269 mães brasileiras de bebês com idades entre zero e 36 meses. Os dados foram coletados via *survey online* e os instrumentos utilizados foram o IDADI, o SRQ-20 e um questionário sobre uso de mídias digitais. Dentre os resultados encontrados destaca-se que o uso de mídias digitais somente pelo bebê correlacionou-se negativamente com o desenvolvimento socioemocional do bebê, sendo que a permissão materna para que o filho utilize as mídias digitais foi a principal variável associada ao uso de mídias digitais pelo bebê. Além disso, a saúde mental materna pode ser considerada um importante fator no uso conjunto que a dupla mãe-bebê faz das mídias digitais. Acredita-se que esta pesquisa ampliou o entendimento do uso de mídias por bebês na medida em que associou este fenômeno à saúde mental materna e ao impacto que pode acarretar ao desenvolvimento socioemocional do bebê.

Palavras-chave: mídias digitais, bebês, socioemocional, saúde mental materna

Abstract: This work aimed to investigate the associations between the use of digital media by babies, the baby's socioemotional development and maternal mental health. This is a cross-sectional study in which 269 Brazilian mothers of babies aged between zero and 36 months participated. The data were collected through an online survey and the instruments used were the IDADI, the SRQ-20 and a questionnaire on the use of media. Among the results found, it is highlighted that the baby's use of digital media was negatively correlated with the baby's socio-emotional development, and maternal permission for the child to use digital media was the main variable associated with the use of digital media by baby. In addition, maternal mental health can be considered an important factor in the joint use that the mother-baby pair makes of digital media. It is believed that this research expanded the

understanding of the use of media by babies as it associated this phenomenon with maternal mental health and the impact it can have on the baby's socioemotional development.

Keywords: digital media, use of digital media, babies, socioemocional, mothers mental health

INTRODUÇÃO

As famílias com bebês têm utilizado amplamente as mídias digitais em suas rotinas. Sabe-se que o uso destes recursos por bebês e crianças pequenas vem crescendo e tem aumentado rapidamente nos últimos anos (Common Sense Media, 2017; Domoff et al., 2019; Kabali et al., 2015; Munzer, Miller, Weeks, Kaciroti, & Radesky, 2019; Neumann, 2015). Crianças muito pequenas estão se tornando especialistas no uso da tecnologia e são verdadeiros nativos digitais (Haughton, Aiken & Cheevers, 2015). Apesar das associações de pediatria de vários lugares do mundo desencorajarem qualquer uso de mídias digitais por bebês de até dois anos (American Academy of Pediatrics, 2011; American Academy of Pediatrics, 2016; Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016; Canadian Paediatric Society, 2017; Bozzola et al., 2018) identifica-se que, mesmo assim, os bebês estão tendo acesso a elas cada vez mais cedo (Christakis, 2009).

Frente a esse fenômeno, mostra-se necessário atentar especificamente para os bebês, devido ao momento crítico do desenvolvimento em que eles se encontram. O desenvolvimento do bebê, nos três primeiros anos de vida, é moldado por relacionamentos e experiências, tornando os bebês particularmente suscetíveis aos efeitos do ambiente (Winnicott, 1990/1988). É na primeira infância que ocorre a maior parte do desenvolvimento crítico do cérebro, portanto, as experiências durante esse período influenciam fortemente o funcionamento futuro das crianças. É importante que o bebê tenha interações de qualidade para o melhor desenvolvimento possível das conexões cerebrais (Christakis 2009; Haughton et al., 2015; Irwin, Siddiqi & Hertzman, 2007; Napier, 2014).

Nesse sentido, tem se questionado como as mídias digitais podem afetar as crianças tanto mental quanto fisicamente (American Academy of Pediatrics, 2011; Radesky, Schumacher e Zuckerman, 2015). O que se sabe, até o presente momento, é que, tratando-se especificamente de bebês, não há benefícios em usar mídias digitais tão precocemente (Schmidt, Rich, Rifas-Shiman, Oken & Taveras, 2009; Strasburger, 2007; Radesky & Christakis, 2016). Inclusive, outras evidências já existentes indicam que o uso de mídias digitais tem sido associado a diversos impactos negativos no desenvolvimento (Mustafaoğlu, Zirek, Yasacı & Özdiñçle, 2018) como no domínio cognitivo (Anderson & Hanson, 2013; Anderson & Subrahmanyam, 2017; Nathanson, Aladé, Sharp, Rasmussen, & Christy, 2014;

Lin, Cherg, Chen, Chen & Yang, 2015; Radesky & Christakis, 2016), na linguagem (Duch, Fisher, Ensari, & Harrington, 2013; Collet et al., 2018; Zimmerman, Christakis, Meltzoff, 2007a; Zimmerman, Christakis, Meltzoff, 2007b) e no sono (Carter, McPhill, Hale, Bhattacharjee & Paradkar, 2016). No entanto, pouco se sabe acerca de impactos no desenvolvimento socioemocional dos bebês, visto que os estudos nesse âmbito ainda são minoria (Haughton et al., 2015; Napier, 2014; Raman et al., 2017).

O desenvolvimento socioemocional refere-se à maneira como uma criança gerencia e expressa emoções, desenvolve relacionamentos íntimos e satisfatórios e aprende ativamente com o ambiente (Raman et al., 2017). É por meio de interações sociais regulares que as habilidades sociais e emocionais são aprendidas pelos bebês (Sigman, 2012), algo preconizado por inúmeros profissionais do desenvolvimento infantil há décadas (Bowlby, 1989; Brazelton, 1992; Spitz, 1979; Stern, 1977; Winnicott, 1987/2006).

Uma vez que os bebês estão bastante expostos às mídias digitais, cabe refletir acerca dos motivos pelos quais isso acontece. Um estudo recente apontou que os bebês estão tendo acesso a dispositivos eletrônicos em função de necessidades das mães (Mallmann, 2019). As mães oferecem *tablets* e *smartphones* ou deixam seus bebês assistindo televisão a fim de distraí-los (Kabali et al., 2015; Radesky, Silverstein, Zuckerman, & Christakis, 2014; Radesky, Peacock-Chambers, Zuckerman, & Silverstein, 2016) para que elas possam se ocupar de suas próprias tarefas, sejam de trabalho, domésticas ou mesmo para descansar (Kabali et al., 2015; Mallmann, 2019; Wartella, Rideout, Lauricella, & Connell, 2013). Reflete-se também acerca da pouca rede de apoio familiar e social (Rosa, Pedrotti, Mallmann, Azevedo, & Frizzo, 2019) que pode acometer as mães que se vêem sozinhas na tarefa de cuidar e de educar um bebê. E embora compreenda-se os diversos motivos aqui expostos e entenda-se que no mundo tecnológico pode ser desafiador para as mães não fazer uso das mídias digitais, deve-se ter cautela para que estes recursos não interfiram ou substituam as interações presenciais no contexto familiar (Chassiakos, Radesky, Christakis, Moreno, & Cross, 2016; Radesky et al., 2014).

Contudo, estudos têm indicado que as mídias digitais podem interromper essas interações que são essenciais para o desenvolvimento dos bebês, ao mesmo tempo em que produzem interações de menor qualidade (Anderson & Hanson, 2013; McDaniel & Radesky, 2017; Munzer et al., 2019; Pagani, Fitzpatrick, Barnett, & Dubow, 2010; Radesky et al., 2014; Radesky et al., 2015; Kildare & Middlemiss, 2017b).

Considerando a importância da mãe para o desenvolvimento do bebê e para as interações iniciais, é imprescindível investigar sua saúde mental. As primeiras relações estão vinculadas à formulação de que todos os bebês precisam desenvolver um forte vínculo com a

mãe (ou com um cuidador substituto) (Winnicott, 1956/2000; Bowlby, 1989; Spitz, 2000). Assim, entende-se que, para um bebê se desenvolver plenamente, é necessário cuidar da mãe para que ela possa estar emocionalmente disponível para exercer uma função suficientemente boa para o bebê e assim estabelecer uma interação mãe-bebê saudável (Winnicott, 1956/2000). Por isso, mostra-se de fundamental importância deter-se sobre a saúde mental materna, tendo em vista sua estreita relação com o desenvolvimento dos bebês.

No entanto, poucos estudos investigaram a associação entre as características maternas e o uso de mídias digitais. O trabalho de McDonald, Kehler e Tough (2016) com 1596 mães e bebês de até 2 anos identificou que nas famílias em que as mães tinham problemas relativos à saúde mental, um dos fatores de proteção para o desenvolvimento infantil foi limitar o tempo de uso das mídias digitais dos bebês em menos de uma hora por dia. Os demais trabalhos encontrados na literatura enfocaram especificamente a depressão materna e o uso da televisão (Bank et al., 2012; Connors, Tripathi, Clubb & Bradley, 2007). Nesse sentido, a presente pesquisa se propôs a avançar na medida em que investigou de forma mais ampla uma possível associação entre a saúde mental materna e as mídias digitais da atualidade, como *tablets* e *smartphones*, e não se restringindo à televisão.

Dessa forma, este estudo teve por objetivo investigar as associações entre o uso das mídias digitais pelos bebês, o desenvolvimento socioemocional do bebê e a saúde mental materna.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 269 mães brasileiras de bebês com idades entre zero e 36 meses ($M=18,9$; $DP= 10,44$), sendo que 51% dos bebês eram do sexo masculino. A maioria das mães eram casadas (75,1%) e tinham apenas um filho (64,1%). Além disso, 91% da amostra se identificou como branca e possuía ensino superior completo (76,7%). A média de idade materna foi de 33,12 anos ($DP= 4,95$) e eram mães que viviam, principalmente, nas regiões Sul (87,3%) e Sudeste (9,8%) do Brasil.

Foram realizados convites para participação na pesquisa em meio *online*. Como critérios de exclusão, considerou-se mães com bebês síndrômicos, com malformação congênita, problemas cardíacos, problemas neurológicos ou atraso no desenvolvimento diagnosticado pelo médico ou outro profissional. Esses critérios foram acessados por meio de questões de triagem respondidas pelas participantes antes de iniciar o questionário *online*.

Delineamento

Este é um estudo quantitativo que faz parte de um projeto maior intitulado “Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil” (Frizzo et al., 2017).

Questões éticas

Esse projeto foi submetido para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS e aprovado sob o CAEE nº 69947117.6.0000.5334 (Anexo A).

Procedimentos

A pesquisa foi divulgada nas redes sociais por meio de um convite que dizia “Queremos conhecer o uso que mães e bebês de até 36 meses fazem de *tablets* e celulares”. O convite já direcionava as mães interessadas para um *link* do *survey online*. Ao acessá-lo, essas mulheres eram convidadas a participar da pesquisa através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D). Os dados foram coletados via *survey online* no período de outubro de 2018 a abril de 2019. O *survey* contemplava questões sobre o uso das mídias digitais, sobre o desenvolvimento infantil e sobre a saúde mental materna.

Instrumentos

Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (IDADI) - É um inventário de avaliação multidimensional do desenvolvimento infantil criado e validado pelo Grupo de Estudo, Aplicação e Pesquisa em Avaliação Psicológica (GEAPAP) da UFRGS (Silva, Mendonça Filho & Bandeira, 2019). O inventário é formado por 435 itens que avaliam aspectos de desenvolvimento nos domínios Cognitivo, Comunicação e Linguagem (Expressiva e Receptiva), Motricidade (Ampla e Fina), Socioemocional e Comportamento Adaptativo. As alternativas de resposta são dadas da seguinte forma: 0 = ainda não, 1 = às vezes e 2 = sim. Os itens são aplicados de acordo com a idade da criança e foram separados em 17 grupos etários por domínio, de acordo com os níveis de dificuldade e de precisão dos itens definidos por análises de Teoria de Resposta ao Item (TRI). Foram comprovadas evidências de validade baseadas na estrutura interna, na relação com variáveis critério e de consistência interna (Fidedignidade Rasch variou de 0,96 a 0,98) indicando que os itens forneceram uma medida capaz de avaliar os pretendidos domínios do desenvolvimento infantil (Silva, Mendonça Filho & Bandeira, 2019) O IDADI não foi anexado nesta tese, pois está protegido por direitos autorais.

Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) - É um instrumento de triagem psiquiátrica para transtornos mentais não psicóticos, principalmente para sintomas de depressão e ansiedade, isto é, transtornos mentais comuns (Beusenberg, Orley, & World Health Organization, 1994). O questionário consiste em 20 perguntas sim / não, listando sintomas em quatro escalas: ansiedade e depressão, sintomas somáticos, energia vital reduzida e pensamentos depressivos. Cada resposta afirmativa é classificada como "1" e o resultado final é dado por uma pontuação total. A versão brasileira foi validada por Mari e Williams (1986) e reavaliada por Gonçalves, Stein e Kapczinski (2008). A consistência interna da versão brasileira foi 0,86 (Gonçalves et al., 2008). Embora existam diferentes pontos de corte que podem variar dependendo do cenário e da cultura ou mesmo dos métodos estatísticos alternativos de pontuação do SRQ-20, considera-se 8 como o ponto de corte, amplamente utilizado, inclusive no Brasil (Barreto do Carmo et al., 2018; Mari & Williams, 1986; Ventevogel et al., 2007). O instrumento foi utilizado nesta pesquisa para obtenção de uma medida simples da saúde materna, mas pode ser utilizado em diferentes populações clínicas e não clínicas, seja com mães e/ou cuidador de referência (Anexo E).

Questionário sobre uso de mídias: Versão adaptada para o português brasileiro do questionário utilizado no survey “*Zero to Eight: Children’s Media Use in America 2013*” (Common Sense Media, 2013). Esse questionário traz perguntas detalhadas sobre quais mídias são utilizadas pelas crianças e por seus pais, assim como tempo e periodicidade. A equipe de pesquisa da Common Sense Media aprovou a adaptação do questionário (Anexo C).

As variáveis provenientes desse questionário foram: 1) Uso de mídias pelo bebê; 2) Necessidade materna; 3) Permissão para o bebê usar; 4) Mídias do bebê; 5) Uso de mídias conjunto; 6) Tempo de mídias do bebê e; 7) Tempo de mídias da mãe. Trata-se de variáveis compostas por meio de somatório de questões específicas que eram respondidas, principalmente, em Escala Likert.

As variáveis referentes ao tempo de mídias do bebê e tempo de mídias da mãe consistem em um somatório de questões que investigavam, em uma semana normal, quanto tempo o bebê e a mãe tinham passado realizando atividades como ouvir música, assistir vídeos, jogar no *smartphone* ou *videogame* e usar aplicativos em aparelhos de mídias digitais. As opções de resposta variavam de “até 15 minutos” a “mais de 4 horas”. Os escores máximos eram de 48 para o bebê e 45 para a mãe, caso eles utilizassem mais de 4 horas em todas as alternativas. Assim, maiores escores indicam maior tempo de utilização de mídias digitais por mãe e bebê.

As perguntas “Quando você permite que seu filho utilize mídias digitais?” e “Quando você mais sente necessidade de oferecer mídias digitais para o seu filho?” apresentavam uma

série de momentos/situações em que a mãe autorizava o uso pelo bebê ou sentia vontade de autorizar. As participantes deveriam responder sim ou não para cada questão. O somatório dessas questões, que tinham pontuação máxima de 10 e 9, respectivamente, representam as variáveis “Permissão para o filho usar” e “Necessidade Materna”. Também foi perguntado “Quais itens de mídias digitais seu bebê tem?”, com possibilidades como *smartphone*, videogame, *tablet* e outros, totalizando 6 itens aos quais a mãe deveria responder sim ou não. Essa pergunta consistiu na variável “Mídias do bebê”, sendo que maiores pontuações demonstravam que o bebê tinha mais itens próprios a sua disposição.

Itens referentes a momentos em que a mãe utilizava mídias digitais com o bebê, como “eu assisto filmes junto com meu filho” ou “eu e meu filho assistimos programas de tv juntos” foram somados, gerando a variável “Uso de mídias conjunto” que tinha pontuação máxima de 10 pontos. Nessa variável, quanto mais pontuavam, mais mãe e bebê utilizavam mídias conjuntamente. Por fim, a pergunta “Com que frequência seu filho realiza as atividades a seguir?” continha alternativas como assistir TV, jogar, utilizar aplicativos, que foram agrupadas na variável “Uso de Mídias pelo Bebê”. Quanto maior a pontuação, mais o bebê utilizava mídias digitais, sendo que o escore máximo era de 19 pontos.

Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio do software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 18. Foram calculadas as estatísticas descritivas (frequências, médias e desvios-padrão) das variáveis e inspecionados os padrões de distribuição. Como as variáveis apresentaram apenas uma leve assimetria e curtose (valores < 1), foram utilizados testes paramétricos. Correlações de *Pearson* foram conduzidas entre as variáveis contínuas: desenvolvimento socioemocional do bebê, saúde mental materna, uso de mídias pelo bebê, necessidade materna, permissão para o bebê usar, mídias do bebê, uso de mídias conjunto, tempo de mídias do bebê e tempo de mídias da mãe. As variáveis correlacionadas com uso de mídias pelo bebê e uso de mídias conjunto (variáveis dependentes) foram selecionadas como variáveis independentes nos respectivos modelos de regressão linear múltipla. Para as análises que contaram com o desenvolvimento socioemocional do bebê como variável, foi utilizada uma subamostra (n=185) que corresponde ao número de participantes que completaram o preenchimento do IDADI. Em todas as outras análises, foi considerada a amostra total conforme descrito na seção Participantes. Foram inspecionados os seguintes parâmetros nos modelos de regressão (método Enter): independência dos resíduos, homocedasticidade e padrão de distribuição dos erros para verificar a adequação da análise. Para os modelos

lineares, foram reportados pesos de regressão (β) e porcentagem da variância explicada (R^2_{adj}) para interpretação dos resultados. O nível de significância adotado foi de 5%.

RESULTADOS

As estatísticas descritivas e as intercorrelações entre as variáveis são apresentadas na Tabela 1. Destaca-se que o uso de mídias digitais pelo bebê correlacionou-se negativamente com o desenvolvimento socioemocional do bebê ($r=-0,24$; $p<0,01$). Por outro lado, o uso de mídias digitais pelo bebê correlacionou-se positivamente com a necessidade materna de oferecer mídias digitais para o bebê, com a permissão da mãe para o bebê usar, com os itens de mídias próprios do bebê e o uso de mídias conjunto entre mãe e bebê. As variáveis apresentaram magnitude entre fracas a moderadas, $r=0,20$ a $r=0,45$ ($p<0,01$).

Observa-se que o uso de mídias digitais pelo bebê correlacionou-se positivamente com a maioria das variáveis. Assim, quanto mais a mãe sente necessidade em oferecer mídias digitais para o bebê, mais ela permite que o bebê utilize essas mídias e é maior o uso conjunto mãe-bebê e o uso de mídias que o bebê faz. Ainda nesse sentido, quanto mais mídias digitais o filho possui, mais uso ele faz. Por outro lado, é interessante observar que o maior uso de mídias digitais está associado a menor desenvolvimento socioemocional do bebê.

Tabela 1

Médias (DP) e Matriz de Intercorrelações entre as variáveis (n=185)

	<i>M (DP)</i>	1	2	3	4	5	6
1. Uso de mídias pelo bebê	2,52 (1,52)	1	- 0,24**	0,29**		0,20**	0,20**
2. Desenvolvimento socioemocional do bebê	61,0 (38,4)		1	-0,11	- 0,14	-0,04	-0,13
3. Necessidade materna	1,76 (1,09)			1	- 0,44**	0,14**	0,24**
4. Permissão para bebê usar	2,24 (1,40)				1	0,06	0,30**

5. Mídias do bebê	1,04 (0,25)	1	0,06
6. Uso de mídias conjunto	5,46 (1,95)		1

* $p < 0,05$, ** $p < 0,01$.

A Tabela 2 mostra o modelo de regressão linear múltipla para a variável de uso de mídias pelo bebê. No presente modelo, a variável permissão para o bebê usar ($\beta=0,381$) apresentou associação mais forte com a variável uso de mídias digitais pelos bebês, seguida pela variável de desenvolvimento socioemocional do bebê ($\beta=-0,176$). Dessa maneira, menores níveis de desenvolvimento socioemocional do bebê estão significativamente associados ao maior uso de mídias digitais pelos bebês. Na mesma direção, a permissão materna para que o bebê utilize as mídias digitais foi a principal variável associada ao uso de mídias digitais pelo bebê.

Tabela 2

Coefficientes de regressão linear múltipla de variáveis maternas associadas ao “Uso de mídias pelos bebês”

Uso de mídias pelos bebês					
Variável	<i>B</i>	<i>95% IC</i>	<i>B</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
Constante	1,383	[0,289, 2,477]		2,495	0,013
Des.Socioemocional do bebê	-0,007	[-0,12, -0,002]	-0,176	-2,64	0,009
Necessidade Materna	0,066	[-0,133, -0,264]	0,047	0,653	0,515
Mídias do bebê	0,552	[-0,239, 1,34]	0,091	1,37	0,170

Uso de mídias conjunto	-0,009	[-0,117, 0,098]	-0,012	-0,17	0,867
Permissão para filho usar	0,412	[-0,251, 0,572]	0,381	5,06	0,001

Nota: Durbin-Watson=1,69; $R^2_{aj} = 0,21$ ($n = 185, p < 0,001$).

Conforme observado no modelo anterior, em que a permissão materna para o bebê usar teve forte associação com o uso de mídias digitais pelo bebê, foi testado novo modelo para avaliar o uso conjunto da dupla. Realizaram-se novos testes de correlação em que se demonstrou que o uso conjunto mãe-bebê está positivamente associado à necessidade materna ($r=0,24$), à permissão para o bebê utilizar mídias digitais ($r=0,30$), ao tempo que a mãe utiliza mídias digitais ($r=0,31$), ao tempo que o bebê utiliza mídias digitais ($r=0,26$) e à saúde mental materna ($r=0,18$).

Os resultados expostos na Tabela 3 apontam que quanto mais a mãe usa mídias com o bebê, mais ela sente necessidade disso, ao mesmo tempo em que quanto mais ela deixa o filho usar, mais ela usa junto com ele. Diante disso, é possível verificar que todas as categorias relacionadas aos aspectos maternos se associaram positivamente entre si, de forma que a saúde mental materna pode ser um importante fator a ser considerado no uso conjunto da dupla. Por sua vez, encontrou-se também que quanto maior o uso conjunto, maior é o tempo que o bebê utiliza sozinho as mídias digitais.

Tabela 3

Médias (DP) e Matriz de Intercorrelações entre as Variáveis (n=269)

	<i>M (DP)</i>	1	2	3	4	5	6
1. Uso conjunto da dupla	5,35 (2,05)	1	0,24**	0,30**	0,31**	0,26**	0,18**
2. Necessidade materna	1,75 (1,06)		1	0,44**	0,30**	0,11*	0,21**
3. Permissão materna para bebê usar	2,11 (1,40)			1	0,38**	0,13**	0,15*

4. Tempo mídias bebê	8,36 (5,16)	1	0,31**	0,17**
5. Tempo mídias mãe	11,03 (5,05)		1	0,16**
6. Saúde mental materna	5,91 (4,05)			1

A partir da análise dessas correlações, foi testado um modelo de regressão linear múltipla em que as variáveis necessidade materna, tempo de mídias da mãe e saúde mental materna foram variáveis independentes e o uso conjunto foi a variável dependente. Assim, na Tabela 4, reitera-se que a necessidade que a mãe sente de oferecer mídias digitais para o bebê e a saúde mental materna são importantes variáveis associadas ao uso de mídias conjunto. Observou-se que o tempo de mídias da mãe ($\beta=0,235$) foi a principal variável associada positivamente ao uso conjunto, sendo seguida pela necessidade materna e pela saúde mental da mãe.

Tabela 4

Coefficientes de regressão linear múltipla de variáveis maternas associadas ao “Uso de mídias conjunto mãe-bebê”

Uso de mídias conjunto mãe-bebê					
Variável	<i>B</i>	<i>95% IC</i>	β	<i>T</i>	<i>p</i>
Constante	3,276	[2,620, 3,931]		9,840	0,001
Necessidade Materna	0,340	[0,107, 0,574]	0,170	2,869	0,004
Tempo mídias mãe	0,099	[0,051, 0,148]	0,235	4,015	0,000

Saúde mental materna 0,067 [0,010, 0,125] 0,136 2,31 0,021

Nota: Durbin-Watson=1,86, $R^2_{adj}=0,13$ ($n=269$, $p < 0,001$).

DISCUSSÃO

O presente estudo objetivou investigar as associações entre o uso das mídias digitais pelos bebês, o desenvolvimento socioemocional do bebê e a saúde mental materna. Os resultados mostraram que o maior uso de mídias digitais por bebês de até 36 meses está associado a menores índices de escores de desenvolvimento socioemocional nessa amostra. Esse dado também foi encontrado no estudo de Raman et al. (2017) que identificou uma relação entre o desenvolvimento socioemocional e a exposição de mídia em bebês de 12 a 36 meses associada às rotinas diárias. Os resultados deste estudo transversal com 210 famílias mostraram que os bebês em risco de atraso socioemocional foram mais comumente expostos às telas (TV/DVD, *smartphone*, computador e *tablet*) durante todas as rotinas, em comparação com os bebês que não estavam em risco de atraso socioemocional. Os bebês em risco de atraso socioemocional tiveram 5,8 vezes mais chances de ter pelo menos cinco rotinas ocorrendo na presença de tela em comparação com os bebês sem risco de atraso socioemocional. Dentre os momentos da rotina em que as telas foram mais comumente utilizadas pelos bebês, destaca-se a hora de brincar, seguida pelo café da manhã e pela hora de ir dormir. Nesse estudo, observou-se que 54% dos bebês tiveram no mínimo cinco rotinas em frente às telas. Esse dado está em consonância com o estudo 1 desta tese em que também foi observado que os bebês fazem uso das mídias digitais durante as rotinas, como na hora de comer e de dormir (Azevedo, Riter, Pieta, & Frizzo, 2020).

Assim, é fundamental que as famílias estejam atentas e em sintonia com as necessidades dos bebês durante as atividades diárias, principalmente nas rotinas, pois essa é a base sobre a qual o desenvolvimento socioemocional irá se firmar. Nesse sentido, os resultados do presente estudo, juntamente com os de Raman et al. (2017), alertam para um potencial efeito disruptivo das mídias digitais, uma vez que essas podem dissipar o envolvimento de mães e bebês durante as rotinas, interrompendo o processo de construção de habilidades socioemocionais prejudicando a interação entre o bebê e seu cuidador. Diante disso, retoma-se que o bebê necessita de conexões reais e interações presenciais com seus cuidadores para organizar-se emocionalmente.

O fato de que os bebês estão expostos a uma variedade de mídias digitais, como TV, *smartphones* e *tablets*, em suas rotinas (Gillen, 2018; Neumann, 2015; Raman et al.; 2017) encontra suporte nos achados deste estudo que apontam que o bebê utiliza mais dispositivos eletrônicos, na medida em que ele tem esses itens à disposição. Esse aspecto também foi observado em estudos internacionais. O Common Sense Media, por exemplo, identificou que 46% dos bebês americanos de zero a 2 anos usam algum tipo de mídia, sendo que 9% fazem uso destas mídias todos os dias, passando em média 42 minutos por dia em frente às telas (Common Sense Media, 2017). A mesma pesquisa americana mostrou que 34% dos bebês de até dois anos assistem à TV diariamente (Common Sense Media, 2017), enquanto que um estudo australiano encontrou que bebês de 3 anos assistem TV por quase 2 horas por dia (Sweetser, Johnson, Ozdowska & Wyeth, 2012). Na Coreia do Sul, 34,9% dos bebês de até 2 anos fazem uso de *smartphones* (Lee, Do, & Oh, 2013). Nos Estados Unidos, um terço dos bebês menores de 3 anos possuem uma televisão no quarto (Zimmerman et al., 2007a). Um estudo no Reino Unido identificou que 25% dos bebês menores de três anos que moram em uma casa que possui *tablets* têm amplo acesso a esses dispositivos (Marsh, et al. 2015) e Bernstein e Levine (2011) apontaram que a mesma porcentagem de bebês desta idade ficam *online* diariamente.

Nesse sentido, além de notar que os bebês utilizam esses dispositivos porque os têm à disposição, chama a atenção que os bebês utilizam mais as mídias digitais, na medida em que a mãe autoriza esse uso. A permissão materna para que seu filho use as mídias digitais foi a principal variável associada ao uso de mídias digitais pelo bebê nesta pesquisa. A respeito disso, estudos qualitativos brasileiros também sublinharam que as características maternas são mais levadas em consideração na decisão de utilizar ou não mídias digitais com os filhos do que orientações recebidas por profissionais (Mallmann, 2019; Pedrotti, 2019). Esses achados parecem reforçar a ideia de que o bebê usa as mídias digitais porque a mãe deixa que ele utilize, afinal os bebês ainda não têm autonomia para iniciar o uso sem que um adulto lhes ofereça essa possibilidade. E quando a mãe permite o uso, parece ser em função de uma necessidade própria dela, conforme já observado em estudos anteriores (Kabali et al., 2015, Mallmann, 2019, Wartella et al., 2013). Nesse sentido, reflete-se que a necessidade das mães de oferecer mídias para seus filhos pode estar associada a problemas ligados à saúde mental materna. Por isso, essa variável também foi investigada.

Neste estudo, identificou-se que as variáveis vinculadas a aspectos maternos parecem ter um papel decisivo para a exposição dos bebês às mídias digitais. Percebeu-se, por exemplo, que quanto mais a mãe usa as mídias digitais com o seu bebê, mais ela sente necessidade disso, ao mesmo tempo em que quanto mais permite que o seu filho use, mais ela

usa junto com ele. Alguns estudos já apontaram associação entre saúde mental materna e uso de mídias por seus filhos. Um estudo americano, por exemplo, encontrou que os sintomas depressivos maternos estão associados à visualização mais intensa entre crianças, no caso, pré-escolares, bem como à visualização de conteúdo inadequado. (Conners et al.,). Outro estudo (Bank et al., 2012) também encontrou como resultado a depressão materna associada a uma maior exposição de conteúdo dirigido aos bebês. As mães deprimidas relataram ainda ter menos probabilidade de se sentar e conversar com seus filhos durante o uso da televisão ou consultar fontes externas de informações sobre mídia.

Estes resultados levam a uma importante discussão sobre como aspectos da saúde mental, como sintomas de depressão, podem interferir em muitos aspectos da maternidade, como a capacidade de tomar boas decisões sobre a exibição de televisão para crianças, cabendo atualmente estender essa ideia para outros tipos de mídias, como *tablets* e *smartphones*. Sabe-se que a depressão materna é um fator de risco para o atraso no desenvolvimento infantil, visto que crianças cujas mães experimentam problemas de saúde mental representam um grupo de alto risco para atraso no desenvolvimento de seus filhos (Kingston & Tough, 2014). Por isso, mostra-se importante associar a saúde mental materna ao desenvolvimento do bebê. Embora os artigos citados tenham utilizado exclusivamente escalas para medir a depressão a fim de avaliar a mãe, ressalta-se que a presente pesquisa investigou as mães de forma mais ampla ao utilizar um instrumento que avalia a saúde mental materna como um todo, o que se acredita que seja um avanço na literatura.

Os achados deste estudo apontam que a necessidade que a mãe sente em oferecer mídias digitais para o bebê e a saúde mental materna são importantes variáveis associadas ao uso conjunto que mãe e bebê fazem das mídias. Sobre isso, a literatura sugere que sintomas depressivos na mãe podem aumentar a necessidade de usar a televisão como uma “babá eletrônica”, para compensar a falta de energia por parte da mãe e de disponibilidade emocional/para interagir. Por isso, pode-se pensar, conforme os dados apresentados, que quanto mais a mãe usa as mídias digitais, seja para distrair, ocupar ou entreter seu bebê, mais ela sente necessidade de usar esse recurso, tanto para permitir que seu filho use, talvez deixando ele sozinho em frente às telas, quanto para utilizar junto com ele. Além disso, a depressão também pode aumentar a probabilidade de as mães serem mais sedentárias e de assistirem à televisão com mais frequência, aumentando inadvertidamente a exposição de seus filhos. Os sintomas de depressão também podem tornar as mães menos eficazes ao monitorar o comportamento de seus filhos, resultando em uma maior probabilidade de as crianças verem programas com conteúdos inadequados e também de ficarem expostas às telas por um tempo mais prolongado (Conners et al., 2007).

A respeito disso, a pesquisa canadense (McDonald et al., 2016) apontou que limitar o uso de televisão, *tablet*, computador e *smartphone* em menos de uma hora por dia pode diminuir o risco de atraso no desenvolvimento em crianças pequenas expostas a problemas de saúde mental materna. Outros importantes fatores protetivos apontados por estes autores contra problemas de desenvolvimento das crianças são apoio social para as mães e equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Nesse sentido, pode-se inferir que quando a mãe não está emocionalmente bem e não possui uma boa rede de apoio, ela pode fazer um maior uso de mídias digitais com seu filho, o que, por sua vez, pode aumentar o risco de atraso no desenvolvimento do bebê. Tais aspectos reforçam a importância desta pesquisa.

Outro achado deste estudo corresponde à associação positiva entre o uso conjunto de mídias e o tempo em que o bebê utiliza sozinho estas mídias. Grande parte do uso de mídia feito por crianças não é supervisionada (Rideout, Roberts, & Foehr, 2005) e os pais tendem a subestimar a quantidade de tempo que os filhos passam com as mídias digitais, bem como o tipo de conteúdo ao qual seus filhos são expostos (Vittrup, Snider, Rose, & Rippey, 2016). Assim, mesmo que as mães possam se envolver com o uso de mídia de seus bebês, bem como ter a intenção de fazê-lo, elas podem não ter total controle sobre o uso que os filhos fazem devido a obstáculos práticos da rotina diária familiar, como trabalhar em um emprego de período integral, cuidar de tarefas domésticas básicas, ter pouca rede de apoio, além do fato de que ser pai ou mãe consome muito tempo e energia por si só (Vittrup et al., 2016).

Estudos enfocam ainda as interrupções diárias que ocorrem nas interações interpessoais causadas pelas mídias digitais. Fala-se a respeito de uma “presença ausente” que diz respeito ao ato de estar fisicamente presente, mas ter a mente em outro lugar, como nos telefones celulares. Tais interrupções podem ocorrer durante conversas cara a cara, rotinas como refeições ou brincadeiras, ou quando uma pessoa interage com a mídia digital durante o tempo em que está junto de outra pessoa (McDaniel & Radesky, 2017; McDaniel & Radesky, 2018). Nesse sentido, pode-se pensar que ainda que a mãe utilize as mídias digitais com seu filho, isso não significa, necessariamente, que ocorra uma interação entre a dupla mãe-bebê durante o uso das mídias. Por exemplo, podem utilizar junto, mas sem conversar a respeito daquilo que estão visualizando na mídia digital, o que implica numa interação de baixa qualidade (Munzer, et al., 2019). Inclusive, alguns estudos já reportaram que o uso das mídias digitais na interação entre pais e filhos tem sido associado a uma diminuição na qualidade das interações familiares, com pais menos sensíveis e responsivos, com menos interações não verbais e com a atenção mais voltada para as mídias digitais do que para os filhos (Anderson & Hanson, 2013; McDaniel & Radesky, 2017; Munzer, et al., 2019; Radesky, et al., 2014; Radesky et al., 2015; Kildare & Middlemiss, 2017).

Por outro lado, se a mãe consegue usar as mídias digitais com seu bebê, fazendo um uso compartilhado, mostrando-se coenvolvida e ativamente participante no processo, então pode-se pensar em um uso mais saudável das mídias digitais, em que a presença do aparelho eletrônico pode se tornar lúdica e criativa. Isto é, a mãe pode, por exemplo, cantar e dançar junto com o seu bebê ao assistir um vídeo, ao invés de deixar o bebê sozinho em frente ao *tablet*. Por todas estas questões, mostrou-se crucial investigar os fatores associados à utilização de mídias digitais por bebês, dada sua influência no desenvolvimento infantil, sua associação com a saúde materna e o potencial disruptivo que as mídias digitais podem acarretar na interação mãe-bebê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou as associações entre o uso das mídias digitais pelos bebês, o desenvolvimento socioemocional do bebê e a saúde mental materna. Acredita-se que este estudo ampliou o entendimento do uso das mídias digitais por bebês, na medida em que enfocou a importância que a mãe exerce no uso que o bebê faz das mídias. Sabe-se da importância da mãe na vida e no desenvolvimento do bebê e, nesse sentido, destaca-se o fato de ter sido avaliada a saúde mental das mães participantes, que se mostrou como um importante fator no uso que o bebê faz das mídias digitais, além do uso conjunto que a dupla mãe-bebê faz das mídias digitais.

Mas deve-se ressaltar que para a mãe exercer sua função materna de forma suficientemente boa é de fundamental importância que ela possa contar com uma rede de apoio para dividir com ela as demandas diárias que o cuidado com o bebê exige. Nesse sentido, este estudo não foi isento de limitações. Apenas as mães participaram do estudo e tratou-se de uma pesquisa transversal. Por isso, sugere-se que outros estudos possam contemplar outros membros da família e uma maior distribuição amostral por regiões do país. A fim de contemplar a limitação metodológica, sugere-se que estudos longitudinais possam verificar possíveis mudanças no desenvolvimento socioemocional e nos padrões de uso de mídias digitais dos bebês ao longo do tempo.

Esse estudo aponta para importantes variáveis associadas ao uso de mídias digitais dos bebês, especialmente, ao destacar o desenvolvimento socioemocional da criança e a saúde mental materna. Esses achados, além de contribuir com a literatura científica da temática, incluem novos dados sobre a utilização de mídias digitais por bebês brasileiros. Espera-se que esses resultados possam contribuir para um olhar mais sistematizado em relação ao papel que essas mídias têm desempenhado para as famílias atuais. Além disso, destaca-se que mesmo

com as inúmeras inovações tecnológicas, nenhuma tecnologia substitui a relevância da interação cuidadores-criança para o desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2011). Media use by children younger than 2 years. *Pediatrics*, 128(5), 1040-1045. doi: 10.1542/peds.2011-1753
- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2016). Media and young minds. *Pediatrics*, 138(5), 1-8. doi: 10.1542/peds.2016-2591
- Anderson, D. R., & Hanson, K. (2013). What researchers have learned about toddlers and television. *Zero to three*, 33(4) 4-10. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/287195548_What_Researchers_have_learned_about_toddlers_and_television
- Anderson, D. R. & Subrahmanyam, K. (2017). Digital Screen Media and Cognitive Development, *Pediatrics*, 140 (2), doi: 10.1542/peds.2016-1758C
- Azevedo, E.C., Donelli, T.M.S., Silva, M.R., & Frizzo, G.B. (in press). Leitura materna sobre depressão pós-parto e sintomas psicofuncionais: um caso de psicoterapia mãe-bebê. *Psicologia Clínica*.
- Azevedo, E. C., Riter, H. S., Pieta, M. A. & Frizzo, G. B. (n.d). Estudo descritivo sobre como mães e bebês brasileiros fazem uso das mídias digitais
- Bank, A. M., Barr, R., Calvert, S. L., Parrott, W. G., McDonough, S. C., & Rosenblum, K. (2012). Maternal depression and family media use: A questionnaire and diary analysis. *Journal of Child and Family Studies*, 21(2), 208–216. doi: 10.1007/s10826-011-9464-1
- Barreto do Carmo, M. B., Santos, L. M., Feitosa, C. A., Fiaccone, R. L., Silva, N. B., Santos, D. N.,...Amorim, L. D. (2018). Screening for common mental disorders using the SRQ-20 in Brazil: what are the alternative strategies for analysis? *Brazilian Journal of Psychiatry*, 40(2), 115-122. doi:10.1590/1516-4446-2016-2139
- Beusenberg, M., Orley, J. H.,; World Health Organization. (1994). A User's guide to the self reporting questionnaire (SRQ). Geneva: World Health Organization - Division of Mental Health.
- Bernstein, L., & Levine, M. H. (2011). Preface. In A. L. Gutnick, M. Robb, L. Takeuchi, & J. Kotler (Eds.), *Always connected: The new digital media habits of young children*. New York: The Joan Ganz Cooney Center at Sesame Workshop. Retrieved from <http://asiapacificbcw.org/resources/Children and Digital Media.pdf>

- Bowlby, J. (1989). O cuidado com as crianças (S. M. de Barros, Trad.). *Uma base segura: Implicações clínicas da teoria do apego* (pp. 17-32). Porto Alegre, RS: Artes Médicas
- Bozzola, E., Spina, G., Ruggiero, M., Memo, L., Agostiniani, R., Bozzola, M., Corsello, G., & Villani, A. (2018). Media devices in pre-school children: The recommendations of the Italian pediatric society. *Italian Journal of Pediatrics*, 44 (69), 1-5. doi: 10.1186/s13052-018-0508-7
- Brazelton, T. B. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes
- Canadian Paediatric Society, Digital Health Task Force. (2017). Screen time and young children: Promoting health and development in a digital world. *Paediatrics & Child Health*, 22(8), 461-468. doi: 10.1093/pch/pxx123
- Carter, B.; McPhill, P.R.; Hale, L., Bhattacharjee, D., Paradkar, M. (2016). Association Between Portable Screen-Based Media Device Access or Use and Sleep Outcomes A Systematic Review and Meta-analysis. *JAMA Pediatrics*, 170(12):1202-1208. doi:10.1001/jamapediatrics.2016.2341
- Christakis, D. (2009). The effects of infant media usage: what do we know and what should we learn? *Acta Paediatrica*, 98, 8-16. doi: 10.1111/j.1651-2227.2008.01027.x
- Chassiakos, Y. R., Radesky, J., Christakis, D. A., Moreno, M. A., & Cross, C. (2016). Children and adolescents and digital media. *American Academy of Pediatrics*, 138(5), 1-18. doi: 10.1542/peds.2016-2593
- Common Sense Media. (2017). The Common Sense Census: Media use by kids age zero to eight. A special population: children under two. Retrieved from: <https://www.commonsense.org/zero-to-eight-census>
- Connors, N. A.; Tripathi, S.P.; Clubb, R. & Bradley, R. H. (2007). Maternal characteristics associated with television viewing habits of low-income preschool children. *Journal of Child and Family Studies*, 16 (3), 415-425. doi: 10.1007/s10826-006-9095-0
- Collet, M., Gagniere, B., Rousseau, C., Chapron, A., Fiquet, L., & Certain, C. (2018). Case-control study found that primary language disorders were associated with screen exposure. *Acta Paediatrica*, 108, 1103–1109. doi:10.1111/apa.14639
- Domoff, S.E., Radesky, J. S., Harrison, K., Riley, H. , Lumeng, J.C & Miller, A.L (2019). A Naturalistic Study of Child and Family Screen Media and Mobile Device Use. *Journal of Child and Family Studies*, 28, 401–410 doi 10.1007/s10826-018-1275-1
- Duch, H., Fisher, E. M., Ensari, I., Font, M., Harrington, A., Caroline Taromino, J. Y., & Rodriguez, C. (2013). Association of screen time use and language development in Hispanic toddlers: a cross-sectional and longitudinal study. *Clinical Pediatrics*, 52(9), 857–865.

- Frizzo, G. B., Bandeira, D. R., Levandowski, D. C., Azevedo, E. C., Mendonça Filho, E. J., Mallmann, M. Y., Pedrotti, B. G., Pieta, M. A. M., & Silva, M. A. (2017). Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil. Projeto de Pesquisa não publicado
- Gillen, J. (2018). A day in the digital lives of children aged 0-3. Summary report by DigiLitEY ISCH COST Action IS1410 Working Group 1 “Digital literacy in homes and communities.
- Gonçalves, D. M., Stein, A. T., & Kapczinski, F. (2008). Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: Um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR [Performance of the Self-Reporting Questionnaire as a psychiatric screening questionnaire: a comparative study with Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR]. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(2), 380–390. doi:10.1590/S0102-311X2008000200017
- Haughton, C., Aiken, M., & Cheevers, C. (2015). Cyber babies: The impact of emerging technology on the developing infant. *Psychology Research*, 5(9), 504-518. doi:10.17265/2159-5542/2015.09.002
- Irwin, L. G., Siddiqi, A., & Hertzman, C. (2007). Early child development: A powerful equalizer (Final report). Geneva: University of British Columbia. Retrieved from <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd66/EarlyChild/EarlyChild.html>
- Kabali, H. K., Irigoyen, M. M., Nunez-Davis, R., Budacki, J. G., Mohanty, S. H., Leister, K. P., & Bonner, R. L. (2015). Exposure and use of mobile media devices by young children. *Pediatrics*, 136(6), 1044-1050. doi: 10.1542/peds.2015-21
- Kildare, C. A., & Middlemiss, W. (2017). Impact of parents mobile device use on parent-child interaction: A literature review. *Computers in Human Behavior*, 75, 579–593. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.06.003>
- Kingston, D. & Tough, S. (2014). Prenatal and postnatal maternal mental health and school-age child development: a systematic review. *Matern Child Health Journal*, 18:1728–41. doi:10.1007/s10995-013-1418-3
- Lee, J., Do, N., & Oh, Y. (2013). Young children’s media exposure and solution for protection. Seoul, Korea: Korean Institute of Child Care and Education
- Lin, L.Y., Cherg, R. J., Chen, Y.J., Chen, Y.J., Yang, H.M. (2015). Effects of television exposure on developmental skills among young children. *Infant Behavior and Development*, 38, 20-26.
- Mallmann, M. Y. (2019). As novas tecnologias e seu uso pelos bebês: o que as mães pensam sobre essa nova realidade? Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-

Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Mari, J. J., & Williams, P. (1986). A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of São Paulo. *British Journal of Psychiatry*, *148*(1), 23–26. doi:10.1192/bjp.148.1.23
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. (2017). Technoference: Parent Distraction With Technology and Associations With Child Behavior Problems. *Child Development*, *89*(1), 100-109. doi: 10.1111/cdev.12822
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. (2018). Technoference: longitudinal associations between parent technology use, parenting stress, and child behavior problems. *Pediatric Research*, *84*(2), 210-218. doi: 10.1038/s41390-018-0052-6
- McDonald, S.W.; Kehler, H.L. & Tough, S.C. (2016). Protective factors for child development at age 2 in the presence of poor maternal mental health: results from the All Our Babies (AOB) pregnancy cohort. *Paediatrics*, *6* (11).doi: [10.1136/bmjopen-2016-012096](https://doi.org/10.1136/bmjopen-2016-012096)
- Munzer, Miller, Weeks, Kaciroti & Radesky (2019). Parent-Toddler Social Reciprocity During Reading From Electronic Tablets vs Print Books. *JAMA Pediatrics*, *173*(11):1076-1083. doi:10.1001/jamapediatrics.2019.3480
- Mustafaoğlu, R., Zirek, E., Yasacı, Z & Özdiñçle, A. R.(2018). The Negative Effects of Digital Technology Usage on Children’s Development and Health. *Addicta: The Turkish Journal on Addictions*, *5*(2) 227–247. doi:10.15805/addicta.2018.5.2.0051
- Napier, C. (2014). How use of screen media affects the emotional development of infants. *Art & Science*, *24*(2). doi: 10.7748/phc2014.02.24.2.18.e816
- Nathanson, A. I.; Aladé, F.; Sharp, M. L.; Rasmussen, E. E. & Christy, K. (2014). The Relation Between Television Exposure and Executive Function Among Preschoolers. *Developmental Psychology*, *50* (5), 1497–1506. doi: 10.1037/a0035714
- Neumann, M. M. (2015). Young children and screen time: creating a mindful approach to digital technology. *Australian Educational Computing*, *30*(2), 1-15. Retrieved from:<https://experts.griffith.edu.au/publication/n5162600d026988252ac710706778a7b>
- Pagani, L. S., Fitzpatrick, C., Barnett, T. A., & Dubow, E. (2010). Prospective associations between early childhood television exposure and academic, psychosocial, and physical well-being by middle childhood. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, *164*(5), 425-431. <http://doi.org/10.1001/archpediatrics.2010.50>

- Pedrotti, B. G. (2019). Como prescindir das novas tecnologias no cuidado e na interação com os bebês? Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Radesky, J. S., & Christakis, D. A. (2016). Increased screen time: Implications for early childhood development and behavior. *Pediatric Clinics*, 63, 827–839. [doi: 10.1016/j.pcl.2016.06.006](https://doi.org/10.1016/j.pcl.2016.06.006)
- Radesky, J. S., Miller, A. L., Rosenblum, K. L., Appugliese, D., Kaciroti, N., & Lumeng, J. C. (2015). Maternal mobile device use during a structured parent-child interaction task. *Academic Pediatrics*, 15(2), 238-244. doi.org/10.1016/j.acap.2014.10.001
- Radesky, J. S., Schumacher, J., & Zuckerman, B. (2015). Mobile and interactive media use by young children: The good, the bad, and the unknown. *Pediatrics*, 135 (1), 1-3. doi: 10.1542/peds.2014-2251
- Radesky, J. S., Silverstein, M., Zuckerman, B., & Christakis, D. A. (2014). Infant self-regulation and early childhood media exposure. *Pediatrics*, 133 (5), 1172-1178 doi: 10.1542/peds.2013-2367
- Raman, S., Guerrero-Duby, S., McCullough, J. L., Brown, M., Ostrowski-Delahanty, S., Langkamp, D., & Duby, J. C. (2017). Screen Exposure During Daily Routines and a Young Child's Risk for Having Social-Emotional Delay. *Clinical Pediatrics*, 56(13), 1244–1253. <https://doi.org/10.1177/0009922816684600>
- Rideout, V., Roberts, D. & Foehr, U. (2005). Generation M: Media in the Lives of 8–18 Year-Olds.(ExecutiveSummary). Menlo Park, CA: Kaiser Family Foundation
- Schmidt, M.; Rich, M.; Rifas-Shiman, S.L.; Oken, E. & Taveras, E.M. (2009). Television viewing in infancy and child cognition at 3 years of age in a US cohort. *Pediatrics*. 123, 3, 370-375.
- Rosa, L.C; Pedrotti, B. G.; Mallmann, M. Y.; Azevedo, E. C. & Frizzo, G. B. (2019, novembro). O papel da rede de apoio materna no uso de tecnologias por bebês. Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado de: <https://www.cbpd2019.abpd.psc.br/programacao>
- Silverman, M. E., Reichenberg, A., Savitz, D. A., Cnattingius, S., Lichtenstein, P., Hultman, C. M., Larsson, H., & Sandin, S. (2017). The risk factors for postpartum depression: A population-based study. *Depression and Anxiety*, 34, 178–187. doi:10.1002/da.22597
- Shin, W. (2015). Parental socialization of children's Internet use: A qualitative approach. *New Media & Society*, 17(5), 649–665.
- Sigman, A. (2012). Time for a view on screen time. *Archives of Disease in Childhood*, 0(0), 1-8. <http://doi.org/10.1136/archdischild-2012-302196>

- Silva, M. A., de Mendonça Filho, E. J., & Bandeira, D. R. (2019). Development of the Dimensional Inventory of Child Development Assessment (IDADI). *Psico-USF*, 24(1), 11-26. doi: 10.1590/1413-82712019240102
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2016). Saúde de crianças e adolescentes na era digital. *Manual de Orientação, Departamento de Adolescência*. Recuperado de <http://www.sbp.com.br/src/uploads/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-dolesc.pdf>
- Spitz, R. (1979). *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetivas*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original published in 1965)
- Strasburger, V. (2007). First do no harm: why have parents and pediatricians missed the boat on children and media? *Journal of Pediatrics*, 151 (4), 334-336.
- Stern, D. N. (1997). *A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia /bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sweetser, P., Johnson, D., Ozdowska, A., Wyeth, P. (2012). Active versus passive screen time for young children. *Australasian Journal of Early Childhood*, 37, 94-98.
- Ventevogel, P., De Vries, G., Scholte, W. F., Shinwari, N. R., Faiz, H., Nassery R, ... Olf, M. (2007). Properties of the Hopkins Symptom Checklist-25 (HSCL-25) and the Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) as screening instruments used in primary care in Afghanistan. *Social Psychiatry and Psychiatry Epidemiology*, 42(4), 328-335.
- Vittrup, B.; Snider, S.; Rose, K. K. & Rippy, J. (2016). Parental perceptions of the role of media and technology in their young children's lives. *Journal of Early Childhood Research*, 14(1) 43 –54 doi: 10.1177/1476718X14523749
- Zimmerman, F. J., Christakis, D. A., & Meltzoff, A. N. (2007a). Television and DVD/video viewing in children younger than 2 years. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 161(5), 473-479. doi:<http://doi.org/10.1001/archpedi.161.5.473>
- Zimmerman, F. J., Christakis, D. A., & Meltzoff, A.N. (2007b). Associations between media viewing and language development in children under 2 years. *Journal of Pediatrics*, 151:364–368. [PubMed: 17889070]
- Wartella, E. A., Rideout, V., Lauricella, A., & Connell, S. (2013). Parenting in the age of digital technology: A national survey. Report of the Center on Media and Human Development. Presented at the School of Communication, Northwestern University, Evanston, IL. Retrieved from <http://cmhd.northwestern.edu/parenting-in-the-age-of-digital—technology/>
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1988)

Winnicott, D. W. (1956/2000). A preocupação materna primária. In: Winnicott, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (2006). Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1987)

CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO GERAL E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese de doutorado abordou a temática do uso das mídias digitais (*smartphone*, *tablet* e TV) por bebês e suas mães através de dois estudos. O primeiro deles foi sobre como mães e bebês brasileiros de zero a 36 meses fazem uso das mídias digitais. Os dados mostram um panorama do uso das mídias digitais em uma amostra brasileira indicando que as famílias estão utilizando amplamente as mídias no dia-a-dia dos bebês. Em especial, cabe destacar que mais da metade dos bebês desta amostra faz uso de *smartphones*, *tablets* e/ou computador. Este dado foi corroborado por diversos estudos internacionais (Common Sense Media, 2017; Domoff et al., 2019; Kabali et al., 2015; Nevski & Siibak, 2016) que já têm investigado esta temática há mais tempo. E, embora seja observada uma frequência de uso ainda maior nos estudos citados, reflete-se que, ainda assim, o uso das mídias digitais dos bebês deste estudo é alto, se considerarmos as orientações vigentes das Sociedades de Pediatria em que o uso por bebês de até 2 anos não é recomendado (American Academy of Pediatrics, 2011; American Academy of Pediatrics, 2016; Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016; Canadian Paediatric Society, 2017; Bozzola et al., 2018).

Conforme outros resultados encontrados no primeiro estudo, as mídias digitais também tem sido utilizadas em importantes momentos da rotina de bebês e crianças pequenas, como na hora de dormir e de comer. Entende-se que esse dado deve servir de alerta para as famílias em termos de saúde pública, na medida em que o impacto do uso de mídias nestes momentos tem sido associado a aspectos negativos no desenvolvimento, como uma quantidade inadequada de sono (Carter, McPhill, Hale, Bhattacharjee & Paradkar, 2016), além de perda de apetite ou ganho de peso (Ministério da Saúde, 2019).

Os resultados deste estudo enfocaram também a necessidade das mães de usar mídias digitais para entreter os seus bebês a fim de que possam realizar as suas próprias tarefas. Dentre os momentos em que as mães mais sentem necessidade de oferecer algum tipo de mídias para seus filhos, aparecem: a hora de realizar atividades domésticas, ao resolver questões de trabalho em casa e ao tomar banho ou ir ao banheiro. Em contraponto, os bebês demonstram uma demanda de interação com suas mães e não com as mídias digitais. Frente a esses achados, discutiu-se a importância de atentar para as interações precoces e presenciais dos bebês com seus pais, para que estas não sejam substituídas ou excessivamente mediadas por interações virtuais.

O segundo estudo, por sua vez, abordou as associações entre o uso das mídias digitais, o desenvolvimento socioemocional do bebê e a saúde mental materna. Em resumo, dentre os resultados, foi encontrado que o uso de mídias digitais pelo bebê correlacionou-se

negativamente com o desenvolvimento socioemocional, sendo que o fato de a mãe permitir que o filho utilize as mídias digitais está associado ao uso que o bebê faz das mídias digitais. Este resultado levantou importantes questões, discutidas mais detalhadamente no artigo, especialmente pelo fato de que os bebês ainda não têm autonomia para iniciar o uso sem que um adulto lhes ofereça. Então, isso reforça a importância de se atentar para o uso que a mãe faz das mídias digitais com seu bebê.

Nessa linha, nossos resultados sugerem que a saúde mental materna pode ser considerada um fator importante no uso conjunto que a dupla mãe-bebê faz das mídias digitais. Por isso, reflete-se sobre o quanto essa variável pode interferir no exercício da maternidade, como por exemplo, na capacidade de tomar boas decisões sobre o uso de mídias digitais por seus filhos. Um dos achados deste estudo evidenciou que quanto mais as mães usam as mídias digitais, seja para distrair, ocupar ou entreter seus bebês, mais elas sentem necessidades de usar esse recurso, tanto para permitir que seu filho use sozinho, quanto para utilizar junto com ele. Desse modo, é relevante pensar em como os recursos tecnológicos podem servir para compensar uma falta de energia materna, ou uma indisponibilidade emocional para interagir, assim como podem denunciar uma falha na rede de apoio familiar e/ou social (Connors, Tripathi, Clubb & Bradley, 2007). Frente a isso, a discussão se direciona para outro dado encontrado referente ao tempo que o bebê utiliza sozinho as mídias. A literatura mostra que as famílias têm pouco controle sobre o uso que os filhos fazem das mídias digitais, como o tipo de conteúdo ao qual seus filhos são expostos (Vittrup, Snider, Rose & Rippy, 2016). Por isso, assim como no primeiro estudo, novamente foi necessário discutir sobre as interrupções diárias que ocorrem nas interações interpessoais causadas pelas mídias digitais (McDaniel & Radesky, 2017, McDaniel & Radesky, 2018).

Contudo, esta tese não foi isenta de limitações. Esta pesquisa investigou somente as mães, sem entrevistar nem captar as impressões sobre o uso de mídias digitais de outros familiares. Além disso, o público participante foi predominantemente de classe média-alta e da região sul do país. Nesse sentido, sugere-se que outros estudos possam contemplar os pais e outros cuidadores dos bebês, além de acessar uma população de níveis socioeconômicos mais baixos e com uma maior distribuição amostral por regiões do país, a fim de investigar eventuais diferenças entre informantes e contextos distintos. Além disso, acredita-se que estudos qualitativos podem ampliar a compreensão dos aspectos socioemocionais do bebê e da saúde materna. Ainda, sugere-se que estudos longitudinais possam verificar possíveis mudanças no desenvolvimento socioemocional e nos padrões de uso de mídias digitais dos bebês ao longo do tempo. Nesse sentido, espera-se que outras metodologias possam avançar e ampliar os conhecimentos sobre essa temática, ainda pouco explorada nacionalmente.

Juntos, os achados derivados dos dois estudos desta tese ampliam a compreensão sobre o uso de mídias digitais por bebês e suas mães e preenchem uma lacuna na literatura científica, visto que atualmente observa-se uma escassez de estudos brasileiros sobre a temática com esta população (Mallmann, 2019; Nobre et al. 2019a; Nobre et al. 2019b; Pedrotti, 2019), o que vai na contramão dos estudos internacionais, já que se percebe uma predominância de pesquisas estrangeiras, especialmente no contexto norteamericano (Radesky & Christakis, 2016; Radesky et al., 2015; Radesky et al., 2016; Radesky, 2016; Radesky, Schumacher & Zuckerman, 2015; Radesky, Silverstein, Zuckerman & Christakis, 2014). Mais especificamente, vale dar um destaque aos enfoques escolhidos para esta tese, já que foram encontrados poucos estudos que investigaram os impactos do uso das mídias digitais no desenvolvimento socioemocional do bebê, tampouco associações com a saúde mental materna. Os estudos existentes, até o momento, preocuparam-se em investigar predominantemente os impactos no domínio cognitivo (Anderson & Hanson, 2013; Anderson & Subrahmanyam, 2017; Nathanson, Aladé, Sharp, Rasmussen, & Christy, 2014; Lin, Cherg, Chen, Chen & Yang, 2015; Radesky & Christakis, 2016) e na linguagem do bebê (Duch et al., 2013; Collet et al., 2018; Zimmerman, Christakis, Meltzoff, 2007a; Zimmerman, Christakis, Meltzoff, 2007b), enquanto os estudos acerca do desenvolvimento emocional ainda são minoria (Haughton, Aiken & Cheevers, 2015; Napier, 2014; Raman et al., 2017). Nesse sentido, acredita-se que esta tese merece crédito, já que ampliou o entendimento do uso das mídias digitais por bebês, trazendo para a discussão a importância que a mãe exerce no uso que o bebê faz das mídias, dada a relevância da função materna no desenvolvimento do bebê e nas interações iniciais (Winnicott, 1987/2006).

Com isso, resgato uma necessária reflexão: O que um bebê precisa para se desenvolver física e emocionalmente? Reforço que ele precisa de afeto, presença e constância nos cuidados, e não de um excesso de telas, como temos visto na atualidade. Destaco a importância que as interações iniciais entre o bebê e sua mãe (ou outros cuidadores) têm para o desenvolvimento emocional do bebê. Isso porque o comportamento dos pais com seus filhos molda de forma significativa o desenvolvimento infantil (Fay-Stammbach, Hawes e Meredith, 2014, Radesky et al., 2015; Zimmer-Gembeck et al., 2017) e são estas primeiras relações que vão instaurar as bases da saúde mental no indivíduo (Winnicott, 1986/2005, 1987/2006; Raman et al., 2017). As interações entre pais e filhos, marcadas pela alta sensibilidade e capacidade de resposta dos pais, contribuem para a probabilidade de uma criança identificar seu cuidador como uma base segura e assim, auxiliar no desenvolvimento de estilos seguros em suas trajetórias posteriores (Bowlby, 1989). No entanto, acredito que estes aspectos

essenciais podem estar se perdendo, na medida em que se percebe um excesso do uso de mídias intermediando e, em alguns casos, até mesmo interrompendo as relações.

É indiscutível a importância das interações face-a-face entre pais e filhos, com trocas de olhares e de afeto para o adequado desenvolvimento infantil, e estas não deveriam jamais ser substituídas por interações virtuais (Chassiakos et al., 2016; Radeski et al., 2014; Radesky et al., 2016b) ou mesmo pela TV, enquanto um distrator da interação entre pais e filhos (Anderson & Hanson, 2013). As telas por si só jamais cumprirão a função de trocas sem a participação do outro (Cervo, 2013). Lembrando que, ao considerar especificamente os bebês, não há benefícios em usar mídias digitais tão precocemente (Schmidt, Rich, Rifas-Shiman, Oken, & Taveras, 2009; Strasburger, 2007; Radesky & Christakis, 2016).

Não se trata de forma alguma de determinismo ou de uma posição contrária ao uso de mídias pelos bebês. Não é sobre ser contra ou a favor das telas. Mas sim, sobre pensar em como é este uso. E nesse sentido, esta tese também traz algumas reflexões práticas e clínicas. Acredito que em vez de simplesmente proibir o uso, como orientam as academias de pediatria ao redor do mundo (American Academy of Pediatrics, 2011; American Academy of Pediatrics, 2016; Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016; Canadian Paediatric Society, 2017; Bozzola et al., 2018), o mais adequado seria compreender os momentos em que as mães sentem necessidade de oferecer as mídias digitais para seus bebês e auxiliá-las com alternativas para que a oferta dessas mídias não seja o primeiro, nem o único recurso a ser utilizado nas dificuldades cotidianas com um bebê.

Claro que, para que os bebês e as crianças e, mais adiante, os adolescentes adotem um estilo de vida saudável, é importante monitorar o tempo, a frequência e o conteúdo visualizado no uso de dispositivos tecnológicos, mas não só isso. É necessário que os profissionais da saúde possam conversar com os pais e compreender o uso que as famílias fazem das mídias em suas rotinas, para só assim dar orientações sobre o uso das telas. Somente proibir pode não atingir o objetivo esperado, que é de que os bebês e as crianças pequenas usem menos ou não usem. Talvez essa linha torne mais fácil acessar as famílias e promover que as crianças desenvolvam atividades físicas, tenham hábitos alimentares saudáveis, ciclos de sono adequados e um ambiente social acolhedor, sem que as telas estejam intermediando ou substituindo essas atividades.

De acordo Radesky et al. (2016), para que as orientações possam ser implementadas de forma mais efetiva, deve-se levar em conta as incertezas dos pais e os usos funcionais dos dispositivos móveis nas famílias. Acredita-se que, se houver informações mais claras sobre o uso das tecnologias entre as crianças e o impacto decorrente deste uso, os profissionais da saúde poderão ter um diálogo mais aberto e realista com as famílias, escutando a forma como

vêm utilizando em suas rotinas, suas dúvidas e receios, podendo inclusive corrigir percepções errôneas, alertar sobre os riscos e discutir sobre como as tecnologias podem ser utilizadas de forma adequada e funcional.

Ao refletir sobre o uso que as famílias fazem das mídias digitais e inspirada nos questionamentos que a Royal College of Paediatrics and Child Health (2019) apresenta, eu também arrisco a propor aqui as minhas provocações para as famílias: Quando o seu bebê chora você usa algum recurso tecnológico para acalmá-lo? Quando você quer distrair ou brincar com seu filho você usa as telas? Será que a tela é o único recurso nestas circunstâncias? Quais os outros jeitos possíveis de acalmar, distrair e brincar com o seu filho sem que as telas estejam presentes? O seu bebê acaba ficando sozinho com as telas e você se distraindo com o celular? Será que a tela está ocupando excessivamente um espaço que seria do afeto, da presença, do envolvimento e da interação?

Proponho estas reflexões provocativas porque penso que as telas parecem ser o sintoma da atualidade. Há famílias que se apóiam no recurso tecnológico para se libertar de seus filhos a fim de dar conta das suas próprias tarefas, o que pode acarretar um uso completamente solitário das mídias digitais pelos bebês, o que não é, de forma alguma, recomendado. No entanto, um uso compartilhado e ativo, mediado por trocas de olhares e afetos, com presença e interação constante dos pais no uso que o bebê ou criança pequena está fazendo da mídia, pode ser considerado um uso possível e mais saudável. Um exemplo disso, seria a mãe colocar um vídeo no *YouTube* na TV da sala e fazer uso deste recurso para cantar e dançar com seu filho. Mas seria uma experiência completamente diferente colocar este mesmo vídeo e deixar o bebê sozinho, somente com o estímulo visual, digital, musical, que não vai fazer sentido para ele sem a presença de alguém. Penso que se não houver a participação e a interação de um cuidador disposto a mediar àquela experiência tecnológica, as mídias digitais, por si só, não irão cumprir a função de troca e de educação para os bebês que as famílias tanto buscam quando usam estes recursos. Não é a mídia digital que educa e que ensina, e sim os pais mediando aquele conteúdo e transmitindo para o bebê.

Parece que algumas famílias da atualidade têm uma tendência de se conectar com as mais diversas mídias digitais, mas está se perdendo a reflexão do quanto um uso excessivo pode desconectar das interações e relações familiares, que é o mais importante para o desenvolvimento emocional dos bebês. O problema maior não é usar as mídias, mas colocá-las no lugar da presença e do afeto. O uso de mídias digitais por bebês somente na presença de um adulto não requer envolvimento, nem trocas ou interação, e sim somente algum tipo de supervisão à distância ou até mesmo nenhuma supervisão. Mas para ter um jogo interacional, através do uso das mídias, é necessário que um adulto esteja interagindo junto com a criança,

lado a lado, mediando o uso que ela está fazendo e não a deixando sozinha com um celular ou *tablet* para que se distraia e não perturbe os jantares dos adultos. Essa função de troca e interação é atribuição dos pais, cuidadores, psicólogos, educadores, e de todos aqueles dispostos a compreender a realidade psíquica das crianças, a entender a realidade virtual em que estão inseridas, demonstrando interesse por suas preferências virtuais (Cervo, 2013). Essas posições não favorecem a interação com as crianças, que ficam sem a possibilidade de ter um outro olhar, um contraponto a partir da lógica da subjetividade. Assim, perde-se o contato com as crianças, deixando-as alheias, vulneráveis e suscetíveis aos perigos do mundo virtual (Cervo, 2013). Dependendo de como são usados, os dispositivos móveis podem ter impactos positivos e negativos nas interações familiares. As mídias digitais podem ser usadas para o entretenimento da família, para o apoio social ou acesso a materiais educativos para crianças; mas também podem distrair os pais das interações com seus filhos, conforme discutido acima (Radesky et al.,2014).

Por fim, finalizo estas considerações finais com a mensagem que eu acredito ser a principal desta tese e que eu gostaria de transmitir para as famílias e para todos os profissionais que atuam com bebês: Mais olho no olho e menos olho nas telas.

REFERÊNCIAS

- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2011). Media use by children younger than 2 years. *Pediatrics*, 128(5), 1040-1045 doi: 10.1542/peds.2011-1753.
- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2016). Media and young minds. *Pediatrics*, 138(5), 1-8. doi: 10.1542/peds.2016-2591
- American Psychological Association. (2019). Thesaurus of Psychological Index Terms. Recuperado de: <https://psycnetapa.org.ez25.periodicos.capes.gov.br/thesaurus/item?term=digital%20media>
- Anderson, D. R., & Hanson, K. (2013). What researchers have learned about toddlers and television. *Zero to three*, 4-10. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/287195548_What_Researchers_have_learned_about_toddlers_and_television
- Anderson, D. R. & Subrahmanyam, K. (2017). Digital Screen Media and Cognitive Development, *Pediatrics*, 140 (2), doi: 10.1542/peds.2016-1758C
- Austin, E. W. (1993). Exploring the effects of active parental mediation of television content. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 37(2), 147–158.
- Bank, A. M., Barr, R., Calvert, S. L., Parrott, W. G., McDonough, S. C., & Rosenblum, K. (2012). Maternal depression and family media use: A questionnaire and diary analysis. *Journal of Child and Family Studies*, 21(2), 208–216. doi: 10.1007/s10826-011-9464-1
- Bernstein, L., & Levine, M. H. (2011). Preface. In A. L. Gutnick, M. Robb, L. Takeuchi, & J. Kotler (Eds.), *Always connected: The new digital media habits of young children*. New York: The Joan Ganz Cooney Center at Sesame Workshop. Retrieved from <http://asiapacificbcw.org/resources/Children and Digital Media.pdf>
- Bozzola, E., Spina, G., Ruggiero, M., Memo, L., Agostiniani, R., Bozzola, M., Corsello, G., & Villani, A. (2018). Media devices in pre-school children: The recommendations of the Italian pediatric society. *Italian Journal of Pediatrics*, 44(69), 1-5. doi: 10.1186/s13052-018-0508-7
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas
- Brazelton, T. B. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes
- Brown, A. (2011). Media Use by Children Younger Than 2 Years Council on Communications and Media. *Pediatrics*, 128 (5). doi: 10.1542/peds.2011-1753

- Canadian Paediatric Society, Digital Health Task Force. (2017). Screen time and young children: Promoting health and development in a digital world. *Paediatrics & Child Health*, 22(8), 461-468. doi: 10.1093/pch/pxx123
- Carter, B.; McPhill, P.R.; Hale, L., Bhattacharjee, D., Paradkar, M. (2016). Association Between Portable Screen-Based Media Device Access or Use and Sleep Outcomes A Systematic Review and Meta-analysis. *JAMA Pediatrics*, 170(12):1202-1208. doi:10.1001/jamapediatrics.2016.2341
- Cervo, L. M. (2013). O mundo virtual: um espaço para criar? *Psicanálise* 15 (2), 381-391.
- Chassiakos, Y. R., Radesky, J., Christakis, D., Moreno, M. A., & Cross, C. (2016). Children and adolescents and digital media. *American Academy of Pediatrics*, 138(5). doi: 10.1542/peds.2016-2593
- Christakis, D. (2009). The effects of infant media usage: what do we know and what should we learn? *Acta Pædiatrica*, 98, 8-16. doi: 10.1111/j.1651-2227.2008.01027.x
- Clark, L. S. (2011). Parental mediation theory for the digital age. *Communication Theory*, 21(4), 323–343.
- Cristia A., & Seidl A. (2015). Parental reports on touch screen use in early childhood. *PLoS ONE*, 10(6) doi: 10.1371/journal.pone.0128338
- Collet, M., Gagniere, B., Rousseau, C., Chapron, A., Fiquet, L., & Certain, C. (2018). Case-control study found that primary language disorders were associated with screen exposure. *Acta Pædiatrica*, 108, 1103–1109. doi:10.1111/apa.14639
- Common Sense Media (2013). Zero to Eight: Children's media use in America 2013. Recuperado de <https://www.commonsensemedia.org/research/zero-to-eight-childrens-media-use-in-america-2013>
- Common Sense Media. (2017). The Common Sense Census: Media use by kids age zero to eight. A special population: children under two. Retrieved from: <https://www.commonsense.org/zero-to-eight-census>
- Connors, N. A.; Tripathi, S.P.; Clubb, R. & Bradley, R. H. (2007). Maternal characteristics associated with television viewing habits of low-income preschool children. *Journal of Child and Family Studies*, 16 (3), 415-425. doi: 10.1007/s10826-006-9095-0
- Dalzell, V.P, Msall, M.E., & High, P.C (2000). Parental attitudes of television and videocassette viewing of children aged birth to 36 months. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 21(5):390.
- Davis, H., Ferdous, H. S., & Vetere, F. (2017). “Table Manners.” In *Proceedings of the 2017 CHI Conference Extended Abstracts on Human Factors in Computing Systems - CHI EA '17*. <https://doi.org/10.1145/3027063.3053353>

- Dennison, B.A., Erb, T.A. & Jenkins, P.L. (2002). Television viewing and television in bedroom associated with overweight risk among low-income preschool children. *Pediatrics*, 109(6): 1028-35. doi: 10.1542/peds.109.6.1028
- DeLoache, J. S., & Chiong, C. (2009). Babies and Baby Media. *American Behavioral Scientist*, 52(8), 1115–1135. <https://doi.org/10.1177/0002764209331537>
- Domoff, S.E., Radesky, J. S., Harrison, K., Riley, H. , Lumeng, J.C & Miller, A.L (2019). A Naturalistic Study of Child and Family Screen Media and Mobile Device Use. *Journal of Child and Family Studies*, 28, 401–410 doi 10.1007/s10826-018-1275-1
- Duch, H., Fisher, E. M., Ensari, I., Font, M., Harrington, A., Caroline Taromino, J. Y., & Rodriguez, C. (2013). Association of screen time use and language development in Hispanic toddlers: a cross-sectional and longitudinal study. *Clinical Pediatrics*, 52(9), 857–865.
- Duch, H., Fisher, E. M., Ensari, I., & Harrington, A. (2013). Screen time use in children under 3 years old: a systematic review of correlates. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 10(1), 102. <https://doi.org/10.1186/1479-5868-10-10>
- Eisenstein, E., & Estefenon, S. B. (2011). Geração digital: Riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto*, 10(2), 42-52. Recuperado de http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=105
- Fay-Stammach, T., Hawes, D. J., & Meredith, P. (2014). Parenting influences on executive function in early childhood: a review. *Child Development Perspectives*, 8(4), 258e264. <http://dx.doi.org/10.1111/cdep.12095>
- Frizzo, G. B., Bandeira, D. R., Levandowski, D. C., Azevedo, E. C., Mendonça Filho, E. J., Mallmann, M. Y., Pedrotti, B. G., Pieta, M. A. M., & Silva, M. A. (2017). Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil. Projeto de Pesquisa não publicado
- Fuller, B., Lizárraga, J.R., Gray, J.H. (2015). Digital media and Latino families: New channels for learning, parenting, and local organizing. New York: The Joan Ganz Cooney Center at Sesame Workshop.
- Gillen, J. Matsumoto, M., Aliagas, C., Bar-lev, Y., Clark, A., Flewitt, R.S., Jorge, A., Kumpulainen, K., Marsh, J., Morgade, M., Pacheco, R., Poveda, D., Sairanen, H., Sandberg, H., Scott, F., Sjöberg, U., Sundin, E., Tigane, I., & Tomé, V. (2018) A Day in the Digital Lives of Children Aged 0-3. Full report. DigiLitEY ISCH COST Action 1410 Working Group 1: Digital Literacy in Homes and Communities.
- Haughton, C., Aiken, M., & Cheevers, C. (2015). Cyber babies: The impact of emerging technology on the developing infant. *Psychology Research*, 5(9), 504-518.

doi:10.17265/2159-5542/2015.09.002

- Holloway, D., Green, L. & Stevenson, K.J. (2015). Digitods: Toddlers, Touch Screens and Australian Family Life. *Journal of Media and Culture*, 18 (5).
- Irwin, L. G., Siddiqi, A., & Hertzman, C. (2007). Early child development: A powerful equalizer (Final report). Geneva: University of British Columbia. Retrieved from <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd66/EarlyChild/EarlyChild.html>
- Kabali, H. K., Irigoyen, M. M., Nunez-Davis, R., Budacki, J. G., Mohanty, S. H., Leister, K. P., & Bonner, R. L. (2015). Exposure and use of mobile media devices by young children. *Pediatrics*, 136(6), 1044-1050. doi: 10.1542/peds.2015-21
- Kildare, C. A., & Middlemiss, W. (2017). Impact of parents mobile device use on parent-child interaction: A literature review. *Computers in Human Behavior*, 75, 579–593. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.06.003>
- Kingston, D. & Tough, S. (2014). Prenatal and postnatal maternal mental health and school-age child development: a systematic review. *Matern Child Health Journal*, 18:1728–41. [doi:10.1007/s10995-013-1418-3](https://doi.org/10.1007/s10995-013-1418-3)
- Lauricella, A. R., Wartella, E., & Rideout, V. J. (2015). Young children's screen time: The complex role of parent and child factors. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 36, 11–17. doi: 10.1016/j.appdev.2014.12.001
- Lee, B. (2012). An exploratory study on early childhood smart device usage at home. *Child Education Studies*, 16(6), 511–532.
- Lee, J., Do, N., & Oh, Y. (2013). Young children's media exposure and solution for protection. Seoul, Korea: Korean Institute of Child Care and Education
- Lin, L.Y., Cherg, R. J., Chen, Y.J., Chen, Y.J., Yang, H.M. (2015). Effects of television exposure on developmental skills among young children. *Infant Behavior and Development*, 38, 20-26.
- Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2008). Parental mediation of children's internet use. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 52(4), 581–599.
- Livingstone, S., & Smith, P. K. (2014). Annual research review: Harms experienced by child users of online and mobile technologies: the nature, prevalence and management of sexual and aggressive risks in the digital age. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 55(6), 635–654. doi:10.1111/jcpp.12197
- Livingstone, S., L. Haddon, Görzig, A & Ólafsson, K. (2011). Risks and Safety on the Internet: The Perspective of European Children: Full Findings and Policy Implications from the EU Kids Online Survey of 9-16 Year Olds and Their Parents in 25 Countries. <http://eprints.lse.ac.uk/33731/>

- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original published in 1979)
- Mallmann, M. Y. (2019). As novas tecnologias e seu uso pelos bebês: o que as mães pensam sobre essa nova realidade? Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Marsh, J., Plowman, L., Yamada-Rice, D., Bishop, J.C., Lahmar, J., Scott, F., Davenport, A., Davis, S., French, K., Piras, M., Thornhill, S., Robinson, P. and Winter, P. (2015). Exploring Play and Creativity in Pre-Schoolers' Use of Apps: Final Project Report. Accessed at: www.techandplay.org.
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. (2017). Technoference: Parent Distraction With Technology and Associations With Child Behavior Problems. *Child Development*, *89*(1), 100-109. doi: 10.1111/cdev.12822
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. (2018). Technoference: longitudinal associations between parent technology use, parenting stress, and child behavior problems. *Pediatric Research*, *84*(2), 210-218. doi: 10.1038/s41390-018-0052-6
- McDonald, S.W.; Kehler, H.L. & Tough, S.C. (2016). Protective factors for child development at age 2 in the presence of poor maternal mental health: results from the All Our Babies (AOB) pregnancy cohort. *Paediatrics*, *6*(11).doi: [10.1136/bmjopen-2016-012096](https://doi.org/10.1136/bmjopen-2016-012096)
- Meyer, M., Adkins, V., Yuan, N., Weeks, H. M., Chang, Y. J., & Radesky, J. (2019). Advertising in Young Children's Apps: A Content Analysis. *Journal developmental behavioral pediatrics*, *40*(1), 32-39. doi: 10.1097/DBP.0000000000000622.
- Ministério da Saúde (2019). Guia alimentar para crianças menores de 2 anos. Retirado de: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia_da_crianca_2019.pdf
- Mustafaoğlu, R., Zirek, E., Yasacı, Z., & Özdiñçle, A. R. (2018). The Negative Effects of Digital Technology Usage on Children's Development and Health. *Addicta: The Turkish Journal on Addictions*, *5*(2), 227–247. doi:10.15805/addicta.2018.5.2.0051
- Napier, C. (2014). How use of screen media affects the emotional development of infants. *Art & Science*, *24*(2). doi: 10.7748/phc2014.02.24.2.18.e816
- Nathanson, A. I.; Aladé, F.; Sharp, M. L.; Rasmussen, E. E. &Christy, K. (2014). The Relation Between Television Exposure and Executive Function Among Preschoolers. *Developmental Psychology*, *50* (5), 1497–1506. doi: 10.1037/a0035714
- Neumann, M. M. (2015). Young children and screen time: creating a mindful approach to digital technology. *Australian Educational Computing*, *30*(2), 1-15. Retrieved from:<https://experts.griffith.edu.au/publication/n5162600d026988252ac710706778a7bc>

- Nevski, E. & Siibak, A. (2016). The role of parents and parental mediation on 0–3-year olds’ digital play with smart devices: Estonian parents’ attitudes and practices. *Early Years An International Research Journal*, doi: 10.1080/09575146.2016.1161601
- Nobre, J.N.P., Santos, J.N., Santos, L.R., Guedes, S.C., Pereira, L., Costa, J.M., Morais, R.L.S. (2019a). Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância.. *Cien Saude Colet* [periódico na internet]. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-determinantes-no-tempo-de-tela-de-criancas-na-primeira-infancia/17321?id=17321&id=17321>
- Nobre, J.N.P., Prat, B.V., Santos, J.N., Santos, L.R., Pereira, L., Guedes, S.C., Ribeiro, R.F., Morais, R.L.S. (2019b). Quality of interactive media use in early childhood and child development: a multicriteria analysis. *Jornal de Pediatria*, doi: <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2018.11.015>
- O’Connor, J. & Fotakopoulou, O. (2016). A threat to childhood innocence or the future of learning? Parents’ perspectives on the use of touch-screen technology by 0–3 year-olds in the UK. *17* (2), doi: 10.1177/1463949116647290
- Pedrotti, B. G. (2019). Como prescindir das novas tecnologias no cuidado e na interação com os bebês? Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Radesky, J. S., & Christakis, D. A. (2016). Increased screen time: Implications for early childhood development and behavior. *Pediatric Clinics*, *63* 827–839. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pcl.2016.06.006>
- Radesky, J. S., Eisenberg, S., Kistin, C. J., Gross, J., Block, G., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016a). Overstimulated consumers or next-generation learners? Parent tensions about child mobile technology use. *Annals of Family Medicine*, *14*, 503-508. doi: <https://doi.org/10.1370/afm.1976>
- Radesky, J. S., Kistin, C. J., Zuckerman, B., Nitzberg, K., Gross, J., Kaplan-Sanoff, M., Augustyn, M., & Silverstein, M. (2014). Patterns of Mobile Device Use by Caregivers and Children During Meals in Fast Food Restaurants. *Pediatrics*, *133* (4): 843-849. doi.org/10.1542/peds.2013-3703
- Radesky, J. S., Kistin, C., Eisenberg, S., Gross, J. Block, G., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016b). Parent Perspectives on Their Mobile Technology Use: The excitement and exhaustion of parenting while connected. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, *37* (09), 694-701. doi: 10.1097/DBP.0000000000000357

- Radesky, J. S., Miller, A. L., Rosenblum, K. L., Appugliese, D., Kaciroti, N., & Lumeng, J. C. (2015). Maternal mobile device use during a structured parent-child interaction task. *Academic Pediatrics, 15*(2), 238-244 <http://doi.org/10.1016/j.acap.2014.10.001>
- Radesky, J. S., Peacock-Chambers, E., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016). Use of Mobile Technology to Calm Upset Children. *Jama Pediatrics, 170* (4), 397-399. doi: 10.1001/jamapediatrics.2015.4260
- Radesky, J. S., Schumacher, J., & Zuckerman, B. (2015). Mobile and interactive media use by young children: The good, the bad, and the unknown. *Pediatrics, 135* (1), 1-3. doi: 10.1542/peds.2014-2251
- Radesky, J. S., Silverstein, M., Zuckerman, B., & Christakis, D. A. (2014). Infant self-regulation and early childhood media exposure. *Pediatrics, 133* (5), 1172-1178 doi: 10.1542/peds.2013-2367
- Raman, S., Guerrero-Duby, S., McCullough, J. L., Brown, M., Ostrowski-Delahanty, S., Langkamp, D., & Duby, J. C. (2017). Screen Exposure During Daily Routines and a Young Child's Risk for Having Social-Emotional Delay. *Clinical Pediatrics, 56*(13), 1244–1253. <https://doi.org/10.1177/0009922816684600>
- Royal College of Paediatrics and Child Health RCPCH (2019). The health impacts of screen time: a guide for clinicians and parents. Retrieved from: <https://www.rcpch.ac.uk/resources/health-impacts-screen-time-guide-clinicians-parents>
- Seo, H. & Shinha-Lee, C. (2017). Emotion Matters: What Happens Between Young Children and Parents in a Touchscreen World. *International Journal of Communication, 11*, 561–580. doi: 1932–8036/20170005
- Schmidt, M.; Rich, M.; Rifas-Shiman, S.L.; Oken, E. & Taveras, E.M. (2009). Television viewing in infancy and child cognition at 3 years of age in a US cohort. *Pediatrics, 123*, 3, 370-375.
- Shin, W. (2015). Parental socialization of children's Internet use: A qualitative approach. *New Media & Society, 17*(5), 649–665.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2016). Saúde de crianças e adolescentes na era digital. *Manual de Orientação, Departamento de Adolescência*. Recuperado de <http://www.sbp.com.br/src/uploads/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-dolesc.pdf>
- Strasburger, V. (2007). First do no harm: why have parents and pediatricians missed the boat on children and media? *Journal of Pediatrics, 151* (4), 334-336.
- Spitz, R. (1979). *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetivas*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original published in 1965)

- Stern, D. N. (1997). *A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia /bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sweetser , P., Johnson, D., Ozdowska, A., Wyeth, P. (2012). Active versus passive screen time for young children. *Australasian Journal of Early Childhood*, 37, 94-98.
- Valkenburg, P. M., Krcmar, M., Peeters, A. L., & Marseille, N. M. (1999). Developing a scale to assess three styles of television mediation: “Instructive mediation,” “restrictive mediation,” and “social covieing.” *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 43(1), 52–66. Retrieved from <http://doi.org/10.1080/08838159909364474>
- Vandewater, E., Rideout, V. J., Wartella, E. A., Huang, X., Lee, J. H., & Shim, M. (2007). Digital childhood: Electronic media and technology use among infants, toddlers, and preschoolers. *Pediatrics*, 119(5), 1006-1015 doi:10.1542/peds.2006-1804
- Vittrup, B.; Snider, S.; Rose, K. K. & Rippy, J. (2016). Parental perceptions of the role of media and technology in their young children’s lives. *Journal of Early Childhood Research*, 14(1) 43 –54 doi: 10.1177/1476718X14523749
- Zimmer-Gembeck, M. J., Webb, H. J., Pepping, C. A., Swan, K., Merlo, O., Skinner, E. A., et al. (2017). Review: Is parent-child attachment a correlate of children's emotion regulation and coping? *International Journal of Behavioral Development*, 41(1), 74-93. <http://dx.doi.org/10.1177/0165025415618276>
- Zimmerman, F. J., Christakis, D. A., & Meltzoff, A. N. (2007a). Television and DVD/video viewing in children younger than 2 years. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 161(5), 473-479. doi:<http://doi.org/10.1001/archpedi.161.5.473>
- Zimmerman, F.J, Christakis, D.A, Meltzoff, A.N. (2007b). Associations between media viewing and language development in children under age 2 years. *Journal of Pediatrics*; 10:364–368.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1988)
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (p. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1956).
- Winnicott, D. W. (2005). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1986)
- Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1987)
- Winnicott, D. W. (2013). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1965)

World Health Organization WHO (2019). Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age. World Health Organization. Retrieved from <http://www.who.int/iris/handle/10665/311664>.

ANEXO A: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UFRGS - INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil

Pesquisador: Giana Bitencourt Frizzo

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 69947117.6.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.316.472

Apresentação do Projeto:

Visto que ainda são escassos os estudos desenvolvidos pela Psicologia, que incluam a compreensão desse impacto no desenvolvimento infantil e nas interações pais-bebês, novos estudos são urgentemente necessários para o entendimento desse fenômeno, especialmente no contexto brasileiro. Dessa forma, poder-se-á obter recomendações mais claras para orientar as famílias sobre o uso das tecnologias por bebês até 3 anos de idade. Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês. Será utilizado um delineamento misto, qualitativo e quantitativo para compreender o impacto do uso das tecnologias para o desenvolvimento infantil. Diversos autores, no contexto nacional e internacional (Creswell, 2010; Flick, 2009; Günther, 2006), têm defendido o uso de delineamentos mistos, afirmando que, conforme os objetivos da pesquisa, tais metodologias devem ser integradas, para que se consiga dar conta da complexidade da realidade social e da conduta humana. Assim, o uso de um delineamento misto contribui para reforçar a validade, a confiabilidade, a adequação e a complexidade dos achados do estudo (Flick, 2009). O presente projeto é constituído por três estudos, que serão descritos detalhadamente a seguir. Estudo 1- Grupo focal sobre o uso de tecnologias nas famílias com bebês; Estudo 2- Estudo on-line quantitativo sobre como famílias fazem uso da tecnologia e telas. Estudo 3- Estudo longitudinal sobre o uso das tecnologias, qualidade da interação mãe-bebê, saúde mental materna e suas repercussões para o desenvolvimento de bebês de até 3 anos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês.

Objetivo Secundário:

- Compreender qualitativamente o uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através da metodologia de grupo focal; - Fazer um levantamento quantitativo do uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através de um survey on-line; - Compreender o desfecho do uso das tecnologias, a qualidade da interação mãe-bebê, a saúde mental materna para o desenvolvimento infantil de bebês até 3 anos de idade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Segundo autoras "os riscos para participação dessa pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pela moderadora. Caso isso aconteça, você terá suporte da nossa equipe de pesquisa que poderá encaminhá-los para atendimento psicológico."

Benefícios:

Conforme autoras, "não há benefícios diretos ao participar desta pesquisa, mas através de sua participação, pais e mães e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados, através de mais conhecimento sobre a temática que o estudo irá proporcionar."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem fundamentada do ponto de vista teórico e metodológico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos foram reformulados e estão agora adequadamente redigidos.

Recomendações:

Não há mais recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há mais pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_942365.pdf	17/09/2017 23:00:37		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoFAPERGSatualizadoparaCEPpar ecer2.doc	17/09/2017 23:00:06	ELISA CARDOSO AZEVEDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEatualizadoparecer2.doc	17/09/2017 22:59:39	ELISA CARDOSO AZEVEDO	Aceito
Declaração do Patrocinador	autorizacaocomomsensemedia.docx	15/08/2017 22:41:39	ELISA CARDOSO AZEVEDO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoFAPERGSatualizadoparaCEP.do C	15/08/2017 22:38:56	ELISA CARDOSO AZEVEDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEatualizado.docx	15/08/2017 22:36:32	ELISA CARDOSO AZEVEDO	Aceito
Outros	compesq.pdf	19/06/2017 14:54:55	Giana Bitencourt Frizzo	Aceito
Folha de Rosto	rosto.pdf	19/06/2017 14:52:51	Giana Bitencourt Frizzo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado
Necessita Apreciação da CONEP:
Não

PORTO ALEGRE, 05 de Outubro de
2017

Assinado por:

Clarissa Marcell Trentini (Coordenador)

**ANEXO B: QUESTIONÁRIO DE DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS
(NUFABE, 2017)**

1. Dados Gerais

() Mãe () Pai

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos Local de nascimento: _____

Raça/etnia: _____

Endereço atual: _____

Bairro: _____ Cidade/UF: _____

Fone: _____ Celular: _____

Email: _____

Status de relacionamento: () solteiro(a) () namorando () casado(a) () morando junto () separado(a)/divorciado(a) () viúvo(a)

Se casado ou morando junto, tempo de união: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____ série () Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual sua ocupação: _____ Quantas horas de trabalho/semana? _____

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

() Nenhuma renda

() De 6 a 9 salários mínimos (R\$ 5.622,00 até R\$ 8.433,00)

() Até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00)

() De 9 a 12 salários mínimos (R\$ 8.433,00 até R\$ 11.244,00)

() De 1 a 3 salários mínimos (R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00)

() De 12 a 15 salários mínimos (R\$ 11.244,00 até R\$ 14.055,00)

() De 3 a 6 salários mínimos (R\$ 2.811,00 até R\$ 5.622,00)

() Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.055,00)

Quantas pessoas dependem dessa renda? _____

Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

2. Dados do companheiro(a) atual

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos Local de nascimento:

Raça/etnia: _____

Endereço atual:

Bairro: _____ Cidade: _____ Fone:

_____ Celular:

_____ Email:

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____ série () Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual ocupação: _____

Quantas horas de trabalho/semana? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

Seu companheiro (a) tem outros filhos? () sim () não Quantos? _____

Idades: _____

4.Dados sobre seu filho(a)

Nome:

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos Local de Nascimento:

Raça/etnia: _____

Possui irmãos: () sim () não Quantos: _____ Idade outros filhos _____

Seu filho frequenta creche/escola: () não () sim, particular () sim, pública Quantas horas por semana: _____

Seu filho nasceu a termo? () sim () não . Nasceu com ____ semanas

Seu filho tem algum problema de saúde () não () sim. Qual

ANEXO C: QUESTIONÁRIO SOBRE USO DE MÍDIAS

* 35. Marque todos os itens que você tem:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Smartphone (aparelho que você pode enviar e-mails, assistir vídeos ou acessar a internet nele) | <input type="checkbox"/> Aparelho de videogame como X-box, Playstation ou Wii |
| <input type="checkbox"/> Telefone celular comum (apenas para falar ou enviar mensagens de texto) | <input type="checkbox"/> Aparelho de videogame portátil (por exemplo: Gameboy, PSP ou Nintendo DS) |
| <input type="checkbox"/> TV a cabo ou por satélite | <input type="checkbox"/> Mp4 ou iPod |
| <input type="checkbox"/> Gravador de vídeo digital através da sua empresa de TV a cabo | <input type="checkbox"/> Tablet (por exemplo: iPad, Galaxy Tab, laptop Surface) |
| <input type="checkbox"/> Aparelho de DVD | <input type="checkbox"/> Leitor eletrônico (por exemplo: Kindle, Nook, Lev ou outros semelhantes) |
| <input type="checkbox"/> Computador portátil (Notebook) | <input type="checkbox"/> Smart TV, Chromecast ou Apple TV (uma maneira de conectar sua TV à internet para que você possa baixar ou passar programas de TV ou filmes no seu aparelho de TV) |
| <input type="checkbox"/> Computador de mesa (Desktop) | <input type="checkbox"/> Serviço de streaming (por exemplo: Netflix, iTunes, NOW, Google Play filmes e TV, Crackle ou outros semelhantes) |
| <input type="checkbox"/> Acesso à internet de alta velocidade (cabo ou wi-fi) | <input type="checkbox"/> Nenhum |
| <input type="checkbox"/> Acesso à internet 3G ou 4G | |

* 36. Com que frequência a TV está ligada na sua casa, mesmo que ninguém esteja realmente assistindo?

- | | |
|--------------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="radio"/> Sempre | <input type="radio"/> Raramente |
| <input type="radio"/> Frequentemente | <input type="radio"/> Nunca |
| <input type="radio"/> Às vezes | <input type="radio"/> Não se aplica |

* 37. De que forma você utiliza TV em casa? Marque todas que se aplicam:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Não tenho/Não uso TV em casa | <input type="checkbox"/> A/O irmã(o) mais velha(o) do meu bebê escolhe e a família assiste junto |
| <input type="checkbox"/> A família alterna o uso. Existem momentos só com conteúdo para o bebê e outros momentos só com conteúdo para os adultos da família | <input type="checkbox"/> A/O irmã(o) mais velha(o) alterna o uso com o meu bebê |
| <input type="checkbox"/> Eu escolho o conteúdo e meu bebê assiste sozinho | <input type="checkbox"/> Meu bebê escolhe o conteúdo e a família assiste junto |
| <input type="checkbox"/> Eu escolho o conteúdo e a família assiste junto | <input type="checkbox"/> Meu bebê escolhe o conteúdo e assiste sozinho |
| <input type="checkbox"/> A/O irmã(o) mais velha(o) do meu bebê escolhe e eles assistem juntos | |

* 38. Qual dos seguintes itens seu filho(a) tem? Marque todos que se aplicam:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Smartphone (Em outras palavras, aparelho de celular no qual ele pode acessar a internet, usar aplicativos ou assistir a vídeos) | <input type="checkbox"/> Leitor eletrônico (por exemplo: Kindle, Nook, Lev ou outros semelhantes) |
| <input type="checkbox"/> MP4 ou iPod | <input type="checkbox"/> Uma TV no quarto dele |
| <input type="checkbox"/> Tablet (por exemplo: iPad, Galaxy Tab ou outro tablet Android) | <input type="checkbox"/> Nenhum destes |
| <input type="checkbox"/> Aparelho de videogame portátil (por exemplo: Gameboy, PSP ou Nintendo DS) | |

* 39. Quais são os motivos pelos quais seu filho(a) tem uma TV no quarto? Marque todos que se aplicam.

- Ele(a) não tem uma TV no quarto
- Ajudar ele(a) a dormir.
- Manter ele(a) ocupado(a) no quarto para que eu possa fazer outras coisas em casa.
- Liberar as outras TVs para que outros membros da família possam assistir a seus próprios programas.
- Outro (especifique)

- Recompensar pelo bom comportamento.
- Porque ele(a) divide o quarto com alguém
- Compramos uma nova TV e decidimos dar a ele(a) a antiga.

* 40. Seu filho(a) utiliza algum dispositivo móvel (smartphone, tablet ou DVD portátil) e/ou computador (notebook ou desktop)?

- Sim
- Não

41. Se sim, com quantos meses ele(a) começou a utilizar algum dispositivo móvel?

* 42. Pensando no uso que seu filho(a) faz dos dispositivos móveis (smartphone ou tablet) com que frequência

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca	Não se aplica
Ele utiliza sozinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ele utiliza na presença de um adulto (Exemplo: O bebê está usando e a mãe está fazendo outra coisa no mesmo ambiente)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ele utiliza interagindo com um adulto (Exemplo: Mãe e bebê estão utilizando juntos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 43. Com que frequência seu filho usa mais de um tipo de tecnologia por vez? (por exemplo, jogar no celular enquanto ele(a) está assistindo à TV)

- Sempre
- Frequentemente
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

* 44. Seu filho(a) usa algum dispositivo móvel para realizar as atividades abaixo? Marque todas que se aplicam:

	Em um smartphone	Em um tablet	Em um notebook	Não se aplica
Assistir a programas de TV ou filmes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Assistir a vídeos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Usar aplicativos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jogar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ler livros digitais (E-books)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer outra atividade (Por exemplo: Desenhar)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

* 45. Com que frequência seu filho(a) realiza as atividades a seguir?

	Ele não realiza esta atividade	Menos de uma vez por semana	Somente um dia por semana	De dois a três dias por semana	Mais de quatro dias por semana
Assistir a DVDs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistir à televisão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Usar o computador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ver livros em leitor eletrônico (por exemplo: Kindle, Nook, Lev ou outros semelhantes)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogar videogames (por exemplo: X-box, Playstation ou Wii)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogar em aparelho de videogame portátil (por exemplo: Gameboy, PSP ou Nintendo DS)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Usar um dispositivo móvel (por exemplo: smartphone ou tablet) para jogar, usar aplicativos ou assistir a vídeos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 46. Pensando em um dia durante a semana (de segunda à sexta-feira), marque quanto tempo seu(a) filho (a) passou:

	Entre						
	Até 15 minutos	De 15 até 30 minutos	30 minutos e 1 hora	Entre 1 hora e 2 horas	Entre 2 e 4 horas	Mais de 4 horas	Não se aplica
Ouvindo música (apenas o som, sem o estímulo visual)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistindo a TV e/ou DVDs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistindo a vídeos (como Netflix e Youtube) ou a programas de TV em um dispositivo móvel (por exemplo: smartphone ou tablet)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistindo a vídeos ou a programas de TV em um computador (desktop ou notebook)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogando videogames (por exemplo: X-box, Playstation ou Wii) ou jogos no computador (desktop ou notebook)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogando em um smartphone, tablet, aparelho de videogame portátil (por exemplo: Gameboy, PSP ou Nintendo DS) ou outro dispositivo móvel	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Usando outros tipos de aplicativos em um smartphone, tablet ou outro dispositivo móvel	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Usando programa educativo (não jogos) em um computador (desktop ou notebook)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazendo outras atividades (por exemplo: desenhar ou tirar fotos) em um computador (desktop ou notebook) ou em um dispositivo móvel (por exemplo: smartphone ou tablet)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 47. Agora pensando no final de semana, você considera que o uso que seu filho(a) faz é maior ou menor do que durante a semana?

- Maior
- Menor
- Igual

* 48. Agora pense em você: em um dia típico, quanto tempo aproximadamente você passou fazendo alguma das atividades abaixo

	Até 30 minutos	Entre 30 minutos e 1 hora	Entre 1 hora e 2 horas	Entre 2 e 4 horas	Mais de 4 horas	Não se aplica
Ouvindo música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lendo livros, revistas ou jornais eletrônicos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistindo a TV e/ou DVDs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistindo a vídeos, séries, filmes ou a programas de TV em um dispositivo móvel (por exemplo: smartphone ou tablet) ou em um computador (notebook)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistindo a vídeos, séries, filmes ou a programas de TV em um computador (desktop)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogando videogames no próprio aparelho (por exemplo: X-box, Playstation ou Wii) ou no computador (desktop)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogando em um dispositivo móvel (por exemplo: smartphone ou tablet) ou aparelho de videogame portátil (por exemplo: Gameboy, PSP ou Nintendo DS)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Usando as redes sociais ou outros aplicativos para organização pessoal em um dispositivo móvel (por exemplo: smartphone ou tablet)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trabalhando no computador (desktop ou notebook)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Usando um programa educativo (não jogos) em um dispositivo móvel (por exemplo: smartphone ou tablet) ou em um computador (desktop ou notebook)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 49. Com que frequência você realiza as seguintes atividades?

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca	Não se aplica
Eu deixo meu filho(a) jogar com o meu Gameboy, PSP ou Nintendo DS	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu deixo meu filho(a) brincar com meus dispositivos móveis (por exemplo: smartphone ou tablet) em momentos de lazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu deixo meu filho(a) brincar com meus dispositivos móveis (por exemplo: smartphone ou tablet) quando estou ocupada para ele se distrair	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu utilizo meus dispositivos móveis (por exemplo: smartphone ou tablet) enquanto meu filho(a) está brincando	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu deixo meu filho(a) assistir meus programas junto comigo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu costumo assistir a desenhos e filmes infantis junto com meu filho(a)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 50. Com que frequência, seu filho(a) realiza as seguintes atividades

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca	Não se aplica
Assiste a programas educativos na TV, que ensinam algo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assiste a programas infantis de entretenimento na TV	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assiste a programas de TV para adultos como novelas, reality shows (por exemplo: Big Brother Brasil, The Voice) e séries	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Joga jogos que são educativos em um videogame (como um Xbox, PlayStation ou Wii)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Joga jogos que são educativos em um Gameboy, PSP ou Nintendo DS	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Joga, usa aplicativos ou realiza atividades educativas em um dispositivo móvel (por exemplo: smartphone ou tablet)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Entra em sites educativos ou informativos on-line (Observação: não considerar tutoriais do YouTube, por exemplo)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 51. Você costuma baixar aplicativos para o seu filho(a)?

- Sim
 Não

* 52. Caso você tenha baixado aplicativos para seu filho(a), marque todas que se aplicam:

- Eu não baixei aplicativos para meu filho(a) Eu baixei no smartphone dele
 Eu baixei no meu smartphone Eu baixei no tablet dele
 Eu baixei no meu tablet

* 53. Quais foram os aplicativos que você baixou para seu filho usar no seu aparelho? Marque todas que se aplicam:

- Eu não baixo aplicativos para meu filho no meu aparelho Aplicativos de vídeos (por exemplo: Youtube Kids, Netflix Kids)
 Aplicativos educativos que estimulam a aquisição de algum conteúdo (por exemplo: Lingo Kids, Learn to play, Baby Puzzles) Aplicativos de jogos e entretenimento (por exemplo: Subway Surface, Talking Tom)
 Aplicativos musicais (por exemplo: Patrulha Canina, Mundo Bitá, Spotify)

* 54. Aproximadamente quantos dos aplicativos que você baixou para seu filho(a) são aplicativos educativos (aplicativos que são projetados para ensinar algo para as crianças)?

- Eu não baixei aplicativos para meu filho (a) Mais da metade deles
 Todos eles Menos da metade deles
 Cerca de metade deles Nenhum

* 55. Em quais destas rotinas você costuma oferecer dispositivos móveis (por exemplo: smartphone, tablet, DVD portátil) para seu filho(a)? Marque todas que se aplicam:

- Dormir Trocar de roupas
 Comer Dar remédios
 Amamentar Para ele ir ao banheiro
 Dar banho Não costumo oferecer
 Trocar fralda

* 56. Quando você permite que seu(a) filho(a) utilize dispositivos móveis (smartphone, tablet ou DVD portátil)? Marque todas que se aplicam:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Em viagens de curta duração (carro, ônibus, trem ou avião) | <input type="checkbox"/> Na hora de lazer |
| <input type="checkbox"/> Em viagens de longa duração (carro, ônibus, trem ou avião) | <input type="checkbox"/> Ao fazer compras (por exemplo: shopping ou supermercado) |
| <input type="checkbox"/> Em festas | <input type="checkbox"/> Em consultas médicas |
| <input type="checkbox"/> Ao fazer refeições em casa | <input type="checkbox"/> Em filas e esperas (por exemplo: fila de banco) |
| <input type="checkbox"/> Ao fazer refeições em restaurantes | <input type="checkbox"/> Eu não ofereço dispositivos móveis (smartphone, tablet, notebook ou DVD portátil) |
| <input type="checkbox"/> Ao visitar a casa de amigos e familiares | |

* 57. Em quais momentos você sente mais necessidade de oferecer dispositivos móveis (smartphone, tablet ou DVD portátil) para seu filho(a)? Marque todas que se aplicam:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Quando estou resolvendo questões do trabalho em casa | <input type="checkbox"/> Quando estou fazendo atividades domésticas (por exemplo: cozinhando) |
| <input type="checkbox"/> Quando estou trabalhando de casa (no caso do seu trabalho ser em casa) | <input type="checkbox"/> Quando estou recebendo visitas em casa |
| <input type="checkbox"/> Quando estou estudando | <input type="checkbox"/> Quando quero descansar |
| <input type="checkbox"/> Quando estou tomando banho ou preciso ir ao banheiro | <input type="checkbox"/> Quando estou brincando com meu filho |

* 58. Por que você utiliza os dispositivos móveis (smartphone, tablet ou DVD portátil) com seu filho(a)? Marque todas que se aplicam.

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Para ele(a) se distrair enquanto estou realizando alguma tarefa em casa | <input type="checkbox"/> Para acalmá-lo(a) |
| <input type="checkbox"/> Para que ele(a) possa aprender algo | <input type="checkbox"/> Para não perturbar quem está em volta |
| <input type="checkbox"/> Para que eu possa brincar com ele(a) | <input type="checkbox"/> Para eu descansar |
| <input type="checkbox"/> Para entretê-lo(a) quando estamos fora de casa | <input type="checkbox"/> Eu não ofereço dispositivos móveis (por exemplo: smartphone, tablet ou DVD portátil) para ele(a) |

* 59. Como seu filho(a) reage quando você está utilizando algum dispositivo móvel (smartphone ou tablet)? Marque todas que se aplicam:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ele(a) fica chamando a minha atenção | <input type="checkbox"/> Ele(a) quer utilizar junto comigo |
| <input type="checkbox"/> Ele(a) começa a chorar | <input type="checkbox"/> Ele(a) parece não se importar se eu uso algum dispositivo móvel (por exemplo: smartphone ou tablet) |
| <input type="checkbox"/> Ele(a) fica irritado | |

* 60. Como normalmente seu filho(a) reage quando você não permite que ele utilize dispositivos móveis (smartphone ou tablet)? Marque todas que se aplicam.

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Ele(a) não pede para utilizar dispositivos móveis (por exemplo: smartphone ou tablet) | <input type="checkbox"/> Ele(a) assiste televisão |
| <input type="checkbox"/> Nunca aconteceu, sempre que ele(a) solicita eu deixo ele(a) utilizar | <input type="checkbox"/> Ele(a) não aceita bem, mas logo se envolve com outra atividade/brinquedos |
| <input type="checkbox"/> Ele(a) fica indiferente, parece não se importar com os dispositivos móveis (por exemplo: smartphone ou tablet) | <input type="checkbox"/> Ele(a) fica irritado ou chateado e fica difícil envolvê-lo(a) em outra atividade |
| <input type="checkbox"/> Ele(a) explora seus brinquedos e se distrai com isso | |

* 61. Em relação ao tempo que você passa com outros membros de sua família, você acredita que dispositivos como

	nos fazem passar mais tempo com outros membros da família	nos fazem passar menos tempo com outros membros da família	não fazem muita diferença em quanto tempo passamos com outros membros da família
Celulares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tablets	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Computadores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vídeo games	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
TV	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 62. O pediatra já falou com você sobre o uso de tecnologias do seu filho(a)?

- Sim
 Não

* 63. Algum outro profissional já falou com você sobre o uso de tecnologias do seu filho(a)?

- Não
 Sim, um fonoaudiólogo
 Sim, um enfermeiro
 Sim, um professor
 Sim, um psicólogo
 Sim, outro
 Sim, o médico da família

ANEXO D: TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estudo on-line quantitativo sobre como famílias fazem uso da tecnologia e telas

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “**Estudo on-line quantitativo sobre como famílias fazem uso da tecnologia e telas**” conduzida pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nosso objetivo é mapear, através de um levantamento **online**, questões que parecem importantes sobre o uso da tecnologia e das telas pelas famílias. O questionário vai abordar questões que se referem a quais mídias são utilizadas, tempo, periodicidade pelas crianças e também por seus pais, além de contemplar aspectos específicos do desenvolvimento infantil e da saúde materna.

Para participar da pesquisa, será necessário dispor de aproximadamente 30 minutos para responder o questionário autoaplicado. Sua participação ajudará a traçar um panorama geral sobre o uso das tecnologias e telas e para que se possa entender melhor sobre o tema. Esperamos que os resultados desta pesquisa possam contribuir tanto para a literatura científica, quanto para os profissionais que atuam na área.

Esta pesquisa recebeu parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, sob o nº -- em --.

Caso você tenha interesse em participar, deve concordar com as seguintes condições:

- Sua **participação é voluntária**, você poderá deixar a pesquisa sem quaisquer consequências, penalizações ou prejuízos a qualquer momento.

- Sua participação é **sigilosa e confidencial** e não há possibilidade de fazer nenhuma devolução individual dos resultados.

- Você não terá qualquer tipo de despesa assim como nada lhe será remunerado.

- As informações obtidas por meio desta pesquisa serão arquivadas sob a guarda dos pesquisadores responsáveis durante 5 (cinco) anos na sala 112 do Instituto de Psicologia da UFRGS e, após este período, serão deletadas. Os resultados deste estudo serão divulgados em meio científico.

- Os **riscos e inconveniências são mínimos**. Você pode sentir eventual desconforto ou cansaço no preenchimento do questionário. Você pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis caso necessite assistência.

- Uma vez iniciado o questionário, você deve completá-lo até o final. Não é possível interromper e salvar as respostas.

Pesquisadora responsável: Prof. Dra. Giana Bitencourt Frizzo - Telefone: (51) 3308-5111 – E-mail: bebesetecnologias@gmail.com

Questões éticas podem ser encaminhadas para a pesquisadora responsável bem como para o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS:

Telefone: (51) 3308.5698. E-mail cep-psico@ufrgs.br

Rua Ramiro Barcelos, 2600 Porto Alegre/RS

Aceito participar

Não aceito participar

ANEXO E: SELF REPORT QUESTIONNAIRE (SRQ-20)

Self Report Questionnaire - SRQ- 20	
<p>Instruções:</p> <p>Estas questões são relacionadas a certas dores e problemas que podem ter lhe incomodado os últimos 30 dias. Se você acha que a questão se aplica a você e você teve o problema descrito nos últimos 30 dias responda SIM. Por outro lado, se a questão não se aplica a você e você não teve o problema nos últimos 30 dias, responda NÃO.</p>	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
1- Você tem dores de cabeça frequentes?	Sim () Não ()
2- Tem falta de apetite?	Sim () Não ()
3- Dorme mal?	Sim () Não ()
4- Assusta-se com facilidade?	Sim () Não ()
5- Tem tremores nas mãos?	Sim () Não ()
6- Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)?	Sim () Não ()
7- Tem má digestão?	Sim () Não ()
8- Tem dificuldades de pensar com clareza?	Sim () Não ()
9- Tem se sentido triste ultimamente?	Sim () Não ()
10- Tem chorado mais do que costume?	Sim () Não ()
11- Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?	Sim () Não ()
12- Tem dificuldades para tomar decisões?	Sim () Não ()
13- Tem dificuldades no serviço? (seu trabalho é penoso, lhe causa sofrimento?)	Sim () Não ()
14- É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	Sim () Não ()
15- Tem perdido o interesse pelas coisas?	Sim () Não ()
16- Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?	Sim () Não ()
17- Tem tido ideia de acabar com a vida?	Sim () Não ()
18- Sente-se cansado (a) o tempo todo?	Sim () Não ()
19- Você se cansa com facilidade?	Sim () Não ()
20- Têm sensações desagradáveis no estomago?	Sim () Não ()

Contato do Participante (opcional, se você quiser saber sobre resultados da pesquisa no futuro)

Seu nome: _____

Endereço de e-mail: _____